



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

GREICI MORATELLI SAMPAIO

**ESTUDO SINTÁTICO DAS PREPOSIÇÕES [PARA] E [A] EM CONSTRUÇÕES
TRIARGUMENTAIS NA GRAMÁTICA DE CHAPECÓ E REGIÃO**

Chapecó
2018

GREICI MORATELLI SAMPAIO

**ESTUDO SINTÁTICO DAS PREPOSIÇÕES [PARA] E [A] EM CONSTRUÇÕES
TRIARGUMENTAIS NA GRAMÁTICA DE CHAPECÓ E REGIÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, sob a orientação da Profa. Dra. Aline Peixoto Gravina.

Chapecó

2018

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Sampaio, Greici Moratelli
ESTUDO SINTÁTICO DAS PREPOSIÇÕES [PARA] E [A] EM
CONSTRUÇÕES TRIARGUMENTAIS NA GRAMÁTICA DE CHAPECÓ E
REGIÃO/ Greici Moratelli Sampaio. -- 2018.
116 f.

Orientadora: Aline Peixoto Gravina.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em
Estudos Linguísticos - PPGEL, Chapecó, SC, 2018.

1. Ficha catalográfica. I. Gravina, Aline Peixoto,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

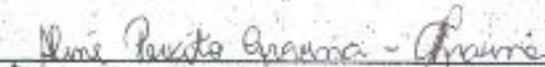
GREICI MORATELLI SAMPAIO

**TÍTULO: ESTUDO SINTÁTICO DAS PREPOSIÇÕES "PARA" E "A" EM
CONSTRUÇÕES TRIARGUMENTAIS DE CHAPECÓ E REGIÃO**

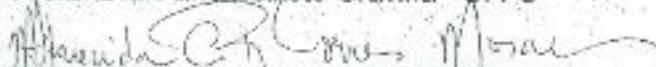
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em estudos linguísticos, defendido em banca examinadora em 21/02/2018.

Aprovado em: 21/02/2018

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Alne Peixoto Gravira - UFFS



Profa. Dra. Maria Aparecida Correia Ribeiro Torres Moraes - USP



Profa. Dra. Ani Carla Marchesari - UFFS

Profa. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto - UFFS

Chapecó/SC, 21 de fevereiro de 2018

À minha família, obrigada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o apoio incondicional da minha família, especialmente à minha mãe, ao meu esposo e às minhas filhas, por acreditarem e respeitarem meu sonho. Além disso, entender todos os momentos em que estive ausente para a realização deste projeto.

À professora Aline Peixoto Gravina agradeço, imensuravelmente, pelo profissionalismo, paciência e, sobretudo, por acreditar em meu trabalho e aceitar ser minha orientadora. Pelo aprendizado que me proporcionou de forma generosa e profissional. Posso dizer, com toda certeza, que o conhecimento acumulado nesse período me transformou. Encerro esse ciclo com mais capacidade para os desafios profissionais que o “ser professor” exige. Obrigada.

À professora Ani Marchesan, por aceitar fazer parte da minha banca de qualificação e defesa, pelas considerações relevantes que possibilitaram o desenhar da pesquisa de modo mais preciso.

À professora Maria Aparecida Torres-Morais, pela conversa enriquecedora sobre o tema da minha pesquisa, pelas valiosas explicações sobre o fenômeno em estudo e por aceitar fazer parte da minha banca de qualificação e defesa.

À professora Claudia A Rost Snichelotto, pela solicitude sempre que precisei de sua ajuda, pela generosidade nos momentos em que precisei de seu auxílio. Obrigada.

Ao PPGEL, aos professores, à Secretaria e demais colaboradores, pelas explicações e pelo pronto atendimento nos momentos de dúvidas burocráticas.

Às minhas colegas de profissão Elisangela, Luciana e Gabriel, pelos muitos momentos que tiveram a paciência de ouvir sobre meu tema, sobre minhas dúvidas. Por aceitarem ler o meu trabalho e pelas sugestões dadas.

À minha querida colega de graduação, mestrado e amiga Raphaela, pelos muitos momentos acadêmicos e de amizade que vivenciamos nos últimos anos, pelas palavras de ânimo, pela paciência de saber ouvir e de falar e o que falar nos muitos momentos de dúvida e angústia. Obrigada.

À Capes, pela bolsa concedida durante o desenvolvimento desta dissertação.

“Toda a língua são rastros de velhos
mistérios.”

(Guimarães Rosa)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever como se apresenta o uso das preposições [para] e [a] nas construções com verbos triargumentais na gramática dos chapecoenses e região. Diversos estudos sobre o fenômeno foram realizados, dentre eles, Silveira (1999), Berlinck (2007), Liz (2009), Berlinck (2011), Torres-Morais (2010,2012), Campos (2010), Chaves (2013) confirmaram uma alternância de uso das preposições citadas com o apagamento da preposição [a] e a recategorização do pronome clítico [lhe]. A alternativa utilizada em lugar da preposição [a] é o uso da preposição [para] e, no lugar do clítico [lhe], os pronomes retos [ele/ela], tendo como consequência a perda de construções dativas categóricas no português brasileiro. Buscou-se, com este estudo, ampliar os contextos analisados e descrever quais os fatores que determinaram a escolha da preposição introdutora de argumento interno preposicionado, especificamente em construções com verbos triargumentais. Para tanto, como arcabouço teórico, seguiram-se os pressupostos da Teoria Gerativa; como metodologia, o *corpus* constitui-se por dados de dois programas de entrevistas televisivas com falantes de Chapecó e da região Oeste de Santa Catarina. As análises das sentenças produzidas nesses programas revelam uma preferência pela preposição [para] em detrimento de [a], corroborando os resultados de alguns estudos na área que indicam a perda da construção dativa no PB e, em seu lugar, o crescimento do uso de construções com argumento interno preposicionado introduzido por [para]. Do mesmo modo, o pronome clítico [lhe] não está mais presente na gramática do PB, pelos menos não como 3ª pessoa. Em seu lugar, há construções com a preposição [para] e os pronomes [ele/ela], [você], [a gente], entre outros. Algo que contribuiu para a variação das preposições foi as mudanças do quadro pronominal do PB, que explicam, em parte, a perda das construções dativas no PB. Fatores que influenciaram na preferência pelo uso da preposição [para] em relação à preposição [a] foram os valores sintáticos e semânticos da preposição [para], uma vez que assumiu-se, nesse estudo, tratar-se de uma preposição semilexical – termo definido por Littlefield (2006). Em outras palavras, a preposição [para], ao ser classificada como semilexical, estaria disponível para ocorrer em contextos funcionais de verbos triargumentais. Dessa forma, o PB estaria perdendo o caso dativo e apresentando apenas o caso oblíquo nesses contextos.

Palavras-chave: Sintaxe. Verbos triargumentais. Preposições. Argumentos internos.

Dativos.

ABSTRACT

The present study aims at describe how the use of prepositions [para] and [a] in dative or oblique constructions with tri-argumentative verbs in the grammar of the chapecoenses and region is presented. Several studies on the phenomenon were carried out; among them Silveira (1999), Berlinck (2007), Liz (2009), Berlinck (2011), Torres-Morais (2010,2012), Campos (2010), Chaves (2013) confirm an alternation of use of the mentioned prepositions, with the erasure of the preposition [a] and the recategorization of the clitic pronoun [lhe]. The alternative used in place of the preposition [a] is the use of the preposition [para] and, instead of the clitic [lhe], the straight pronouns [ele/ela], resulting in the loss of categorical dative constructions in Brazilian Portuguese. The aim of this study is to broaden the contexts analyzed and to describe the factors that determined the choice of the introductory preposition for prepositional internal arguments, specifically in constructions with tri-argumentative verbs. For this, as a theoretical framework, the assumptions of the Generative Theory are followed; as a methodology, the corpus is constituted by data from two television talk shows with speakers from Chapecó and the Western region of Santa Catarina. The analyzes of the sentences produced in these programs show a preference for the preposition [para] to the detriment of [a], corroborating the results of some studies in the area that indicate the loss of the dative construct in BP and, instead, the growth in the use of constructs with internal prepositional argument introduced by [para]. Likewise, the clitic pronoun [lhe] is no longer present in the grammar of BP, at least not as 3rd person. In its place, there are constructions with the preposition [para] and the pronouns [ele/ela], [você], [a gente], among others. Something that contributed to the variation of the prepositions was the changes of the pronominal frame of the BP, that explain, in part, the loss of the constructions dativas in the BP. Factors that influenced in the preference for the use of the preposition [para] in relation to the preposition [a] were the syntactic and semantic values of the preposition [para], since it was assumed in this study to be a semilexical preposition defined by Littlefield (2006). In other words, the preposition [para], when classified as semilexical, would be available to occur in functional contexts of tri-argumentative verbs. In this way, BP would be losing the dative case and presenting only the oblique case in these contexts.

Keywords: Syntax. Tri-argumentative verbs. Prepositions. Internal arguments. Dative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Quadro pronominal.....	25
Figura 1	Imagem da página <i>on-line</i> do programa Ver Mais	60
Figura 2	Imagem da página <i>on-line</i> do programa Ver Mais	61
Figura 3	Imagem da página <i>on-line</i> do programa Oeste Rural	62
Figura 4	Imagem da página <i>on-line</i> do programa Oeste Rural	62
Figura 5	Representação da preposição [para]	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Variações do argumento interno preposicionado com verbos triargumentais	71
Tabela 2	Varição da ordem dos argumentos internos.....	75
Tabela 3	Verbos de transferência material/perceptual e verbal	77
Tabela 4	Verbos de movimento físico e abstrato	79
Tabela 5	Argumentos nulos	81
Tabela 6	Quadro geral de sentenças com [para], [a] e argumentos nulos	81
Tabela 7	Traços semânticos referentes aos argumentos internos nulos (AIN) ...	82
Tabela 8	Quadro de representação do AIP pronominalizado	84

LISTA DE ABREVIATURAS

AE	Argumento externo
AI	Argumento interno
AIN	Argumento interno nulo
AIP	Argumento interno preposicionado
CI	Complemento indireto
CIN	Complemento indireto nulo
CO	Complemento oblíquo
DP	Determinante
NP	Nome
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PP	Preposição
V	Verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	
CONCEITOS GRAMATICAIS E REVISÃO DA LITERATURA.....	20
1.1 A NOMENCLATURA DOS COMPLEMENTOS VERBAIS.....	20
1.2 COMPLEMENTOS DATIVOS E/OU COMPLEMENTOS PREPOSICIONADOS.....	21
1.3 COMPLEMENTO OBLÍQUO	24
1.4 O PRONOME CLÍTICO [LHE]	25
1.5 AS PREPOSIÇÕES [PARA] E [A]	27
1.6 PRESSUPOSTOS GERATIVAS.....	28
1.7 REVISÃO DA LITERATURA	30
1.7.1 Português brasileiro e português europeu: diferentes relações entre o argumento interno preposicionado com verbos triargumentais	31
1.7.2 Uma visão diacrônica dos usos das preposições [a] e [para], por Elaine Chaves (2013)	33
1.7.3 As construções dativas em verbos bitransitivos [=triargumentais] sob o olhar de Torres-Morais (2007, 2010,2012) Torres-Morais e Berlinck (no prelo).....	35
1.7.4 A realização variável do objeto indireto (dativo) na fala de Florianópolis, de Gessilene Silveira (1999)	38
1.7.5 Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro, um estudo de Christina Abreu Gomes (2003)	39
1.7.6 A perda do marcador dativo e algumas de suas consequências, de Maria Cristina Figueiredo Silva (2007)	41
1.7.7 O dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém, sob o olhar de Ednalvo Apóstolo Campos (2010).....	45
1.7.8 O uso de clíticos e preposições, aproximações e divergências entre o uso e a Gramática Normativa, um estudo de Rosane de Andrade Berlinck e Caroline Carnielli Biazolli (2011)	48

1.7.9	Construções triargumentais: uma distinção entre os complementos indiretos baseados em propriedades das preposições, tese de Lucilene Lisboa Liz (2009)	50
1.8	DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS DAS PESQUISAS APRESENTADAS NA REVISÃO DE LITERATURA.....	55
1.9	RESUMO DO CAPÍTULO.....	57

CAPÍTULO II

	METODOLOGIA	59
2.1	<i>CORPUS</i> – PROGRAMAS TELEVISIVOS.....	59
2.2	A JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO <i>CORPUS</i>	63
2.3	A COMPOSIÇÃO DOS DADOS PARA ANÁLISE	64
2.4	METODOLOGIA DE ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	65
2.4.1	Verbos triargumentais (bitransitivos)	66
2.4.2	Complemento dativo nulo ou objeto indireto nulo	68
2.4.3	Pronome clítico [lhe] e pronomes retos [ele/ela]	68
2.5	RESUMO DO CAPÍTULO.....	69

CAPÍTULO III

	ANÁLISE DOS DADOS	70
3.1	A PREPOSIÇÃO [A] E [PARA].....	70
3.2	A ORDEM DA ESTRUTURA SINTÁTICA DAS SENTENÇAS NOS DADOS ..	74
3.3	VERBOS DE TRANSFERÊNCIA MATERIAL/PERCEPTUAL E VERBAL E DE MOVIMENTO FÍSICO E ABSTRATO	76
3.4	DATIVO NULO OU ARGUMENTO NULO.....	81
3.5	O PRONOME CLÍTICO [LHE] E OS PRONOMES RETOS ELE/ELA	83
3.6	ANÁLISE DOS DADOS	86
3.7	RESUMO DO CAPÍTULO.....	94
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	100
	APÊNDICE	105

INTRODUÇÃO

Diferentes estudos procuram descrever a variação dos usos das preposições [para] e [a] como introdutoras do argumento interno preposicionado em construções com diferentes núcleos verbais triargumentais, verbos que selecionam três argumentos. Dentre os estudos mais recentes, podemos citar Silveira (1999), Gomes (2003), Figueiredo-Silva (2007), Liz (2009), Campos (2010), Berlinck (2011), Torres Morais (2010, 2012) e Chaves (2013).

As construções triargumentais são assim denominadas por apresentarem um núcleo verbal, por exemplo: *dar*, *pôr*, que selecionam três argumentos, sendo um preposicionado, que é introduzido pela preposição funcional [a], chamada de marcadora de dativo por ser uma preposição que não atribui papel temático. Outra característica do dativo é a possibilidade de ser pronominalizado pelo clítico [lhe]. O uso da preposição [a] é categórico nas construções triargumentais no PE e possui traços de posse e beneficiário, segundo Torres Morais (2010, p. 175).

No entanto, no português brasileiro, a preposição [a] vem perdendo espaço nas construções com verbos triargumentais na função de dativo. Em seu lugar, é cada vez maior o uso da preposição [para] considerada lexical, ou seja, marcadora de papel Θ e caso e no lugar do pronome clítico o uso dos pronomes retos ele/ela.

Assim, como classificar as sentenças desta natureza: “*A Maria deu o livro para o Pedro*”, amplamente produzida no PB? Haja vista que, nessa sentença, temos dois núcleos lexicais para o mesmo argumento: o verbo [dar], que pede três argumentos e atribui papel temático e caso a esses argumentos. Do mesmo modo, a preposição [para], presente na sentença, introduzindo o argumento interno preposicionado, também é um núcleo lexical e atribui papel temático e caso ao seu argumento. Diante dessa problemática, como explicar sintaticamente e semanticamente o uso de dois núcleos atribuidores de papel temático se, segundo a Teoria Gerativista, todo núcleo lexical deve atribuir somente um papel temático ao seu argumento?

Para desenvolver nossa pesquisa e responder ao problema apresentado, primeiramente, realizamos um amplo levantamento da literatura que existe sobre o fenômeno. Diante disso, podemos afirmar que muitas pesquisas foram realizadas e valem-se da análise de *corpus* de diferentes regiões do país, tanto da língua falada quanto da escrita para descrever esse fenômeno. Apesar de concordarem com os

resultados encontrados em alguns aspectos, divergem em outros, por exemplo: Torres Morais (2010, 2012) e Gomes (2003) indicam o desaparecimento da preposição [a], principalmente com verbos triargumentais, em contraste com Campos (2010), que indica a variação de uso, porém afirma que a preposição [a] ainda é produtiva em determinados contextos triargumentais, como por exemplo, com verbos de transferência material: [dar], [pedir], de movimento: [levar] e verbal [falar].

De modo geral, os trabalhos realizados procuram determinar se o fenômeno é uma variação ou uma mudança e os contextos iniciais com seus desdobramentos, mas não estão definidos quais os fatores que propiciam tal variação no PB, ou seja, o que determina a escolha da preposição [para] e como é licenciada?

Desse modo, acreditamos ser de grande relevância nosso estudo no sentido de ampliar as representações desse fenômeno no Português brasileiro, com dados da cidade de Chapecó e região do português contemporâneo, o que possibilita verificar quais são as formas de uso desse fenômeno nessa região.

O objetivo principal de nossa pesquisa foi analisar os usos das preposições [para] e [a], verificar quais os fatores que determinam a escolha da preposição [para] em vez da preposição [a] e como é autorizado o uso da preposição [para] em contextos, até então, específicos da preposição [a]. Para tanto, usamos como recorte de análise as construções sentenciais com verbos triargumentais, com as seguintes características: argumento preposicionado introduzido pela preposição [para] ou [a] e que fossem passíveis de pronominalização pelo clítico [lhe].

Como arcabouço teórico, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos da Gramática Gerativa; como metodologia, utilizamos dados da língua falada de Chapecó e região, especificamente entrevistas vinculadas a dois programas de televisão local, “Ver Mais” e “Ric Rural”, ambos da rede Record de televisão, com a finalidade de observar o uso da língua em contextos reais de interação.

Diante desse quadro de variação/mudança, surge às seguintes questões:

- a) Como se configura esse fenômeno da fala sincrônica, no século XXI, em Chapecó e região?
- b) A preferência de uso é pela preposição [para] ou [a] em que contextos?
- c) A preposição [a] não está mais sendo usada como introdutora do dativo em construções com verbos triargumentais? Se sim, existe algum fator sintático-

semântico que contribua para a perda da preposição [a] e a introdução da preposição [para] nessas construções?

Propomo-nos a pesquisar a gramática do uso das preposições [para] e [a] com verbos triargumentais. Para tanto, elencamos algumas hipóteses que nortearam este trabalho:

- a) Podemos afirmar, conforme Torres Morais (2010, 2012), que estamos em processo de desaparecimento da preposição [a] em construções dativas, devido ao fato da não produção das sentenças com dativos legítimos considerados pela autora ou da não realização do argumento interno preposicionado (doravante AIP nulo)?
- b) Quais foram os fatores, ou melhor, existem fatores sintáticos ou semânticos que contribuíram para a escolha entre as preposições [para] ou [a] em construções com verbos triargumentais? Há uma sistematização em relação à escolha da preposição e o verbo utilizado na sentença, ou seja, o núcleo verbal determina a escolha da preposição, se sim, seria outro sintagma que determina a escolha. Nesse caso qual(is)?
- c) As construções triargumentais introduzidas pela preposição [para] ocorrem somente com traços semânticos [-animados] e traços [+lugar] ou é possível sua produção em construções com traço [+animado], exclusivo da preposição [a], segundo resultados das pesquisas analisadas?
- d) Como se configura esse fenômeno na fala sincrônica na cidade de Chapecó e região na contemporaneidade? As características encontradas por Chaves (2013), desde o século XVIII e XIX, se mantêm ou houve alterações? Podemos dizer que o uso já descrito das preposições [para] e [a], nos séculos descritos por Chaves (2013), evoluiu ou se mantêm inalterado?
- e) Muitos linguistas já se debruçaram sobre o fenômeno em diferentes regiões do país: São Paulo, Rio de Janeiro, Belém do Pará, Fortaleza, Curitiba entre outras. E na região de Chapecó? Como se dá a ocorrência das construções triargumentais?

Nossa hipótese inicial segue os resultados de Torres Morais (2010, 2012), cujo estudo sugere: o aumento do uso da preposição [para] em todos os contextos verbais triargumentais; a não utilização do clítico [lhe]; o aumento do uso dos pronomes tônicos [ele/ela]. Segundo Torres Morais, parece que as preposições [a] e [para] estão diretamente ligadas ou possuem relação com o AIP e pessoa

gramatical. Desse modo, a hipótese que sobressairá no *corpus* será a de maior incidência da preposição [para] quando as sentenças tiverem como AIP um referente [+animado].

Para Chaves (2013), a variação no uso da preposição [a] e [para] teve início no século XVIII e expandiu-se nos séculos XIX e XX. Com esse quadro de evolução da variação, acreditamos que, no século XXI, houve uma expansão dos contextos de realização da preposição [para] e uma diminuição do uso da preposição [a], por exemplo, nos contextos marcados por traços [+humanos] e [+animados], corroborando os dados encontrados por Berlinck (2011).

Por último, acreditamos que existe uma mudança em andamento em relação ao uso da preposição [para] e [a] em construções dativas, como defendem Torres Morais (2010, 2012) e Figueiredo Silva (2007). O português brasileiro não está mais realizando a legítima construção dativa, sendo substituído por construções preposicionadas. Nossa pesquisa buscou verificar na região de Chapecó como o falante usa as construções triargumentais, com a preposição [para] ou [a]. São esses contextos de uso que demonstramos neste trabalho.

O levantamento dos dados e a análise criteriosa apresentaram números relevantes de sentenças com o uso da preposição [para] como introdutora do AIP em construções triargumentais, apesar de ainda existirem resquícios do uso da preposição [a]. Esses números demonstram um uso produtivo dessa preposição nos diferentes contextos analisados na cidade de Chapecó e região.

Em relação aos fatores que possam explicar o motivo da escolha pela preposição [para] ou [a], foram analisadas as sentenças nos seguintes contextos: de núcleo verbal: (I) verbos de transferência verbal, perceptual e material e verbos de movimento físico e abstrato; (II) estrutura sintática e ordem dos constituintes; (III) argumento nulo; (IV) pronome clítico [lhe] e pronomes retos [ele/ela].

Os resultados encontrados nos diferentes contextos trazem aspectos interessantes em relação aos estudos já realizados, como o aumento do uso de [para] em contextos que se mantinham exclusivos da preposição [a]. Ademais, os resultados referentes ao quadro pronominal chamou a atenção devido a uma grande variedade de pronomes utilizados para introduzir o argumento interno preposicionado sempre acompanhado da preposição [para].

Assim, o caminho que se apresenta para respondermos às questões postuladas são as mudanças no quadro pronominal e a natureza singular das

preposições, com foco na preposição [para]. Portanto, um dos possíveis caminhos refere-se à recategorização do clítico [lhe], que deixa de ser usado como 3ª pessoa e passa a ser usado como 2ª pessoa, abrindo espaço para a preposição [para] e os pronomes tônicos. Essa afirmação se baseia nas análises dos dados de fala compilados para esta pesquisa, pois, em todas as construções que temos um pronome como AIP, de qualquer pessoa gramatical, a preposição que o introduz é a preposição [para].

Além do mais, a categoria variável da preposição [para] possibilita seu uso em contextos exclusivos da preposição [a] em razão de seus valores sintáticos e semânticos. Segundo os estudos de Littlefield (2006), tomamos a categoria das preposições subdivididas em diferentes subcategorias e a preposição [para] é considerada semilexical para esse autor, ou seja, possui a capacidade de ora atribuir caso, ora papel temático ou os dois ao seu argumento dependendo do contexto. Logo, em construções com verbos triargumentais, a preposição [para] é funcional, sendo introduzida na construção triargumental, no lugar da preposição [a] devido ao valor de beneficiário, valor esse também presente na preposição [a]. Por esse motivo, os mesmos traços carregados pelas duas preposições [para] e [a], a preposição [para] é aceita nessas construções pelos seus falantes.

Estruturalmente, esta pesquisa assim se organiza: no capítulo I, descrevemos os conceitos necessários para compreender o fenômeno analisado: a diferença entre objeto indireto, dativo e complemento oblíquo. Apresentamos os conceitos-base que norteiam a pesquisa e uma breve explanação sobre as preposições [para] e [a]. Revisamos o quadro pronominal atual do português brasileiro e os usos do pronome clítico [lhe], que servem de base para compreender a variação das preposições nos contextos analisados. A revisão da literatura faz parte do capítulo I, com a descrição das principais pesquisas sobre a variação da preposição [para] e [a], que dialogam entre si e apresentam os resultados encontrados sobre a variação. A bibliografia serve como base para a definição dos contextos analisados em nossa pesquisa.

A metodologia e os dados são apresentados no capítulo II, no qual constam os espaços escolhidos para a coleta dos dados, assim como a apresentação desses espaços e quais os contextos coletados para posterior análise. A coleta dos dados em programas televisivos foi realizada com a intenção de verificar as ocorrências do fenômeno em uso pelos seus falantes, nesse caso, os cidadãos de Chapecó e

região, sem nenhuma influência ou interferência por parte do pesquisador. Assim, acreditamos que os contextos escolhidos cumprem com esses requisitos.

Em seguida, no capítulo III, encontra-se a descrição e análise dos dados, bem como as discussões entre nossos resultados e as pesquisas apresentadas no referencial de literatura. Por fim, as considerações finais sobre os resultados encontrados baseados nos pressupostos teóricos que norteiam esta dissertação.

CAPÍTULO I

CONCEITOS GRAMATICAIS E REVISÃO DA LITERATURA

Para compreendermos o fenômeno da variação do uso da preposição [para] e [a] como introdutoras de argumento interno preposicionado, em construções triargumentais, é importante o conhecimento de determinados conceitos e contextos gramaticais que se relacionam diretamente com o fenômeno em questão. Assim, nas seções que seguem, explanaremos sobre esses importantes conceitos, dentre eles: as diferentes nomenclaturas dadas aos complementos verbais e a posição que será assumida nesta pesquisa, o quadro pronominal apresentado pelos gramáticos e as particularidades do uso dos pronomes descritas pelos linguistas com foco no uso do pronome clítico [lhe], a conceituação da classe preposições e as características do uso das preposições [para] e [a], assim como as noções da teoria que ancoram a pesquisa, a saber, a Teoria Gerativa.

Em seguida, apresentamos a revisão da literatura, a qual é dedicada aos principais estudos realizados na área, especialmente no português brasileiro (doravante PB), e utilizados como suporte para esta pesquisa: Silveira (1999), Gomes (2003), Figueiredo-Silva (2007), Liz (2009), Campos (2010), Berlinck (2011), Torres Morais (2010, 2012), Chaves (2013) – tratados na seção 1.7.

1.1 A NOMENCLATURA DOS COMPLEMENTOS VERBAIS

Não há consenso entre os pesquisadores/linguistas na definição da nomenclatura utilizada para se referir ao sintagma verbal que apresenta a seleção de três argumentos: um argumento externo e dois argumentos internos, sendo um dos internos antecedido por preposição. Há a nomenclatura de bitransitivos, muito utilizada pelos autores das gramáticas tradicionais (CUNHA E CINTRA, 2008); outros preferem a nomenclatura de verbos ditransitivos, como Torres Morais (2010) e Calindro (2015). Neste estudo, optamos por utilizar a nomenclatura verbos triargumentais para os verbos que selecionam três argumentos, pois acreditamos que, dessa forma, não restam dúvidas a respeito de quais verbos destacamos no estudo.

O argumento interno preposicionado dos verbos triargumentais também apresenta uma pluralidade de nomenclatura na literatura. Alguns autores chamam

esse complemento verbal de objeto indireto; outros, de objeto oblíquo; outros, de complemento indireto; outros, de complementos oblíquos e outros, de dativos. No entanto, dentre essas possibilidades, precisamos estabelecer que nem todas são sinônimas e, portanto, pretendemos esclarecer não apenas as nomenclaturas escolhidas, mas também explicitar o porquê e quando utilizá-las.

Empregaremos o termo dativo para todo o sintagma na posição de argumento preposicionado de um verbo triargumental, precedido pela preposição [a] e que apresenta possibilidade de pronominalização pelos clíticos [lhe/lhes]. Essa definição segue os preceitos de Torres Morais (2010). Quando não se tratar de um dativo, mas ainda se tratar de um complemento de um verbo triargumental, denominaremos essas construções de Argumento Interno Preposicionado (doravante AIP). Essa diferença é de suma importância em nossa pesquisa, pois trabalharemos com a hipótese de que o PB, especialmente a variedade falada em Chapecó e região, não possui mais o verdadeiro dativo nas construções, ou seja, não se realizam mais as construções dativas com o uso da preposição [a]. Esses complementos seriam, em realidade, construções preposicionadas, porém com características diferentes. Buscaremos descrever e analisar esse fenômeno.

Chamaremos, ainda, de Argumento Interno não preposicionado (AI) o complemento do verbo triargumental que não for preposicionado, geralmente, chamado de objeto direto pela Gramática Tradicional.

1.2 ARGUMENTOS DATIVOS E/OU ARGUMENTOS PREPOSICIONADOS

A literatura acerca dos argumentos verbais descreve os dativos como argumentos de uma dada sentença. A categoria de argumento dativo é bem restrita e possui essencialmente as características descritas por diferentes linguistas. Dentre eles, Cavalcante e Figueiredo (2009, p. 93):

(i) são selecionados apenas por verbos bitransitivos, co-ocorrendo, portanto, com complementos diretos (realizados ou implícitos); (ii) não podem ser substituídos por clíticos acusativos nem passivizados e (iii) manifestam as funções semânticas de alvo / meta ou fonte / recipiente.

Essas características descritas podem ser observadas nas sentenças seguintes, nos exemplos de Cavalcante e Figueiredo (2009).

- (01) a. Maria entregou o assaltante **à polícia**. [alvo / meta]
 b. O policial ofereceu **ao acusado** uma alternativa. [alvo / meta]
 c. A equipe recebeu a taça **do presidente da federação**. [fonte]
 d. O ladrão roubou o relógio **ao Pedro**. [fonte]

(CALVACANTE; FIGUEIREDO, 2009, p. 93).

Ademais, segundo Calvacante e Figueiredo (2009), a configuração do argumento dativo na sentença se dá nos seguintes termos: construções que ocorrem preferencialmente com a preposição [a]; introduz sintagmas semanticamente classificados como [+] humano; esses sintagmas podem ser substituídos pela 3ª pessoa pelo pronome oblíquo *lhe* (2a, b):

- (02) a. Joana deu um livro a Pedro
 b. Joana deu-lhe um livro

Como pode ser visto nesse exemplo, o pronome oblíquo [lhe], que possui função dativa na sentença (2b), está substituindo o sintagma nominal [a Pedro], que ocorre com a anteposição de uma preposição [a] e é classificado semanticamente como um sintagma [+] humano. Na sentença (2b), temos a mesma estrutura sintática, porém o argumento interno [o livro] é substituído pelo clítico [lhe], conforme características das construções dativas. Logo, as sentenças (2a, b) preenchem todos os requisitos apresentados pelos autores para a classificação de construções dativas.

Além de Calvacante e Figueiredo (2009), Raposo e Gonçalves (2013, p. 1171) também definem o complemento dativo como aquele que “é realizado pelo pronome dativo [lhe] ou por um sintagma preposicional introduzido pela preposição *a*.”

Em relação à gramática normativa, Cunha e Cintra (2008) e Castilho (2010), dentre outros gramáticos, ao descreverem a língua portuguesa brasileira, até dividem a classificação dos argumentos preposicionados. No entanto, de maneira geral, no ensino, todos os complementos dos verbos que possuem preposição são chamados pelos autores de objeto indireto. Os gramáticos tradicionais ainda não levam em consideração a variação de determinados contextos entre as preposições [a] e [para], uma vez que são gramáticas prescritivas. A variação nesses

compêndios, geralmente, é tratada como “erro” ou, no máximo, uma exceção à regra.

Azeredo (2011) apresenta o AIP de verbos triargumentais, como “oferecer”, apenas com a preposição [a], [oferecer emprego aos jovens], sem fazer menção à possibilidade de uso da preposição [para]. Em relação ao pronome clítico [lhe], descreve-o como “função dativa na escrita formal [...] tanto para a pessoa de quem se fala quanto à pessoa do interlocutor” (AZEREDO, 2011, p. 258), podendo assumir a função acusativa como em [lhe convidado].

Na descrição de Bechara (2009), a função primordial do AIP é referir-se “à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento).” (BECHARA, 1999, p. 346). E chama a atenção para sentenças denominadas construções com dativos livres, que podem ou não estar diretamente relacionadas à sentença.

[...] remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são chamados *dativos livres* [...] (BECHARA, 1999, p. 348).

O autor subdivide os dativos livres em: 3(a) dativo de interesse , 3(b) dativo ético, 3(c) dativo de posse e 3(d) dativo de opinião.

- (03) a. Ele só trabalha *para os seus*.
- b. Não me enviem cartões a essas pessoas.
- c. O médico tomou o pulso *ao doente* (tomou-*lhe* o pulso).
- d. *Para ele* a vida deve ser intensamente vivida.

(BECHARA, 2009, p. 348).

Ao analisar os itens elencados, para caracterizar o que, neste trabalho, chamaremos de dativos, notamos diferenças entre linguistas e gramáticos normativos. Um desses pontos é a nomenclatura utilizada. Enquanto Calvalcante e Figueiredo (2009) chamam de dativos, Bechara (2009) denomina complemento indireto ou objeto indireto.

Dessa forma, o dativo pode ser introduzido pela preposição [a] em diferentes contextos. Por exemplo: em construções com verbos de criação, como preparar,

pintar (4a), assim como com verbos dinâmicos, interpretados como beneficiários (4b), dinâmicos não direcionais e estativos (4c), em que é interpretado como possuidor do AI não preposicionado. No contexto dos verbos de transferência e movimento (4d):

(04) a. O Pedro *preparou/fez* um jantar fantástico *aos pais*.

O Pedro *preparou/fez-lhes* um jantar fantástico.

b. A mãe *lavou/secou/cortou/penteou* o cabelo *ao filho*.

A mãe *lavou/secou/cortou/penteou-lhe* o cabelo.

c. O professor *avaliou/elogiou* as provas *aos estudantes*.

O professor *avaliou/admirou/elogiou* *lhes* as provas.

d. O Pedro *enviou/mandou* uma carta *ao diretor*.

(TORRES MORAIS, 2012, p. 29-31).

Nesta pesquisa, tomamos o cuidado de separar os contextos com verbos triargumentais e o argumento interno preposicionado, seja introduzido pela preposição [para], seja introduzido pela preposição [a]. Para mostrar a distinção, chamamos esse último grupo de dativos e o primeiro grupo apenas AIP.

Em resumo, ambos são Argumentos Internos Preposicionados (AIP), mas somente são classificadas como dativos as construções em que o argumento preposicionado for introduzido por [a] ou que puder ser pronominalizado por [lhe] no contexto.

1.3 COMPLEMENTO OBLÍQUO

Para melhor delimitação dos propósitos de análise, apresentamos as características do complemento oblíquo, apenas a título de informação, para que fique clara a diferença entre esse e o dativo. Não faremos nenhuma diferenciação neste momento entre complemento oblíquo e dativo ou argumento interno preposicionado, uma vez que o objetivo proposto é descrever os argumentos preposicionados de verbos triargumentais e buscar uma classificação para eles.

Desse modo, segundo Torres Morais (2012), o complemento oblíquo consiste em uma construção com argumento interno introduzido pelas preposições [para], [com] e [em] e recebe diferentes papéis temáticos. “A função OBL é muito produtiva na

expressão dos diferentes tipos de complementos/adjuntos preposicionados, entre eles, locativo(5a), instrumento (5b), comitativo (5c), etc.” (TORRES MORAIS, 2012, p. 175).

- (05) a. Ele colocou o caderno na estante.
 b. A cozinheira cortou o pão com a faca.
 c. O menino foi ao mercado com o pai.

As construções com complemento oblíquo são computadas nesta pesquisa de forma separada, essa decisão foi tomada devido ao fato de que os complementos oblíquos não serem pronominalizados pelo clítico [lhe], o que exclui, teoricamente, do nosso recorte de pesquisa que abarca construções passíveis de pronominalização por [lhe]. Além do mais, essas construções não são contextos de variação de uso da preposição [para] e [a], objeto principal desse estudo.

1.4 O PRONOME CLÍTICO [LHE]

As características descritas por Cavalcante e Figueiredo (2009), Torres Morais (2010, 2012) e Raposo e Gonçalves (2013), em relação ao verdadeiro dativo, levam em consideração a pronominalização pelo clítico [lhe] como uma de suas principais definições. Por isso, faremos uma breve descrição do quadro pronominal no PB.

Bechara (2009) apresenta o seguinte quadro pronominal clássico do PB:

Quadro 1 – Quadro pronominal

Pessoas	Pronomes retos	Pronomes pessoais	Oblíquos
		Átonos (sem preposição)	Tônicos (com preposição)
Singular			
1ª pessoa	Eu [a gente]	Me	Mim
2ª pessoa	Tu [você]	Te	Ti
3ª pessoa	Ele, ela	Lhe, o, a, se	Ele, ela, si
Plural			
1ª pessoa	Nós [a gente]	Nos	Nós
2ª pessoa	Vós [vocês]	Vos	Vós
3ª pessoa	Eles, elas	Lhes, os, as, se	Eles, elas, si

Fonte: Bechara (2009).

O Quadro 1 apresenta a colocação pronominal clássica da gramática normativa do PB. No entanto, na descrição dos usos, o autor faz pequenos adendos em referência às variações que esse quadro apresenta, como a utilização das formas [a gente], na 1ª pessoa do plural e [você(s)] na 2ª pessoa.

Em relação ao uso do pronome átono de 3ª pessoa, [lhe], encontramos, nos manuais da gramática descritiva de Bechara (2009), apenas a referência de troca de uso dos pronomes tônicos [a ele, a ela, a mim] pelos átonos [lhe, me, te] e vice-versa. Além da descrição de sua função como 3ª pessoa, ou seja, função que define e classifica o dativo categórico.

Cunha e Cintra (2008), em seus manuais de gramática prescritiva (normativa), também apresentam o quadro pronominal, com seus pronomes clássicos e descrevem o uso coloquial de algumas formas, como o desaparecimento do pronome [vós] da linguagem corrente do Brasil e de Portugal, substituída pela forma [você]. A forma [a gente] substitui os pronomes [nós] e [eu]. Sobre o pronome [lhe], a referência é o uso como objeto indireto.

Encontramos algumas considerações sobre as formas [a gente] e [você] também no manual da gramática funcionalista de Neves (2013) ao invés dos pronomes clássicos. A autora também faz referência à extensão do uso do [lhe] como 2ª pessoa, assim como o pronome [seu] e a introdução do pronome [dele] para 3ª pessoa.

Percebemos que, apesar das notas e observações sobre as variações do quadro pronominal como um todo nos manuais consultados, as formas clássicas configuram-se como corretas. Nossa pesquisa não abarca o quadro pronominal como um todo, mas sim o uso do pronome [lhe] – ou seu não uso –, que está diretamente relacionado ao complemento dativo.

Assim, para esta pesquisa levamos em conta as descrições dos usos do pronome [lhe] que apontam a recategorização da função dativa de 3ª pessoa para a função acusativa de 2ª pessoa (6a), bem como os empregos dos pronomes retos ele/ela na 3ª pessoa (6b), conforme exemplos retirados dos trabalhos de Campos (2010) e Torres Morais (2012).

(06) a. [...] por que a governadora lhe substituiu antes do prazo.

(CAMPOS, 2010, p. 96-103).

b. Sim, dei uma dúzia de rosas vermelhas para ela.

(TORRES MORAIS, 2012, p. 40).

Segundo Torres Morais (2010/2012) e Raposo e Gonçalves (2013), a pronominalização por clítico [lhe] é uma das características das construções dativas no PE. Se o pronome clítico [lhe] está sendo recategorizado, perdemos uma das principais características da construção dativa, o que pode, em parte, explicar a perda dessa construção no PB. Em outras palavras, o fato de o clítico [lhe] poder ser recategorizado como 2ª pessoa seria mais um indício sobre a perda do dativo no PB. Essa questão será mais aprofundada no terceiro capítulo.

1.5 AS PREPOSIÇÕES [PARA] E [A]

As preposições são consideradas uma categoria fechada e invariável, ou seja, são finitas e sua função é relacionar elementos de uma sentença que podem ser verbos, adjetivos e advérbios, complementando os sentidos. Assim, “na relação dos ‘significados’ das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.” (BECHARA, 2009, p. 249). Isso significa que há relação das preposições com os demais elementos da sentença.

As preposições são classificadas em simples e locuções prepositivas possuem valores diferenciados que podem ser de localização, espaço, modo e tempo. Neste trabalho, não descrevemos todas as preposições, nosso foco são as funções desempenhadas pelas preposições [para] e [a] e as funções sintáticas e semânticas em determinada sentença.

Raposo e Gonçalves (2013) definem as preposições [para] e [a] como direcionais com uma leve diferença de aplicação:

a preposição *a* pode classificar-se como episódica e a preposição *para* como estável. A primeira usa-se para representar deslocções curtas a um lugar, que pressupõe um regresso mais ou menos rápido ao lugar de origem [...] A segunda, em contrapartida, usa-se para representar deslocções de duração mais extensas ou quando não há qualquer pressuposição de regresso rápido ao lugar de origem [...] (RAPOSO; GONÇALVES, 2013, p. 1542).

Segundo os autores, quanto aos valores semânticos, a preposição [a] é usada com diferentes núcleos verbais, mas sua principal função na língua é introduzir o AIP de verbos que selecionam diferentes funções. Os autores citam, entre esses verbos,

os canônicos: [dar], [entregar], entre outros, com valores de transferência que podem representar beneficiário, destinatário e experienciador.

Em relação ao valor semântico de [para], a preposição é classificada como introdutora de “constituintes com valor temporal, localizado uma situação num intervalo futuro [...]” (RAPOSO; GONÇALVES, 2013, p. 1553), além de introduzir elementos com valores de finalidade ou beneficiário no sentido de alguém ganhar ou perder algo. Desse modo, percebemos que as preposições são elementos gramaticais importantes para a construção de sentenças.

1.6 PRESSUPOSTOS GERATIVISTAS

No quadro da teoria gerativa, há trabalhos que se pautam em princípios e parâmetros. O primeiro organiza a língua por meio de princípios que são universais e possuem regularidades semelhantes entre as línguas naturais, comum a todos os indivíduos. Os parâmetros seriam as diferenças entre as línguas que são aprendidas ao longo do tempo e dependem do ambiente em que o indivíduo está inserido.

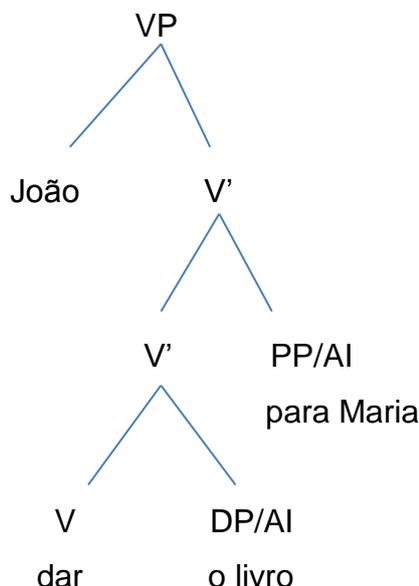
Desse modo, as unidades lexicais de cada língua são organizadas através dos parâmetros que determinam as particularidades de uma dada língua, tendo como unidade mínima a palavra e como unidade máxima a sentença para estudos sintáticos.

A teoria X-Barra analisa as sentenças por meio de uma unidade intermediária, o sintagma. Este funciona na língua como um único elemento que pode se deslocar dentro da frase. É a relação entre sintagmas que determina os parâmetros de uma língua, sua sintaxe. Para conhecer esses parâmetros, utilizamos a teoria X-Barra, que exemplifica por meio das representações arbóreas, ou seja, “ela nos oferece um modelo de representação arbórea capaz de dar conta de todos os tipos de relação sintática.” (KENEDY, 2013, p. 196).

As relações sintáticas em uma sentença são determinadas por um núcleo, também chamado de predicador. É o núcleo que estabelece quais e quantos elementos (sintagmas) são necessários para formar uma sentença.

Como o núcleo determina as funções que se estabelecem dentro de um sintagma, o primeiro passo para reconhecer um sintagma é identificar seu núcleo. O segundo é identificar os itens que gravitam em torno do núcleo, desempenhando as funções determinadas por ele. (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013, p. 47).

Por exemplo, na sentença [_{DP/AE} João [V [_{VP} deu [_{DP/AI} o livro [_{P OU AIP} para [_{PP} Maria]]]]]], temos o sintagma nominal (SN) [João], o predicador verbal [dar], o sintagma determinante/sintagma nominal [o livro] e o sintagma preposicional [para Maria]. Nesse caso, o predicador [dar] seleciona três sintagmas, ou argumentos, para a sentença ser gramatical. Conforme representação arbórea:



O predicador determina quantos sintagmas ou argumentos são necessários para a construção de uma boa sentença.

Um dos aspectos mais interessantes das línguas naturais, no que tange à seleção, diz respeito ao pequeno número de argumentos exigidos pelos núcleos, aqui considerando especialmente os verbos. Haverá aqueles que não selecionam nenhum argumento, caso dos verbos que expressam fenômenos da natureza como *chover*; haverá os que selecionam um único argumento como *morrer* [...], aqueles que selecionam dois argumentos como *gostar* [...] e aqueles que selecionam três argumentos, como *dar* [...] (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013, p. 128).

Os predicadores são selecionadores dos sintagmas (argumentos) na sentença e se ligam diretamente à noção de argumentos. Cada predicador seleciona quantos argumentos precisam para formar uma sentença. No entanto, não pode ser qualquer argumento, no caso do exemplo anterior [João deu o livro para Maria], o sintagma nominal (argumento externo) [João] precisa ser um nome com característica de [+ animado]; do mesmo modo, o núcleo verbal [dar] seleciona três argumentos, sendo um deles externo e dois internos, para que a sentença seja completa.

Na Teoria X-Barra, a representação arbórea possui duas estruturas que podemos chamar de um sistema, em que

itens lexicais são combinados (conforme o Esquema X-barra e o Critério temático) formando uma Estrutura-Profunda (EP), que sofre regras transformacionais que culminam numa Estrutura-Superficial (ES), que deve obedecer a princípios de boa formação (e.g., Filtro de Caso). (KENEDY; OTHERO, 2015, p. 28)

Em um modelo mais recente, o Programa Minimalista (PM) traz mudanças significativas para a Teoria Gerativa, por exemplo, a eliminação das estruturas profundas (DS) e superficiais (SS) as mudanças têm como objetivo fazer “através de um ‘enxugamento’ do aparato formal, reduzindo-o ao mínimo necessário.” (KENEDY; OTHERO, 2015, p. 28).

As mudanças promovem reformulações de alguns preceitos:

Assim, tudo o que se aplicava a estes níveis tal como papel, Mova que ocorria entre DS e SS e entre SS e LF (Forma Lógica), atribuição de Caso (na SS), passa a ser atribuído à LF e à PF (forma Fonética) ou ao caminho entre elas. No *design* minimalista a faculdade da linguagem está encaixada em sistemas de *performance*, a saber, o articulatório-perceptual, que estabelece interface com o nível representacional da Forma Fonética, e o conceitual intencional, que estabelece interface com o nível da Forma Lógica. Portanto, são os dois níveis de interface relevantes, um para mapear som e outro para mapear o significado das expressões linguísticas. (LIZ, 2009, p. 17).

É com base nesses pressupostos teóricos e suas atualizações que desenvolvemos nossa pesquisa. Como podemos perceber, existe uma relação de dependência entre os sintagmas de uma dada sentença é nessas relações que buscamos resposta para as questões postuladas quanto ao uso das preposições em construções triargumentais.

1.7 REVISÃO DA LITERATURA

Apresentamos, nas linhas que seguem, alguns trabalhos sobre a diferenciação das construções dativas entre o PB e PE. Em seguida, procedemos a um percurso diacrônico das construções dativas e dos usos das preposições [para] e/ou [a] através da descrição do trabalho diacrônico de Chaves (2013). Na sequência, relatamos pesquisas desenvolvidas por linguistas, quais sejam, Torres-Morais (2010, 2012), Silveira (1999), Gomes (2003), Figueiredo Silva (2007),

Campos (2010), Berlinck e Biazolli (2011), Liz (2009) sobre as construções dativas triargumentais e sobre a variação do uso das preposições [para] e [a]. O conhecimento desses trabalhos contribui com nossa pesquisa no que diz respeito ao direcionamento e à análise dos dados encontrados.

1.7.1 Português brasileiro e português europeu: diferentes relações entre o argumento interno preposicionado e verbos triargumentais

Diferentes estudos vêm sendo desenvolvidos ao longo dos anos para descrever os pontos de aproximação e distanciamento entre o PE e o PB. Diversos fenômenos linguísticos foram analisados e confirmaram as diferenças entre as duas variedades, dentre elas, as construções com dativo. Segundo os resultados, o PE mantém a construção dativa categórica, enquanto o PB apresenta inovações nessas construções e/ou a perda das construções dativas.

Partindo dos resultados apontados pela literatura, tomamos como certo esse distanciamento entre essas duas línguas em relação ao dativo. Descrevemos, na sequência, as principais diferenças entre PB e PE em relação ao nosso objeto de estudo.

Segundo Raposo e Gonçalves (2013, p. 1171), as construções consideradas dativas no PE seguem as seguintes características: “Quando não é realizado por um pronome clítico dativo [me/te/lhe], o complemento indireto é um sintagma preposicional introduzido pela preposição a,” com papéis temáticos de transferência, fonte ou beneficiário, conforme exemplos dos autores (7a, b).

(07) a. A Marta deu um ramo de flores à mãe.

b. A Marta deu-{me/te/lhe} um ramo de flores.

(RAPOSO; GONÇALVES, 2013, p.117).

As sentenças do exemplo 7 ocorrem, especificamente, no PE. Diferentemente, no PB, essas sentenças não são produzidas de maneira recorrente. Torres Morais (2010, 2012) relata que, enquanto no PE, é obrigatório o uso do clítico [lhe] na terceira pessoa, nas sentenças com dativo, no PB, esse pronome oblíquo está desaparecendo e abrindo espaço para os pronomes retos [ela/ele] (8a) ancorados à preposição [para] ou [a].

(08) Sim, dei uma dúzia de rosas vermelhas para **ela**.

(TORRES MORAIS, 2012, p. 40)

Como dito anteriormente, uma das marcas do não uso do dativo no PB é a preferência pelo uso da preposição [para] no lugar da preposição [a] em determinados contextos. Inclusive, no PB, há estudos que apontam não apenas uma variação, mas uma mudança em andamento, como mostra o estudo de Gomes (2000, p. 86). Em sua pesquisa com dados do Rio de Janeiro, aponta que “os resultados para a implementação da mudança na comunidade confirmam, em tempo real, a mudança detectada em tempo aparente [...]”

Para Torres Morais (2010,2012), as construções dativas só podem ser verdadeiramente chamadas dativas se o complemento for introduzido pela preposição [a], que se configura nessas construções como um sufixo, com valor abstrato, que seleciona uma relação de posse entre os argumentos, em que o complemento dativo é receptor. Esse papel só é possível com a preposição [a].

Pode-se dizer que, nas ditransitivas preposicionadas, há uma interpretação geral do OI-OBL como beneficiário. O sentido de posse dinâmica só pode ser construído com a construção dativa. Dessa forma, o OI dativo é recipiente (intencional) do OD, mesmo quando pode ser interpretado como beneficiário. Por sua vez, a função OBL é muito produtiva na expressão dos diferentes tipos de complementos/adjuntos [...] (TORRES MORAIS, 2010, p. 175).

Desse modo, no PB, quando temos uma construção com verbo triargumental, em que o AIP é introduzido pela preposição [para], não se configura como dativo, mas sim como complemento oblíquo e as relações entre os argumentos são principalmente de beneficiário, conforme exemplos (9a, b) de Torres Morais (2012).

(09) a. O João enviou uma carta à Maria. DAT

b. O João enviou uma carta para a Maria. OBL

(TORRES MORAIS, 2012).

Assim, tendo em vista que as sentenças como (9b) são apenas possíveis no PB, este estudo busca descrever e analisar as possibilidades que levaram a essa mudança na língua brasileira.

1.7.2 Uma visão diacrônica dos usos das preposições [a] e [para], por Elaine Chaves (2013)

Nesta seção, apresentamos uma visão diacrônica do uso das preposições [a] e [para] defendida na tese de Chaves (2013), intitulada “O surgimento do português brasileiro: mudanças linguísticas e mudanças tecnológicas no Brasil, séculos 18 e 19”. A pesquisa teve como *corpora* textos jornalísticos, cartas pessoais e de leitores dos séculos XVIII, XIX e XX. O objetivo geral foi responder por que as mudanças no PB ocorrem em determinado período da história e não em outro, além de buscar responder quais seriam as possíveis causas dessas mudanças e qual o motivo de o fenômeno ocorrer no PB e não no PE.

Para responder às questões descritas, Chaves (2013, p. 24) analisou “o uso das preposições [a] e [para] em complementos verbais cliticizáveis, isto é, complementos que aceitam paráfrase com o clítico ‘lhe’” ou não cliticizáveis. Assim, chamou

os complementos dativos, monoargumentais e diargumentais, como complementos verbais preposicionados cliticizáveis, como nos exemplos de (30) a (32); e os complementos circunstanciais como complementos verbais não-cliticizáveis, como nos exemplos de (27) a (29).

(27) (...) por estar Com muitas dores de CabeSa não escrevo para a Senhora Dona Paula e **para** a Senhora Dona Anna. (Cartas Pessoais, XVIII). C

(28) (...) e por esta Cauza peso **a** vossa mercê os Duzentos mil Reis. (cartas Pessoais, XVIII).

(29) Estimo que ao voltar **ao** collegio tivessem ambos acesso á classes superiores, e espero que nos novos exames tersão novas distincções. (cp III nc).

(30) Continuo a escrever a ambos conjuntacmente assim como podem ambos, ou cada um dirigir a mesma carta **ao** Vôvô e a Dindinha. (cp III nc).

(31) (...) e a muitas insistencias deste é que o deixaram vol_tar **para** sua casa. (cp III c)

(32) Continuo a escrever a ambos conjuntacmente assim como podem ambos, ou cada um dirigir a mesma **ao** Vôvô e a Dindinha. (cp III nc). (CHAVES, 2013, p. 86).

Além disso, a pesquisa mapeou a frequência no uso das preposições, descrevendo qual sua periodicidade e preferência de uso nos séculos XVIII, XIX e XX no PB e PE. Portanto, a autora elaborou um estudo comparativo. A discussão da tese está ancorada teoricamente nas disciplinas da História Social da Linguagem, Linguística Histórica e Sociolinguística Quantitativa.

Em relação ao marco principal que desencadeou as diferenças entre o PB e o PE, Chaves (2013) aponta o início da imprensa periódica no Brasil, mais precisamente no século XIX:

[...] porque no século XIX houve uma ampliação de agentes atuando na escrita que permitiram que essa gramática do PB, [...] pudesse alcançar a escrita formal evidenciando a permeabilidade existente na norma culta portuguesa manifestada na escrita [...] os agentes eram leitores e escreventes brasileiros [...] que passaram a compor novos espaços da escrita antes dominados por portugueses [...] (CHAVES, 2013, p. 177).

A chegada da imprensa no Brasil foi um dos fatores que contribuíram para evidenciar a língua nacional brasileira, uma vez que a produção local possibilitou a existência de autores brasileiros e não apenas portugueses.

Na questão variação de uso das preposições [para] e [a], foram levados em conta para as análises as seguintes variáveis: “traços [+ pessoa] e [+lugar], tipo de verbo, tempo, localidade e gênero textual” (CHAVES, 2013, p. 91), ou seja, traços semânticos em relação à [+pessoa] e [+lugar]; a variável tipo verbal são os verbos que expressam ou não movimento. O tempo foi delimitador pelas sincronias dentro da mudança diacrônica em relação aos gêneros textuais analisados. A variável localidade refere às variedades do PB e PE analisadas. Por fim, a variável gênero textual deu-se em relação aos três gêneros escolhidos: cartas pessoais, cartas de leitores e notícias.

Os resultados encontrados sobre o uso das preposições [a] e [para] na diacronia demonstraram que no PB a preposição [a] estaria limitada a apenas alguns contextos. Por exemplo, em construções nas quais o dativo possui traços de [+pessoa], como em [Maria pediu um livro à Paula]. Quanto à preposição [para], seu uso foi predominante nas construções triargumentais na função de introdutora do argumento interno preposicionado.

A pesquisa diacrônica realizada por Chaves (2013) apresenta grande relevância para a descrição dos usos das preposições [para] e [a] demonstrando o percurso dos usos dessas preposições ao longo do tempo. O trabalho da autora mostrou que, por volta do século XVIII, era apenas uma pequena variação de uso. Com o passar dos anos, o PB apresentou maior frequência da preposição [para] em detrimento da preposição [a], confirmando um afastamento do PB em relação ao PE.

Essas conclusões contribuem para a descrição que faremos dos usos dessas mesmas preposições no PB atual.

1.7.3 As construções dativas em verbos bitransitivos sob o olhar de Torres Morais (2007, 2010, 2012)

Diferentes linguistas pesquisaram sobre as construções dativas triargumentais e seus complementos dativos em diferentes línguas, principalmente sobre o AIP e a variabilidade das preposições utilizadas nessas construções sentenciais.

Apresentamos, como referência desses estudos, as discussões da linguista Torres Morais (2007, 2010, 2012), que possui ampla bibliografia sobre as construções triargumentais e o AIP dessas sentenças, que serve de base teórica para nosso estudo.

Antes de iniciarmos a explanação dos resultados da autora, é preciso ressaltar que suas pesquisas fazem um comparativo entre o PB e o PE, confirmando o distanciamento entre as duas línguas. Tomamos como certo essas diferenças entre PB e PE (seção 1.7.1) e discutiremos os resultados referentes ao PB.

Torres Morais (2007, 2010, 2012) aponta que o AIP no PB está presente em construções com diferentes núcleos verbais; discute as inovações que se apresentam nessas construções ao longo do tempo através da análise de diferentes *corpora*. A autora toma como certas as seguintes inovações em relação ao AIP, o

decréscimo no uso da preposição *a*, que é substituída pela preposição *para*, como em (4a), e decréscimo no uso do clítico dativo de 3ª pessoa *lhe(s)*, o qual é substituído por três diferentes estratégias de pronominalização: (i) pronome lexical dentro da frase preposicional (4b); uso dialetal do pronome fraco (4c) e (iii) objeto indireto nulo fonologicamente (d).

(4) a. João deu o livro para/pra Maria.

b. João deu o livro a ela/para/pra ela.

c. João deu ela o livro.

d. João viu a Maria, mas não deu carona. (TORRES MORAIS, 2010, p. 176).

Para compreender o panorama em que se apresentam nas inovações apontadas, pela autora realiza um percurso histórico que comprova o início das

variações no final do século XVIII, tendo como foco as construções com verbos triargumentais¹.

Do século XVIII até os dias atuais, as pesquisas referentes ao AIP confirmam as variações e certa preferência pelo uso da preposição [para] em diferentes regiões do país². Com aumento gradativo do uso da preposição [para] na variação entre [para] e [a] ao longo dos anos, intensificadas a partir da metade do século XX. Nesse período, a 3ª pessoa (o [lhe] dativo) ainda é condicionada ao uso da preposição [a] em relação ao [+ humano], mas a preposição [para] já se faz presente em algumas sentenças, principalmente em construções com verbos de transferência.

Ao longo do tempo, percebemos o avanço da preposição [para] nos contextos [+ humanos], ou seja, quando analisada a natureza sintático-semântica dos verbos triargumentais, encontramos o uso preferencial da preposição [para] com os verbos de transferência material, enquanto que com os verbos de transferência verbal e perceptual se manteve o uso da preposição [a].

Um dos caminhos apresentados pela autora para explicar essa nova forma de introduzir o AIP no PB é que as mudanças que vêm ocorrendo se devem ao fato de o PB não selecionar “[...] dentro do elenco de categorias funcionais disponibilizadas na Gramática Universal (GU), um núcleo funcional especializado em introduzir e licenciar argumentos, a saber, o núcleo aplicativo³.” (TORRES MORAIS, 2010, p.176), usado no PE.

Desse modo, o quadro das representações triargumentais, no PB, apresenta as seguintes construções:

(11) a. Carlos deu um presente a Joana.

b. Carlos deu um presente para Joana.

¹ As autoras confirmam que o AIP ocorre com diferentes tipos verbais, dentre eles: verbos dinâmicos, de criação, estativos e inacusativos, porém enfatizam que só irão analisar os verbos bitransitivos/ditransitivo, chamados, nesta pesquisa, de verbos triargumentais.

² No entanto, é interessante ressaltar que há estudos que demonstram que a região de Fortaleza – que será mais bem detalhada na seção 1.7.7 deste capítulo – e a região de Belém do Pará evidenciam uma significativa presença da preposição [a] em seus resultados em comparação às outras regiões do país.

³ Núcleo aplicativo descrito por Torres Morais está relacionado ao conceito de licenciador de caso, já que, segundo a Gramática Gerativa, um núcleo verbal não pode atribuir caso a mais que um argumento interno. Nesse caso, “o argumento dativo é um argumento extra, adicional, introduzido na sintaxe pelo núcleo funcional denominado aplicativo, que o licencia sintática e semanticamente.” (TORRES MORAIS, 2010, p. 174).

- c. Carlos deu um presente para ela.
- d. Carlos lhe deu um presente.

Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que, no PE segundo Torres Morais (2010), construções como as em (11a) e (11b) não possuem o mesmo significado. A relação de transferência de posse entre os argumentos, no PE só é possível com a preposição [a]. Quando há introdução da preposição [para], parece que a transferência de posse pode não ter sido concluída. Desse modo, ao que parece o PB está perdendo as construções dativas categóricas, sendo “a configuração preposicionada [...] a única produtiva.” (TORRES MORAIS, 2010, p. 183).

Assim, “as mudanças ocorridas parecem indicar claramente a perda da propriedade de expressar morfologicamente o OI [=dativo]” (TORRES MORAIS, 2012, p. 42), contribuindo para a perda da preposição [a] no PB, nos contextos de natureza sintática dos verbos triargumentais.

Diante desse contexto, a autora propõem uma análise para caracterizar as construções dativas e diferenciá-las das construções preposicionadas-AIP, que não possuem a função dativa. Assim, “as perdas morfológicas, por sua vez, levam a uma mudança paramétrica, que se define na perda do núcleo aplicativo baixo como introdutor de argumentos dativos.” (TORRES-MORAIS, 2012, p. 39).

As construções com função de complementos preposicionados são introduzidas pela preposição [para].

Os estudos registram ainda que, no contexto dos verbos de criação/construção, *construir, desenhar, pintar, preparar*, etc. há uso categórico da preposição *para* na introdução do OI lexical (14c). [...] quando o argumento OI expressa *fonte/origem*, no contexto de verbos de movimento e transferência, a preposição *a* é substituída pela preposição *de* (14b). A construção com *a* ocorre apenas marginalmente. A base empírica engloba ainda o conjunto dos verbos dinâmicos, *beijar, lavar, operar, pentear, preparar*, etc., e verbos estativos, *admirar, invejar*, etc., em que o OI é interpretado como possuidor. Também nestes contextos, a construção genitiva é categórica (14 d-e). (14) a. João deu/enviou um livro *ao/para o Pedro*. b. João comprou este carro antigo *de um famoso colecionador*. c. Pedro preparou/fez um jantar fantástico *para os pais*. d. A mãe lavou/secou/cortou/penteou o cabelo *do filho*. e. O professor avaliou/admirou/elogiou as provas *dos estudantes*. (TORRES MORAIS, 2012, p. 42).

As conclusões apontam para uma mudança microparamétrica, ou seja, a perda do dativo e dos clíticos [lhe] da gramática nuclear está ligada à perda do parâmetro,

definida na perda do traço dativo DAT, o qual identifica o núcleo aplicativo baixo em línguas como o espanhol e PE. A conexão entre Caso dativo inerente e expressão de parâmetros sustenta a teoria dos Princípios e Parâmetros, segundo a qual a variação paramétrica está restrita a propriedades lexicais dos núcleos funcionais. (TORRES MORAIS, 2012, p. 46).

Em seu lugar, estão a preposição [para] e os pronomes retos [ele/ela], o que confirma a perda da construção dativa no PB. No entanto, ainda fica sem resposta o porquê da escolha da preposição [para]. Em relação à questão semântica, a entrada da preposição [para] se deu dos contextos [+concretos] e [+humanos] para os [+abstratos].

1.7.4 A realização variável do objeto indireto (dativo) na fala de Florianópolis, de Gessilene Silveira (1999)

Silveira (1999) descreve a variação do objeto indireto (AIP) realizado como pronome clítico ou/e tônico, com base na teoria variacionista e com um *corpus* de língua falada da cidade de Florianópolis, SC. O recorte de sua pesquisa são sentenças e contextos “que favorecem a realização do objeto indireto na forma de clítico e na forma de pronome tônico.” (SILVEIRA, 1999, p. 191). As realizações dos clíticos dativos ocorrem de diferentes formas, inclusive, muitas vezes substituídos por pronomes tônicos, ou mesmo, com novas funções.

- (12) a. Aí que **me** falaram que foi olho grande. (FLP 17)
- b. Mas eu estava **te** falando no livro da Isa. (FLP 22)
- c. Tem guria também que fala um monte **pra mim**. (FLP 13)
- d. Hoje, elas não dão nem calçadeira **pra gente**. (FLP 22)

(SILVEIRA, 1999, p. 191).

A autora utilizou como variável dependente as diferentes realizações dos pronomes dativos⁴, conforme exemplos elencados (12). A hipótese principal é de que existe uma preferência pelo uso da forma tônica (12c) [mim] e (12d) [a gente], em detrimento da forma clítica (12a) [me] e (12b) [te]. Os resultados encontrados confirmam a hipótese de Silveira (1999): no total de 180 ocorrências, 49 se realizam com clítico e 131 com pronomes tônicos.

⁴ Pronomes dativos são aqueles que representam o beneficiário ou receptor de algo, podem ser físico/material, perceptual ou abstrato. Por exemplo: *lhe, me, vós, te* funcionam como complementos de objeto indireto.

Quando observadas as pessoas do discurso, os resultados ficam ainda mais interessantes. Nota-se uma preferência pelos pronomes tônicos na 1ª e 3ª pessoas; em referência à 2ª pessoa, é usado o pronome clítico [lhe] em 100% das ocorrências encontradas. Esse dado se repete, mas de modo reverso, quando olhamos para os dados de 3ª pessoa; esses ocorrem 100% com os pronomes tônicos, o que evidencia “o desaparecimento dos clíticos de terceira pessoa no sistema dessa língua.” (SILVEIRA, 1999, p. 193).

Outro fator que chama a atenção são os diferentes pronomes tônicos encontrados, além dos pronomes retos [ele/ela], como substituto do clítico [lhe], com as formas [mim, ti, gente, nos], o que parece uma demonstração da reformulação da classe pronominal, que deixa de usar o [lhe] em decorrência de alternativas encontradas dentro do quadro pronominal para sua função. Porém, o desaparecimento do pronome clítico [lhe] de 3ª pessoa não significa seu desaparecimento do PB, mas uma reorganização no sistema da língua em que sua utilização está como pronome clítico de 2ª pessoa.

Os resultados apresentados pelo estudo de Silveira (1999) são interessantes para nossa pesquisa, haja vista que Florianópolis é a capital de Santa Catarina, o que possibilita verificar a semelhança ou distanciamento entre as gramáticas de Chapecó e Florianópolis.

1.7.5 Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro, um estudo de Christina Abreu Gomes (2003)

Gomes (2003) desenvolve sua pesquisa do PB a partir de um *corpus* formado por amostra do Censo⁵ na fala do Rio de Janeiro, o encaixamento linguístico na variação das preposições [a] e [para] em construções dativas com verbos de três argumentos, ou seja, triargumentais.

Foram considerados, para esse estudo, argumentos preposicionados com os verbos que “diferem quanto à possibilidade ou não de serem substituídos por um clítico, além de possuírem diferentes valores semânticos.” (GOMES, 2003, p. 81). Quanto aos valores semânticos, a autora utiliza a classificação determinada por Berlinck (1996), sendo os verdadeiros verbos que selecionam dativos, os verbos de

⁵ O Censo Demográfico é uma pesquisa realizada pelo IBGE a cada dez anos. Através dele, reúnem-se informações sobre toda a população brasileira. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/sobre-o-ibge/o-que-e-censo.html>>. Acesso em: 1 maio 2017.

transferência material, verbal/perceptual, movimento físico e abstrato. Além desses, a autora considera os verbos chamados leves, do tipo “dar apoio a”:

- (13) a. Maria deu o livro ao Pedro/para o Pedro.
 b. O professor ensinou a matéria ao aluno/para o aluno.
 c. João levou o lanche ao amigo/para o amigo.
 d. A aluna encaminhou a atividade ao professor/para o professor.

A autora apresenta as seguintes características como construção dativa para o PB: “ocorrência como clítico ou como categoria vazia [...] à alternância na realização da preposição que afeta também o sintagma preposicionado com informação nova [...]” (GOMES, 2003, p. 84). A autora analisa, nesse estudo, somente a variação entre as preposições [para] e [a].

Os dados encontrados pela autora parecem apresentar uma especialização da preposição [a] que, apesar de estar sendo substituída pela preposição [para] em determinados contextos, em outros, seu uso é exclusivo, como em construções com relação semântica mais abstrata (14).

(14) Eles não dão muita ênfase a isso.

(GOMES, 2003, p. 85)

No entanto, a autora percebe, ao analisar o *corpus*, que a preposição [para] está ampliando seus contextos de uso, sendo cada vez mais frequente em diferentes construções, conforme exemplos:

- (15) a. Ela disse os piores nomes feios **para** o meu filho.
 b. Eu falaria com o João para dar um emprego melhor [Θ] o meu filho.

(GOMES, 2003, p. 84)

Quanto ao encaixamento linguístico, defende que a variação no uso das preposições ou a introdução do dativo se deve ao fato da reestruturação do paradigma pronominal do PB. Ou seja, (- clíticos) = (+ sintagmas preposicionados).

Os resultados apresentados pelo *corpus* demonstraram uma substituição da preposição [a] pela preposição [para] em todas as faixas etárias de forma abrupta. A

autora acredita que essa substituição se deve ao fato da neutralidade da preposição [para], além de ser considerada menos formal e não estigmatizada. Sobre as relações semânticas no uso do [para], a autora observe as seguintes construções;

num continuum do [+concreto] ao [+abstrato] – transferência material para um recipiente [+ humano], transferência perceptual e verbal para um recipiente [+ humano]; ausência de transferência material, perceptual e SPrep [+/-animado] – indica que o uso da preposição *para* se expande para contextos inicialmente preferenciais ou exclusivos ao uso da preposição *a*. (GOMES, 2003, p. 96).

No entanto, esse avanço é classificado pela autora como superficial, não afetando a gramática, pois, segundo o modelo gerativista, uma variação linguística só pode afetar a gramática dessa língua quando o fenômeno se dá na aquisição da língua materna. Assim, a autora defende que, nas gerações seguintes, é possível que ocorra a ampliação dos contextos dos [+ concretos] para os [+abstratos]. Se essa hipótese se confirmar, teremos já uma mudança gramatical e não mais uma variação. Desse modo, buscamos, com nossa pesquisa, verificar na gramática de Chapecó e região como se apresenta o fenômeno em questão.

1.7.6 A perda do marcador dativo e algumas de suas consequências, de Maria Cristina Figueiredo Silva (2007)

Figueiredo Silva (2007) conclui, por meio das análises em suas pesquisas, que a preposição [a] está desaparecendo, pelo menos, em alguns dialetos brasileiros, dentre eles, o dialeto de São Paulo. Segundo a autora, no dialeto de São Paulo, a preposição [a] ocorre somente em sentenças prontas/cristalizadas⁶ como: à esquerda ou a pé. Nos demais casos, o [a] está sendo substituído por [pra/para], conforme exemplos que comparam o PB com o PE.

- (16) a. A Maria deu o livro ao João. (ok em PE, *? Em PB).
- b. A Maria deu o livro pro João. (*? Em PE, ok em PB).
- c. A Maria enviou o livro ao João. (ok em PE, *? em PB).
- d. A Maria enviou o livro pro João. (*? Em PE, ok em PB).

(FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 85).

⁶ Sentenças prontas/cristalizadas são expressões compartilhadas entre falantes de um dado idioma que têm um significado dependente do contexto e não podem ser desconstruídas ou modificadas. Além disso, possuem, na maioria dos casos, significados conotativos para um evento/acometimento denotativo. Por exemplo: Bateu as bodas, a ver navios, quebrar a cabeça.

A autora também admite que essas perdas de construções com a preposição [a] estão relacionadas com a perda do pronome clítico na 3ª pessoa [lhe], conforme o que apresenta a maioria das pesquisas que investigam a perda da preposição [a].

No entanto, o foco de sua pesquisa não são os “contextos que a preposição [a] desapareceu, mas os que ou ela não pôde ser substituída por [para/pra] (caso que houve desaparecimento da construção) ou [...] implicou mudança radical de interpretação [...]” (FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 85).

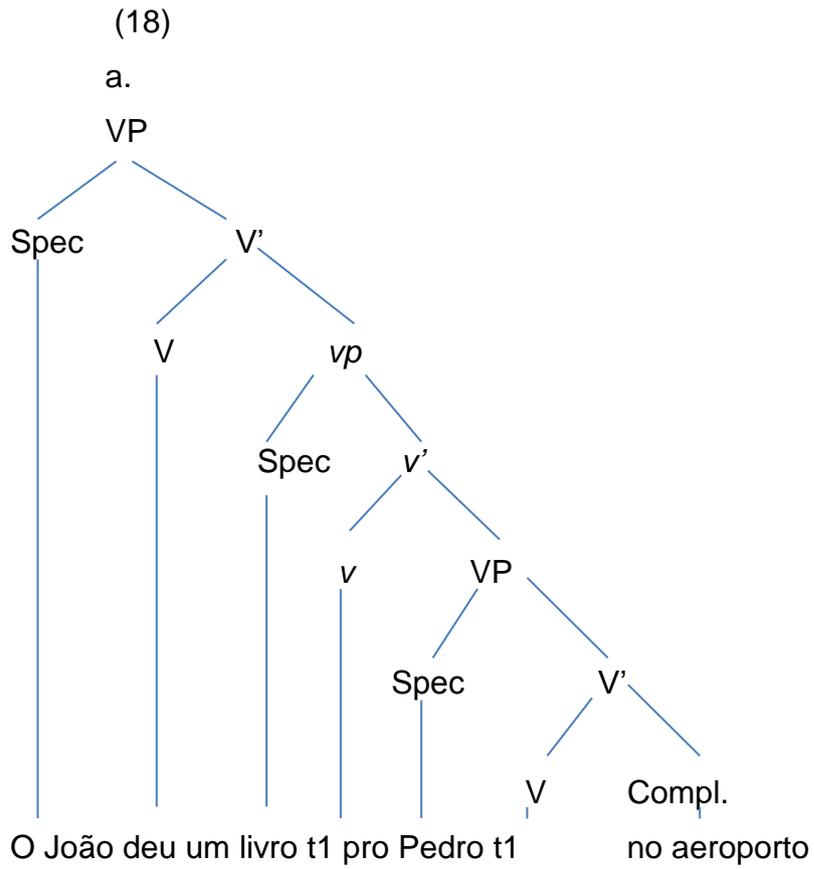
Esses contextos são: sentenças com verbos psicológicos e estruturas de controle que não ocorrem mais com a preposição [a] no PB, sendo substituída por “controle do sujeito encaixado pelo sujeito matriz – ou o uso de estruturas alternativas, com o infinitivo pessoal [...]” (FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 86), conforme exemplos:

- (17) a. A música agrada ao João. (PE)
- b. A música agrada o João. (PB)
- c. O João pediu pros meninos saírem da sala.
- d. A Maria pediu pro João pra ele convidar o Pedro.

(FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 86, 101, 103).

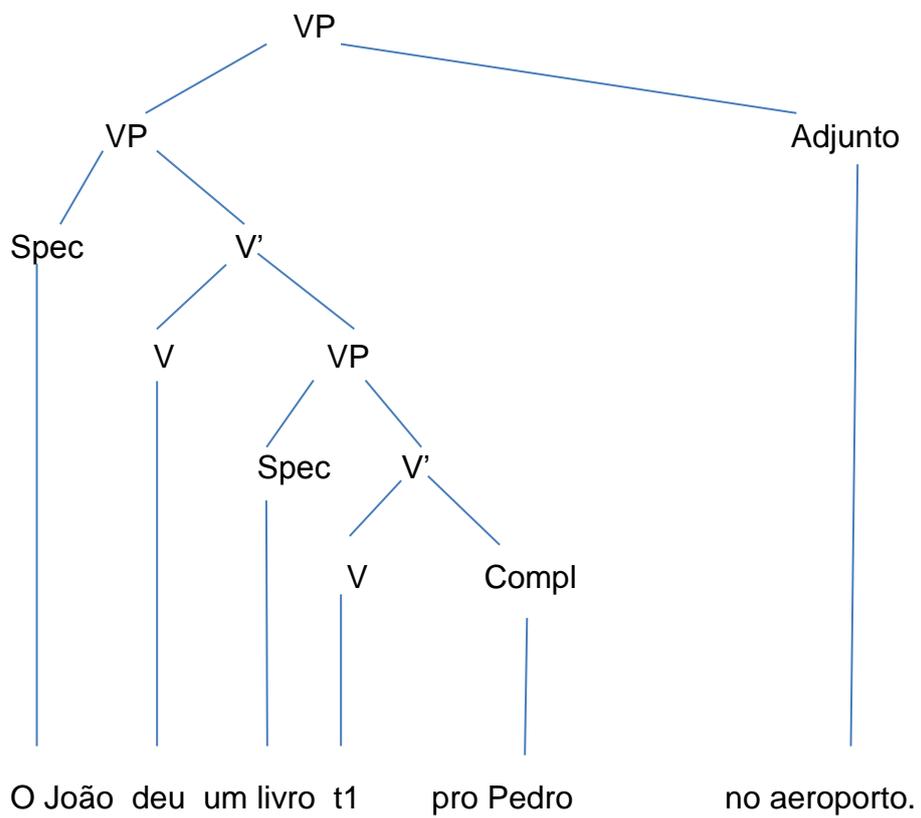
A autora busca, nesses contextos, explicar o que mudou no PB, o que possibilitou a perda do uso da preposição, quais são os caminhos dentro da Teoria Gerativa que explicam as causas das mudanças observadas nesses exemplos.

Para tanto, adotou como representação a mesma definição dos verbos triargumentais disponibilizada pela Teoria X-Barra: um argumento externo e dois argumentos internos. Nas construções com dois argumentos internos em que há complemento e adjunto, “ambos são PPs. Porém, a relação entre compl2 e o verbo é estritamente local, ao passo que a relação entre adjuntos e o verbo é muito mais distante.” (FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 89). Conforme representação arbórea,



(29)

b.



Em relação à Teoria de Caso, categoricamente o PB, possui caso estrutural dado pelo núcleo verbal, porém existem os casos inerentes que são dados pelas preposições. Quando essas preposições atribuem, além do caso, um papel temático, nas línguas românicas, esses casos são: o genitivo, representado pela preposição [de] e o dativo representado pela preposição [a]. Assim,

[...] temos chamado Dativo ao Caso Oblíquo que é atribuído pela preposição [a] ao argumento indireto – Compl2 [...]. No entanto, pesa sobre o Caso Dativo uma exigência que não pesa sobre os demais Casos Oblíquos: a ligação desde a base com um papel temático. (FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 90).

Mas quais seriam os contextos em que os Casos e Papéis Temáticos são desempenhados na estrutura que dão vida ao Caso Dativo? Sabemos que os papéis Θ^7 são atribuídos por núcleos lexicais para os argumentos e são regidos pelos seguintes princípios: (i) todo argumento tem que receber papel Θ ; (ii) todo papel Θ tem de ser atribuído a um argumento. Dessa forma, o núcleo lexical possui uma carga temática, que pode ser: agente, paciente, entre outros, conforme definições de Cançado (2013). No Caso genitivo, o papel Θ atribuído pela preposição [de] é de posse e, no Caso Dativo, a preposição [a] atribui um alvo/meta.

A autora defende que, nas construções com certos núcleos lexicais, como os verbos do tipo dar, enviar, “a preposição aí inserida não é atribuidora de papel temático, mas apenas marcadora de Caso.” (FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 91), principalmente quando se trata de um AIP, quando o verbo indica três funções temáticas. Entretanto, alguns estudiosos, dentre eles, Berlinck (2001), defendem que o verbo [dar] consegue “atribuir papel temático que é já meta-beneficiário”, sendo a preposição [para] possível nessas sentenças não como complemento interno dativo, mas como um PP.

Diante dessas informações, a autora analisa as sentenças com verbos psicológicos em construções como [isso agrada o João], em que o AIP não é Dativo, pois não possui o verdadeiro marcador Dativo, sendo um Acusativo Inerente.

Ao analisar as construções de controle com verbos aspectuais, modais e conativos, a autora afirma que, no PB, não há possibilidade de os verbos das sentenças de controle possuírem AIP do verbo da frase principal, pois “o argumento que receberá o Caso Dativo controla (ou é correferente a) o sujeito da frase infinitiva

⁷ Θ letra grega theta que representa temático.

encaixada.” (FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 101). Por exemplo, nas sentenças com o verbo [pedir], em que a preposição [para] é introdutora do AIP, mesmo não estando em sua posição inicial, como no caso da pronominalização em 20(c), só pode ser AIP do verbo principal e não nome (sujeito) da sentença encaixada.

- (20) a. Eles pediram para a Maria pra convidarem o Pedro.
 b. A Maria me pediu para convidar o Pedro.
 c. A Maria pediu pro João pra ele convidar o Pedro.

(FIGUEIREDO SILVA, 2007, p. 103).

A conclusão que a autora chega é de que nenhuma outra preposição pode ocupar o lugar da preposição [a] como marcadora de Caso dativo, uma vez que, como podemos perceber, a preposição [para] é carregada de valor semântico benefactivo e não é apenas funcional. Pelo menos, esse é o resultado nos contextos analisados pela autora.

Assim, concluímos que os resultados aqui expostos concordam com os demais trabalhos de pesquisadores, como Gomes (2003), Berlinck (2011), Torres-Morais (2010, 2012), entre outros. O PB está perdendo o Caso Dativo categórico.

1.7.7 O dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém, sob o olhar de Ednalvo Apóstolo Campos (2010)

A pesquisa desenvolvida por Campos (2010) se junta às muitas pesquisas linguísticas que vêm sendo realizadas sobre as construções dativas no PB. Sua dissertação faz uma análise das construções dativas na cidade de Belém do Pará. O *corpus* analisado contém transcrições de entrevistas televisivas da cidade e região de Belém, considerada língua oral culta de Belém, composto por 18 horas de gravação no ano de 2008.

Para análise do *corpus*, Campos (2010) baseou-se na Teoria Gerativa, em específico, a Teoria de Princípios e Parâmetros, na versão pré-minimalista/minimalista, que toma a estrutura dativa representada pelas construções na forma vP/VP. O autor analisa as construções dativas preposicionadas, em que o “termo dativo como sinônimo de objeto indireto [que nesse trabalho estamos chamando de =argumento interno preposicionado] apresenta a possibilidade de ser

substituído pelo clítico 'lhe'" (CAMPOS, 2010, p. 8), conforme exemplo (21.a). Também fez parte da sua análise o complemento relativo/circunstancial (oblíquo) (21.b), com as seguintes características: "introduzido pelas preposições 'a', 'de', 'em', 'com' e 'para' com estatuto lexical, cumprindo papéis semânticos do tipo: *tempo, locativo, companhia, etc.*" (CAMPOS, 2010, p. 10).

(21) a. O João enviou uma carta ao Pedro/ enviou-lhe uma carta.

(CAMPOS, 2010, p. 44).

b. [de que essa maré talvez criasse uma série de problemas para a obra do Portal da Amazônia ...]

(CAMPOS, 2010, p. 108).

O autor tem como principal objetivo verificar o uso do dativo na 3ª pessoa, pois vários estudos, dentre eles o descrito por Torres Morais (2010, 2012), concluem que no PB ocorre uma reestruturação das construções dativas e, como consequência, a perda de algumas de suas características, pelo menos em alguns contextos. Por exemplo, o desuso do clítico [lhe] como dativo de 3ª pessoa (22a), substituído pelos pronomes [ela/ele], conforme exemplo (22b), e o uso da preposição lexical [para] em detrimento da preposição [a].

(22) a. [eu **lhe** agradeço por ter vindo explicar esse plano]

b. João deu o livro para ela.

(CAMPOS, 2010, p. 61, 99)

Para melhor visualização e descrição, Campos (2010) classifica as construções triargumentais encontradas no *corpus* como: construção dativa preposicionada; construção com o clítico 'lhe'; construção oblíqua, comparando-as com as demais pesquisas já realizadas em diferentes regiões.

De maneira geral, os resultados encontrados por Campos (2010) atestam a produtividade do clítico [lhe] em construções dativas (23a), mas, também, encontra o [lhe] na posição de acusativo (23b), concordando com a hipótese de recategorização do uso dos clíticos, conforme exemplos:

(23) a. [...] e veem aquele espaço como mito ... [como se não lhe pertencesse]

b. (...) agora professor ... [por que a governadora lhe substituiu antes do prazo?]

(CAMPOS, 2010, p. 96-103).

Em relação às preposições [a] e [para], o resultado dos dados do *corpus* apresentou a produtividade das duas preposições. Para Campos (2010), não é possível afirmar que a preposição [a] esteja desaparecendo do PB. Existe uma alternância de uso entre as preposições [a] e [para], mas as duas estão presentes no português culto falado em Belém. O autor afirma que a preposição [a] é usada preferencialmente em construções com transferência material marcada por traços [+animados], porém não é categórica, ocorrendo também com traços [-animados], segundo os exemplos de dados encontrados pelo autor (24a) e (24b), respectivamente.

(24) a. [...] São empresas [que dão bolsas aos seus alunos] exatamente por acreditarem na educação a distância.

b. [...] não pode colocar realmente... [dar um lado pejorativo à agressividade].

(CAMPOS, 2010, p. 120, 121).

O autor classifica o uso dos dativos no PB em quatro tópicos: clítico (25a); categoria vazia (25b); sintagma preposicionado com pronome tônico (25c); sintagma preposicionado com SN pleno (25d), sem a presença de construção com duplo objeto:

(25) a. [...] e veem aquele espaço como mito... como se não lhe pertencesse [...]

b. [...] Conversei com o ministro Luiz Dulce também e coloquei ... [OI] e eles [...]

c. [...] à noite com o presidente do meu partido... coloquei pra ele a situação no Pará.

d. [...] não teria como agradecer ao senhor né... sem mostrar mesmo pra ele e pro público né [...]

(CAMPOS, 2010, p. 122-123).

Em relação à categoria vazia, os dados encontrados por Campos (2010) são que “em objetos [+referenciais (ou + animados)] tendem a ser mais preenchidos [...] os [-referenciais (ou - animados)] tendem a ser menos preenchidos.” (CAMPOS, 2010, p. 113). Isso nos mostra que, quando o argumento interno preposicionado faz referência, é um objeto [+animado] explícito, já quando é [-animado], tem maior incidência de ser nulo (26a).

(26) a. [nós conseguimos eh... na verdade... doar este ano alguns corpos...[O]]

(CAMPOS, 2010, p. 113).

A análise do autor indica que, com alguns predicadores (verbos) como [doar, falar, vender], usa-se a preposição [para]; já com os predicadores (verbos), [possibilitar, pedir], ocorrem com [a]. A alternância entre as duas preposições ocorre com os predicadores (verbos) [dar, oferecer].

Campos (2010) conclui que ocorre a alternância do uso entre as preposições [a] e [para]. No entanto, com uma forte preservação do uso da preposição [a], discordando da literatura existente, que afirma o uso cada vez menor da preposição [a] em construções triargumentais. Em relação ao clítico [lhe], o autor aponta a recategorização do seu uso, passando de 3ª pessoa (dativo) para 2ª pessoa (acusativo) corroborando parcialmente com os trabalhos de Torres-Morais (2010, 2012).

1.7.8 O uso de clíticos e preposições, aproximações e divergências entre o uso e a Gramática Normativa, um estudo de Rosane de Andrade Berlinck e Caroline Carnielli Biazolli (2011)

A pesquisa de Berlinck e Biazolli (2011) ancora-se na Teoria de Variação e Mudança Linguística e verifica o uso e as posições dos pronomes clíticos relacionados a um único verbo⁸ e o uso de preposições com complementos verbais que indicam o valor semântico de meta/recipiente. As autoras utilizaram como

⁸ Trataremos aqui somente os resultados do uso das preposições introdutoras dos complementos verbais, por ser o fenômeno de estudo desta dissertação.

corpora textos jornalísticos das cidades de São Paulo e de Rio Claro entre os anos de 1900 e 1915.

É dado como certo, pelas autoras, que os textos jornalísticos procuram desenvolver sua escrita dentro da norma padrão. No entanto, intuitivamente, acreditam que, para serem bem aceitos, ou para abranger maior quantidade de leitores, de todas as esferas sociais, os jornalistas acabam introduzindo na escrita construções inovadoras não estigmatizadas.

Desse modo, os dados encontrados nos *corpora* das construções preposicionadas com valor meta/recipiente apresentaram e confirmaram a variação entre as preposições [para] e [a]. Como previsto, a variação também está presente no texto escrito. Berlinck e Biazolli (2011) apontam o uso dessas inovações, preferencialmente, nas construções “que apresentaram predicadores de direção, movimento com transferência, transferência material e transferência verbal/perceptual.” (27). O uso da preposição [para] é significativo, chegando a 26% nos jornais de São Paulo e 15% nos jornais de Rio Claro.

- (27) a. Eu vou ao banco/para o banco/no banco.
 b. Não traga seu cachorro para a praia/ à praia/ na praia.
 c. Joana mandou livros e roupas para seus pais/ a seus pais.
 d. Maria contou uma piada ótima para o João/ ao João.

(BERLINCK; BIAZOLLI, 2011, p. 857).

As inovações em relação ao tipo de predicador e natureza semântica do complemento apresentam os seguintes resultados:

[...] o referente do complemento denota um ‘lugar’, temos a preposição **para** em 47% dos casos com o predicador de *direção*, em 79% dos casos com o predicador de *movimento com transferência* e em 100% dos casos com o predicador de *transferência material*. Já os complementos que se referem a uma entidade ‘animada/humana’ ocorrem exclusivamente com a preposição **a** [...] com o predicador de *transferência material* temos um índice de 9% de **para** [...] (BERLINCK; BIAZOLLI, 2011, p. 859).

Os contextos que apresentam variação, com o uso da preposição [para] e [a] são, por exemplo, com verbos que denotam lugar com sentido de permanência e distanciamento (28a). Essa variação também se faz presente com verbos

triargumentais, que denotam com transferência material e verbal/perceptual, [+animado] (29a).

(28) a. Araraquara

Regressaram **a essa cidade**, de volta de sua viagem a S.Paulo, os srs. Drs. Flavio de Queiroz, juiz de direito desta comarca e Theodoro Dias de Carvalho Junior, presidente do Club da Lavoura deste município. (O Estado de S. Paulo, 02/01/1900 – gênero Notas)

(BERLINCK; BIAZOLLI, 2011, p. 860).

(29) a. Os passaportes serão fornecidos: Na rua de Santa Thereza n. [...] **às** peessoas que tenham de embarcar na Sorocabana; na Secretaria da Agricultura, **para** as que embarcarem na estação da Estrada Central e na rua da Ca [...]

(BERLINCK; BIAZOLLI, 2011, p. 861).

Essa pequena variação, segundo Berlinck e Biazolli (2011), aponta para o início de uma disputa entre gramáticas. Assim, é possível afirmar que, quando o fenômeno linguístico ocorre na escrita, neste caso, jornais que são lidos por indivíduos de diferentes esferas sociais, sem ser notado ou estigmatizado, indica um caminho para a consolidação de novas regras na gramática dos falantes, pois “o que se lê nos jornais deve estar já de há muito consolidado na fala, em contextos variados.” (BERLINCK; BIAZOLLI, 2011, p. 861). Isso nos leva a pensar que, mesmo com toda a força que a gramática normativa exercia e exerce sobre o uso das regras, a intuição do falante, muitas vezes, é mais forte, como observado nos resultados das análises.

1.7.9 Construções triargumentais: uma distinção entre os complementos indiretos baseados em propriedades das preposições, tese de Lucilene Lisboa Liz (2009)

O estudo de Liz (2009) busca verificar a diferença entre as construções com argumentos internos preposicionados (30a, c) (denominados CIs pela autora) que tenham papéis temáticos de beneficiários, alvo e fonte dos complementos indiretos

que têm papéis temáticos locativos (30b, d) em construções com verbos triargumentais. A autora defende que existem diferenças nas marcações de Caso entre os AIP locativos e beneficiário/alvo e são determinadas pelas preposições. O principal argumento para essa afirmação é a possibilidade de AIP beneficiário e alvo serem apagados nas sentenças enquanto que, com AIP locativos (30c, d), esse apagamento não é possível. Ou seja, o objetivo principal da pesquisa é descrever sintaticamente as construções – 30(c) e 30(d).

(30) a. João deu um livro para os garotos.

b. Maria colocou os livros na estante.

c. Maria deu um livro [e].

d. * Maria colocou um livro [e].

Assim, ancorada na Teoria Gerativa, em sua fase Minimalista, investiga-se como se dá a marcação de Caso e papéis temáticos dos AIP. A hipótese defendida pela autora é a de que:

a preposição é uma sonda capaz de valorar o traço de Caso do alvo, DP/NP do CI. Adicionalmente, investigaremos como as línguas naturais, em especial, as que marcam Caso morfológicamente, marcam os DPs dos CIs com Caso [...] Acreditamos que há, pelo menos, duas formas de Caso que marcam esses DPs: um Caso sobre CIs locativos e uma forma de Caso sobre os CIs beneficiário, alvo e fonte. (LIZ, 2009, p. 14).

A partir dessas constatações, Liz (2009) discorre sobre a marcação de caso e levanta a seguinte questão: se caso é uma marcação relevante apenas para a sintaxe e, de acordo com o Programa Minimalista, essa marcação deve ser valorada para garantir que o caso seja atribuído (marcações de concordância, gênero), como é possível a marcação de caso no CI? Quem atribui Caso ao CI em construções conforme exemplo 31(a)

(31) a. O João pôs os livros **na estante**.

(LIZ, 2009, p. 27)

Para tentar resolver esse impasse, a autora trabalha com a seguinte hipótese: “se a valoração de traço de Caso está atrelada à sondagem, então a preposição P também pode ser uma sonda que valorará o traço de Caso do alvo, o CI.” (LIZ,

2009, p. 27). Logo, para discutir a questão, leva em consideração os estudos realizados por diversos linguistas, entre eles: Larson (1988), Emonds (1985), Mito (1998), Littlefield (2006).

Liz (2009) desenvolve sua explanação com a descrição dos papéis temáticos que são atribuídos a essas construções. Para tanto, apresenta a proposta de Littlefield (2006), que defende uma subcategorização da categoria [-N -V]. Essa categoria definida por Chomsky abrange os advérbios, as partículas e dois tipos de preposições. No entanto, Littlefield (2006) defende que existe nessa categoria – que chama de domínio – subcategorias – que chama categorias:

categorias lexical [+lexical – funcional], funcional [+funcional –lexical], semilexical [traços lexicais e funcionais] e ainda uma quarta categoria que o autor define como “idiomática” [não apresentam traços lexicais nem funcionais], compõem as quatro divisões básicas que fazem parte de uma determinada categoria. (LIZ, 2009, p. 82).

Representadas na sequência:

Advérbios: [+ Lexical, – Funcional]
 Partículas: [– Lexical, – Funcional]
 Preposição Semilexical: [+ Lexical, + Funcional]
 Preposição Funcional: [– Lexical, + Funcional] (LIZ, 2009, p. 90).

Para Liz (2009), das classificações apresentadas por Littlefield (2006), a categoria semilexical é de suma importância, pois compreende a categoria em que estão presentes as preposições e suas funções. Nesse quadro, podem elucidar e demonstrar as diferenças entre as construções locativas das beneficiárias, alvo e meta.

Diante disso, Liz (2009) assume que as preposições são uma categoria singular, pois, apesar de serem licenciadas para atribuir tanto papel temático quanto Caso, segundo a proposta postulada por Larson (1988) e tomada por Liz (2009), nas construções triargumentais, a preposição [para], que introduz AIP beneficiário, alvo e meta, é somente atribuidora de caso, ou seja, funcional. Já os locativos são semilexicais, elementos que têm a capacidade de atribuir papel temático e caso⁹.

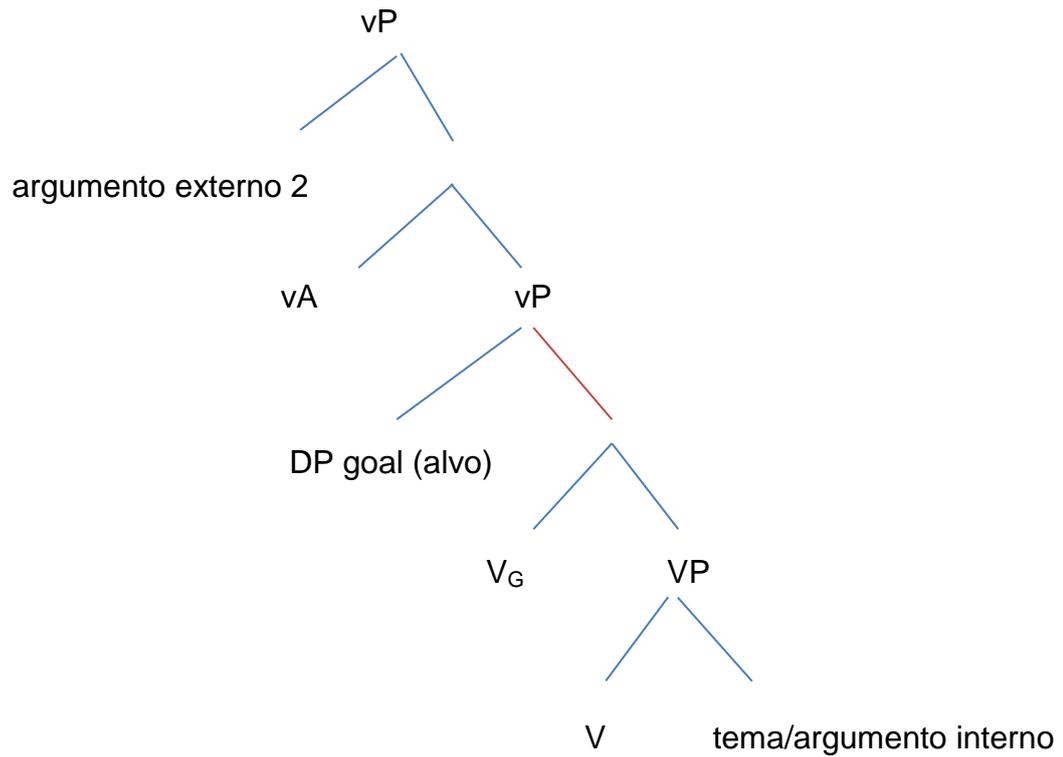
⁹ Segundo Mito (1998), as preposições ora atribuem papel temático, ora apenas estão presentes na sentença para marcação de Caso, da mesma forma que os Casos morfológicos do latim.

Assim, as propostas adotadas pela autora são representações em que a sentença possui duas projeções: “uma configuração que consiste numa projeção lexical (VP) e outra funcional (vP)” (LIZ, 2009, p. 59), que atente às exigências do Programa Minimalista.

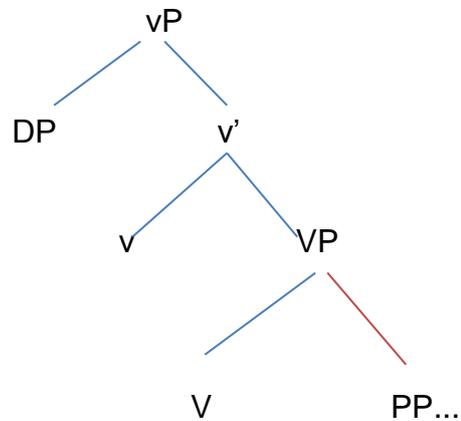
A fim de confirmar as diferenças entre as duas construções, Liz (2009) observa outras línguas para verificar a marcação de caso e confirmar sua hipótese de diferentes marcações de caso entre AIP beneficiário, meta e alvo e os chamados locativos. Nesse percurso, chega à conclusão de que, em outras línguas, a marcação de caso para as duas situações mencionadas é distinta. Assim, assume que no PB elas também devem ser distintas e a preposição pode ser marcadora de caso do seu complemento e /ou papel temático. Desse modo, Liz (2009) encontra embasamento para sua hipótese no Galês e o Irlandês de que as preposições são marcadoras de caso; defende que as preposições são uma sonda que valora Caso e possui estreita relação com o NP/DP a que está ligada.

Nesse caso, a preposição é uma sonda que valora caso do DP/NP a que está ligada e diferencia AIP locativos *versus* beneficiário, alvo e fonte. Uma das diferenças que a autora defende é que as construções com beneficiário, alvo e fonte são passíveis de DOCs¹⁰ (construção com duplo objeto) e os locativos não possuem. Devido a esses fatos, possuem estruturas distintas. Na primeira situação, a estrutura possui duas camadas de vP , conforme modelo seguinte.

¹⁰ No PB, com exceção da região da Mata, as sentenças com verbos triargumentais são produzidas com preposição. Os únicos casos em que temos apagamento é quando o AIP não é produzido, ou seja, quando um dos argumentos não está presente na sentença. No entanto, apesar de sabermos que no PB o apagamento do AIP nessas sentenças acontece com frequência, sempre ele é retomado pelo contexto. A região da Zona da Mata, apresentada nos trabalhos de Scher (1997) e Salles (1998), possui construções sem preposição ou em sentenças topicalizadas ou relativizadas. Ex.: Eu dei o livro o rapaz./ Eu emprestei o Pedro o carro. (LIZ, 2009, p. 102).



Enquanto os locativos possuem a seguinte estrutura:



A autora conclui que as preposições que introduzem os AIP dessas preposições são distintas. Ela afirma que, na primeira construção, a preposição é funcional, apenas atribui caso. A segunda é semilexical, ora atribui Caso e ora papel temático.

Logo, com base nas evidências apresentadas e nos dados de outras línguas, Liz (2009, p. 171) defende “que a preposição detona concordância com o DP/NP complemento, assumimos que é uma sonda” capaz de valorar caso.

1.8 DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS DAS PESQUISAS APRESENTADAS NA REVISÃO DE LITERATURA

As pesquisas apresentadas nas seções anteriores descrevem as construções de verbos triargumentais e a variação do uso da preposição [para] e [a] como introdutora do AIP tanto teoricamente quanto em dados de língua falada ou escrita. Apesar de os autores usarem diferentes *corpora* para realizar as pesquisas, os resultados encontrados aproximam-se em alguns aspectos.

Muitos estudos sobre as preposições [para] e [a] foram realizados na busca por respostas contundentes, de diferentes quadros teóricos linguísticos, sobre a variação de seus usos no PB. Dentre esses inúmeros estudos, elencamos os que serviram de base para a proposta de nossa pesquisa: Silveira (1999), Gomes (2003), Figueiredo-Silva (2007), Campos (2010), Torres Morais (2010, 2012), Berlinck e Biazolli (2011) e Chaves (2013).

Cada um desses estudos buscou, a partir de diferentes recortes de análise, formular respostas para a variação do uso das preposições [para] e [a] na função de introdutores do AIP nas sentenças com verbos com três argumentos. Os autores concordam quanto ao aumento do uso da preposição [para] como introdutora do AIP em contextos antes descritos como uso exclusivo da preposição [a], categórica em construções dativas. No entanto, ainda existem algumas divergências quanto ao desaparecimento do uso da preposição [a], alguns apontam como uma variação e outros como uma mudança em progresso.

Os estudos de Chaves (2013) e Berlinck e Biazolli (2011) apresentam dados iniciais de variação entre o uso das preposições [para] e [a] em textos escritos com verbos triargumentais na diacronia. Esses estudos revelam que, no século XVIII, houve uma variação nas construções com preposição [para] e [a]. Chaves (2013) descreve que o uso de [a] é mais favorável em contextos cliticizáveis e os de [para] em contextos não cliticizáveis no PB, o que não ocorre no PE.

Ao observar os dados descritos pela autora, em relação aos dativos, há uma predominância do uso de [para] como introdutora do AIP, principalmente quando o traço é [+lugar]. Já o uso da preposição [a] fica restrito às sentenças em que o AI tem traços de [+ pessoa].

Berlinck e Biazolli (2011) encontram os mesmos contextos de variações. Os casos em que a preposição [para] aparece são os que denotam [lugar]. A maior

frequência é com predador de transferência material, seguido de direção. A preposição [a] aparece em 100% dos casos que se referem a entidades [+animadas] e [+humanas].

Sobre o uso do clítico [lhe], Berlinck e Biazolli (2011) descrevem seu uso como seguindo as normas do PB, ou seja, 3ª pessoa. As autoras concluem que os resultados encontrados, quanto ao uso da preposição [para] e [a], apontam um caminho de mudança e observam que a variação no texto escrito é um sinal de seu uso corrente na fala. Esses resultados são reafirmados nas pesquisas realizadas por Silveira (1999), Gomes (2003) Figueiredo-Silva (2007) e Torres Morais (2010, 2012), que indicam o apagamento do uso da preposição [a] nos mais diferentes contextos.

Gomes (2003) indica uma mudança abrupta em todas as faixas etárias, com o aumento da preposição [para] e o detrimento da preposição [a], nos mesmos contextos dos trabalhos anteriores, porém de forma superficial não afetando a gramática. Fato esse que provavelmente ocorrerá nas gerações seguintes com a aprendizagem da variação no momento da aquisição da língua materna.

No entanto, a pesquisa desenvolvida por Campos (2010), diverge dos trabalhos de Gomes (2003), Torres Morais (2010, 2012) em relação à frequência de usos da preposição [a]. Enquanto Gomes (2003) e Torres Morais (2010, 2012) apontam sua expansão, Campos (2010) apresenta um resultado cauteloso, pois, em seus dados, a preposição [a] ainda é produtiva, tanto em ocorrências [+animadas] quanto [-animadas], ou seja, na região estudada, as construções dativas ainda estão presentes.

Para Torres Morais (2010, 2012), a ocorrência do uso da preposição [para] em detrimento da preposição [a] em construções com verbos triargumentais é causada pela não realização da construção categórica dessas sentenças, ou seja, com os traços que a classificam como dativas. Esse fato se deve à reconfiguração do uso dos pronomes clíticos e tônicos, além da não realização do AIP, muitas vezes, implícito pelo contexto. Figueiredo Silva (2007) também concorda com a perda das construções dativas, que ficam limitadas a construções cristalizadas.

Campos (2010) também descreve a recategorização do clítico [lhe], característica do dativo em 3ª pessoa, ocorrendo como 2ª pessoa na função acusativa e a não realização do AIP ou AIP nulo. Fenômeno também presente nos resultados de Silveira (1999), com dados de língua oral, com clítico [lhe] na função acusativa de 2ª pessoa e os pronomes tônicos presentes na função de 3ª pessoa.

Liz (2009), em seu estudo sobre as preposições introdutoras de argumentos internos preposicionados, em que o argumento possui valor de beneficiário, meta, alvo e locativo, aponta os diferentes valores que a categoria das preposições podem apresentar em uma dada sentença, podendo ser em determinados contextos lexicais e em outros funcionais. É com base na ampla variabilidade da categoria das preposições que investigamos como introdutora do AIP em construções triargumentais.

Identificamos, com base nas pesquisas aqui abordadas, uma mudança nas construções dativas triargumentais no PB, em que a preposição [para] está avançando em espaços gramaticais, antes somente utilizados pela preposição [a] com verbos triargumentais, ou seja, a diminuição do uso do dativo.

Os reflexos apresentados sobre o fenômeno, tanto na língua oral quanto na escrita, não esgotam a descrição dessas construções, o que possibilita seu estudo em outros espaços geográficos, bem como de diferentes perspectivas. São esses reflexos que buscamos elucidar nesta pesquisa, com dados de uma região distinta e com a perspectiva de descrever o motivo da escolha pela preposição [para].

1.9 RESUMO DO CAPÍTULO

No capítulo I, discorreremos sobre conceitos que consideramos pertinentes para a elaboração de nossa pesquisa. Dentre esses conceitos, temos a definição e classificação do dativo com a explanação das características que o definem, bem como as principais diferenças entre o dativo e o AIP e o CO.

Em seguida, procedemos à descrição do quadro pronominal no PB, com as considerações em relação ao uso dos pronomes do português atual, especificamente o clítico [lhe], devido à sua relação com o desaparecimento do dativo, objeto desta pesquisa. Apresentamos considerações sobre o complemento oblíquo e as preposições [para] e [a], com a descrição de suas características. Os conceitos aqui abordados servem como base para compreender a discussão bibliográfica que vem a seguir. Logo após, descrevemos as noções básicas de teorias que embasam esta pesquisa, as noções de princípios e parâmetros e a teoria X-Barra.

A seção seguinte, 1.7.1 deste capítulo, apresentou as principais diferenças entre o PB e o PE em relação às construções triargumentais com dativos e

complementos indiretos e oblíquos. Essa diferenciação se faz necessária para compreendermos a discussão sobre a variação do argumento interno no PB.

Em seguida, apresentamos uma ampla bibliografia com os principais autores que tratam dos dativos e PB. Iniciamos com o quadro diacrônico e seguimos com estudos sincrônicos sobre o fenômeno. Os estudos apresentam a variação de uso das preposições [para] e [a] em diferentes regiões do Brasil e apontam uma possível mudança em andamento. Os resultados desses estudos servem como base para a nossa pesquisa, que busca verificar como se apresenta a variação da preposição [para] e [a] como introdutora de argumentos internos em construções com verbos triargumentais na região de Chapecó.

Apresentamos um tópico de discussão dos estudos apresentados, que tem como objetivo verificar as aproximações e os distanciamentos dos resultados, o que possibilita perceber as lacunas que ainda existem sobre a variação em questão. A partir desses contextos analisados, construímos nossa metodologia com o intuito de abarcar maior abrangência em termos de variação e elaborar uma análise contundente.

CAPÍTULO II METODOLOGIA

Este capítulo é dedicado à metodologia utilizada para a obtenção da base de dados que será analisada neste estudo. Descrevemos os programas televisivos escolhidos, o fenômeno com seus respectivos contextos, além das justificativas para cada um dos passos definidos na pesquisa.

2.1 CORPUS – PROGRAMAS TELEVISIVOS

A escolha por montar um *corpus* com programas televisivos veio da necessidade de obter dados de fala atual, de Chapecó e região, em situações reais de comunicação, sem qualquer tipo de intervenção. Acreditamos que a análise de dados reais possibilita uma visão ampla e fidedigna de uma língua em uso. Assim, os programas televisivos regionais escolhidos para compor o *corpus* desta pesquisa foram os seguintes: “Ver Mais” e “Oeste Rural”, ambos da rede de TV Ric Record.

Além do uso real da língua, a escolha por esses dois programas televisivos foi determinada por apresentarem um variado quadro de participantes de várias idades e classes sociais, o que permitiu uma ampla visão do uso da língua nessa região. Os participantes eram apresentados no início do programa, com divulgação do nome, profissão, o que nos possibilitou identificar e selecionar somente os entrevistados da cidade e região de Chapecó.

O programa “Ver Mais” está no ar há mais de cinco anos, seu principal objetivo é divulgar, informar e entreter os telespectadores de Chapecó e região. A programação é voltada para divulgação de eventos, promoções, informações da cidade e região. O programa é ao vivo e conta com um(a) apresentador(a) que recebe convidados para entrevistas sobre os mais diferentes assuntos, desde os mais sérios, como saúde e educação, até assuntos de entretenimentos. Por exemplo, a divulgação da programação de eventos sociais ou de lazer, culturais, acadêmicos e de negócios.

Uma vez por semana, o programa abre espaço para receitas culinárias feitas ao vivo. Nesse dia, um telespectador é escolhido e participa presencialmente. Além disso, conta com um canal interativo ao vivo para participação dos telespectadores com perguntas em tempo real, por telefone ou rede social, respondidas no ar.

Os convidados são profissionais que atuam na cidade de Chapecó, por exemplo, médicos, fisioterapeutas, representantes de empresas, organizadores de eventos e de entidades, como ONGs que prestam atendimentos em diversos setores da sociedade. Tanto da cidade de Chapecó quanto de cidades da região, dentre elas, Xaxim, Xanxerê, Guatambu, Seara, devido ao fato de Chapeco ser um centro regional, muitas pessoas da região circulam pela cidade.

As entrevistas são mediadas pelo apresentador(a), que é o âncora do programa, sendo substituído somente no período de férias. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 13h15min às 14h, com 1h15min de duração.

Na sequência, imagens do programa Ver Mais.

Figura 1 – Imagem da página *on-line* do programa Ver Mais

The image shows the website for the program 'Ver Mais'. At the top, there is a navigation bar with the RICTV logo, 'SC', and links for 'AO VIVO', 'GRADE', 'PROGRAMAS', 'ESPECIAIS', 'NOTÍCIAS', and 'PORTAL DE VOZ'. A search bar is located on the right side of the header. The main content area features a large banner for 'VER MAIS OESTE' with a colorful logo and the text 'ÀS 13H20'. Below the banner, there is a short description of the program: 'O programa traz informação, entretenimento e descontração em formato de revista eletrônica. Ver Mais também interage com os telespectadores com brincadeiras, prêmios, variedades, matérias polêmicas de entretenimento e prestação de serviços.' To the right of the text is a photo of the host, a woman with long blonde hair wearing a white shirt. Below the banner, there is a 'DESTAQUES' section. On the left, there is a 'PUBLICIDADE' (advertisement) for 'DORES NO CORPO?' (Pain in the body?) with the text 'À VENDA NAS FARMÁCIAS'. On the right, there are two video thumbnails with the title 'Dor de ouvido: conheça sintomas, causas e prevenção parte 1' and 'parte 2'. Social media icons for Facebook, Twitter, Google+, and LinkedIn are visible below the video thumbnails.

Fonte: Programa Ver Mais – RICTV – Record SC.

Figura 2 – Imagem da página *on-line* do programa Ver Mais

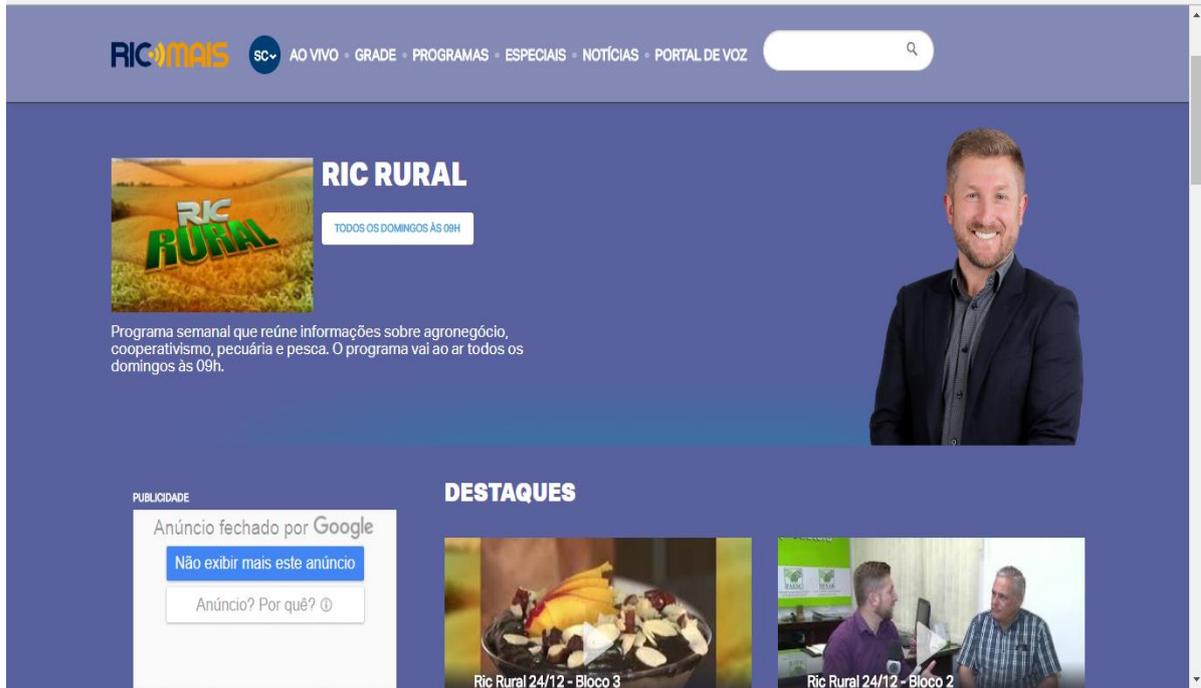


Fonte: Programa Ver Mais – RICTV – Record SC.

O programa Oeste Rural vai ao ar uma vez por semana aos domingos, pela manhã, com 30 minutos de duração, das 9h às 9h30min. A programação é composta por reportagens, divulgação de receitas e entrevistas com indivíduos de diferentes setores ligados à produção de alimentos. O principal objetivo do programa é divulgar informações e atualizar os telespectadores, em especial, os indivíduos envolvidos com a agroindústria e agricultura, setor de forte representatividade na cidade de Chapecó e região. Para tanto, a programação apresenta reportagens gravadas em estúdios, que trazem informações sobre valores dos produtos agroindustriais e agrícolas, bem como informações divulgadas por órgãos governamentais envolvidos no setor. Em outros momentos, as reportagens são externas, ou seja, as entrevistas são realizadas fora dos estúdios, podendo ser em empresas, eventos, entrevistando gerentes, representantes de empresas, agricultores, entre outros. Os participantes são identificados no início das reportagens, sendo possível a seleção de entrevistados da cidade de Chapecó e região. O programa possuiu um apresentador (âncora) que introduz e contextualiza as reportagens que serão apresentadas. Diferentemente do programa Ver Mais, que é ao vivo, o Oeste Rural é um programa gravado e editado. Está há mais de sete anos no ar.

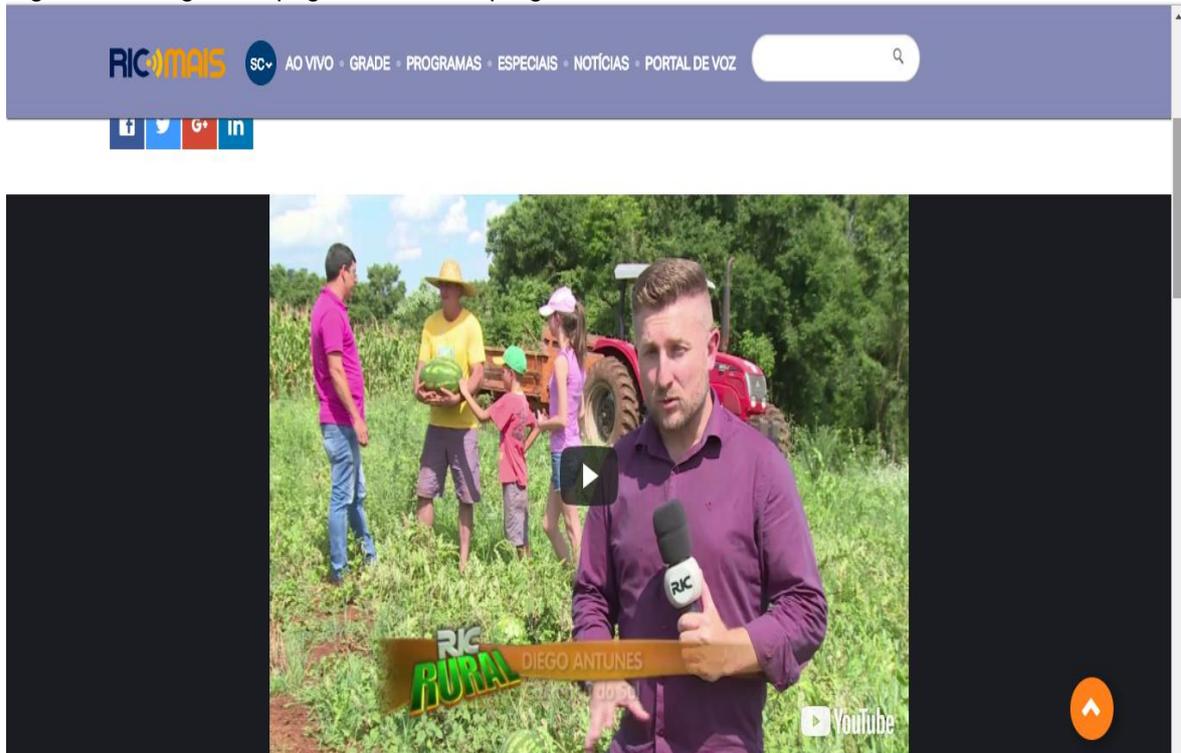
Na sequência, as imagens do programa Oeste Rural.

Figura 3 – Imagem da página *on-line* do programa Oeste Rural



Fonte: Programa Oeste Rural – RIC TV – Record SC.

Figura 4 – Imagem da página *on-line* do programa Oeste Rural



Fonte: Programa Oeste Rural – RIC TV – Record SC.

A coleta de dados dos dois programas foi realizada durante cinco meses, entre fevereiro de 2017 e junho de 2017, através da análise das falas dos indivíduos participantes dos programas Ver Mais e Oeste Rural. Para tanto, foram utilizados os vídeos dos programas disponíveis na página da rede de televisão RIC-Record *on-line*.

A escolha por analisar os vídeos disponíveis *on-line* levou em consideração a possibilidade da análise criteriosa, para que a coleta das ocorrências dos fenômenos fosse mais detalhada, ou seja, a coleta das construções foi realizada pelo pesquisador, através da audição dos programas citados, de forma criteriosa e cautelosa, observando as construções das sentenças e selecionando aquelas em consonância com o fenômeno estudado. Os áudios dos programas analisados foram gravados e arquivados.

Foram analisadas 142h50min do programa Ver Mais e 11h33min do programa Oeste Rural. Essa quantidade foi suficiente para quantificar um número total de 272 sentenças com verbos triargumentais que selecionavam como AIP uma construção com possível variação entre [a] e [para]. Esse é o *corpus* composto para este trabalho.

2.2 A JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO *CORPUS*

A base para o levantamento dos dados levou em consideração os contextos das pesquisas já realizadas e descritas na revisão de literatura, principalmente a discussão e análise das construções dativas triargumentais realizadas por Torres Morais (2010, 2012), Campos (2010) e Chaves (2013). Apesar de os resultados e conclusões a que chegaram os autores em seus respectivos trabalhos não concordarem plenamente, as pesquisas complementam-se e serviram como guia para a análise dos dados nesta pesquisa.

A escolha por dois programas televisivos, como fonte de dados para compor o *corpus* de análise, foi definida após a pesquisa sobre qual seria a melhor forma de coleta de dados de língua em uso real na atualidade, sem nenhum tipo de interferência do pesquisador que representasse o português brasileiro contemporâneo na cidade de Chapecó e região e abrangesse indivíduos de diferentes classes sociais, escolaridade e idade. Os programas escolhidos cumprem com os requisitos determinados. Além disso, são de fácil acesso, o que possibilitou uma análise criteriosa.

Quanto à descrição do fenômeno analisado, realizamos o recorte com as seguintes características: foram selecionadas para compor os dados as sentenças formadas por verbos triargumentais, ou seja, que selecionam três argumentos, sendo um argumento externo e dois argumentos internos, que apresentem em suas construções o AIP introduzido pelas preposições [para] ou [a].

Os argumentos internos dos verbos triargumentais possuem semanticamente dois tipos de significados:

- a. Concessão/Transferência de algo (objeto direto – tema) a alguém (objeto indireto – receptor);
- b. Deslocamento/Movimento de algo (objeto direto – tema) alguém ou algum lugar (objeto indireto – alvo). (MORETTI, 2010, p. 371).

Essas duas possibilidades de significados foram levados em conta no momento da transcrição e da análise dos dados, pois seguem os mesmos moldes dos trabalhos já revisitados. Explanaremos, a seguir, como procedemos à construção e transcrição dos dados.

2.3 A COMPOSIÇÃO DOS DADOS PARA ANÁLISE

A escolha e a definição a respeito dos dados utilizados para análise foram determinadas levando-se em conta algumas características que deveriam ser supridas para que conseguíssemos alcançar resultados contundentes, ou seja, que representassem a gramática da cidade de Chapecó e região e, também, que configurassem diferentes contextos de representação do fenômeno em estudo, os quais são descritos nas linhas seguintes.

O presente estudo configura-se como um estudo sincrônico, um recorte na linha do tempo, especificamente, do português brasileiro contemporâneo. Desse modo, a pesquisa em questão diferencia-se das demais pesquisas realizadas no quesito: região de análise – Chapecó –, por conseguinte, contribuirá com uma amplitude da descrição do fenômeno.

Como apresentado anteriormente, os dados analisados foram retirados de dois programas televisivos da cidade de Chapecó, ambos transmitidos pelo canal RIC-Record: o primeiro de entretenimento chamado Ver Mais e o segundo relacionado ao agronegócio chamado Oeste Rural.

Foram analisadas do programa Ver Mais um total de 142h50min de programa e encontradas 246¹¹ ocorrências entre fevereiro e junho de 2017. Em relação ao segundo programa, Ric Rural, totalizamos 11h33min de horas analisadas e foram encontradas 26 ocorrências de sentenças com construções triargumentais nos contextos averiguados por este trabalho, entre março e junho de 2017. A diferença entre os períodos analisados deve-se à disponibilidade dos programas *on-line* e ao número de exibições, pois não conseguimos ter as exibições de fevereiro do programa Ric Rural.

A coleta de dados contemplou as falas dos entrevistados, entrevistadores e participantes dos programas em geral, como representação da língua portuguesa na cidade de Chapecó e região em contextos reais e atuais de uso da linguagem. A partir da observação das sentenças nos contextos reais de uso, foram retiradas as construções que apresentaram verbos triargumentais, em que um dos argumentos internos fosse introduzido pela preposição [a] ou [para].

Desse modo, os dados encontrados possibilitaram a descrição de como se apresentam as ocorrências do fenômeno em questão na cidade de Chapecó e da região. Em relação à coleta dos dados, ressaltamos que não foram computadas ou selecionadas as sentenças produzidas por indivíduos de outras regiões que tivessem participado dos programas, seja em situações de entrevistas, seja em declarações individualizadas.

Logo, acreditamos que os contextos escolhidos para a coleta dos dados, falas do português brasileiro contemporâneo transcrito, a partir de entrevistas e reportagens produzidas na cidade de Chapecó e da região do Oeste catarinense, proporcionam-nos, ao menos inicialmente, o amparo necessário para a descrição e análise das construções dativas com verbos triargumentais, fazendo um paralelo com as pesquisas de outras regiões do país, quais sejam: Silveira (1999), Berlinck (2007), Liz (2009), Torres Morais (2010, 2012), Campos (2010), Chaves (2013).

2.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE DO *CORPUS*

A descrição e a escolha dos contextos analisados na coleta dos dados se fizeram necessárias por serem critérios seguidos durante o levantamento das ocorrências, evitando a dispersão ou desvio de caminho durante esse percurso.

¹¹ Disponíveis no apêndice.

Como podem ser observadas, no referencial bibliográfico e na discussão das pesquisas apresentadas, as preposições [para] e [a] foram utilizadas em diferentes classes de verbos e em diferentes contextos. No entanto, por uma questão de delimitação, este trabalho não teve como objetivo analisar esses contextos. Nas próximas seções, descrevemos nossos limites de análises.

2.4.1 Verbos triargumentais

A classe dos verbos triargumentais tem como característica as construções que possuem três argumentos: um argumento externo e dois argumentos internos. Especificamente, em nosso estudo, ressaltamos que as construções selecionadas foram com verbos triargumentais em que o AIP pudesse ser introduzido pelas preposições [para] ou [a], podendo ainda ser pronominalizado pelo clítico [lhe] ou pelos pronomes retos [ela/ele]. Conforme exemplo:

- (31) a. Paulo deu uma bicicleta **para/a** Pedro.
 b. Paulo deu-**lhe** uma bicicleta.
 c. Paulo deu uma bicicleta **pra/para/a ele/ela**

Diante dessas especificações, após realizar o levantamento de dados nos dois programas televisivos analisados, os verbos encontrados e classificados como triargumentais foram os seguintes: *aconselhar, apresentar, arremessar, atirar, atribuir, carregar, ceder, chamar, chutar, colocar, comprar, comunicar, conceder, conferir, confiar, contar, convidar, dar, declarar, delatar, denunciar, destinar, devolver, distribuir, dizer, doar, encaminhar, emprestar, ensinar, entregar, enviar, estabelecer, exibir, explicar, expor, fornecer, informar, imputar, jogar, legar, levar, mandar, mostrar, narrar, oferecer, ofertar, pagar, pedir, perdoar, perguntar, preferir, prevenir, prometer, propor, proporcionar, receitar, recomendar, relatar, remeter, reportar, restituir, revelar, solicitar, submeter, sugerir, transferir, transmitir, transportar, trazer e vender*. Para fundamentar a classificação da transitividade verbal como verbos triargumentais, utilizamos o Dicionário prático de regência verbal, de Luft (2010).

Quando, ao averiguar o AIP de cada um dos verbos triargumentais, a preposição escolhida para esses contextos foi a preposição [a] ou foi utilizada a

pronominalização pelo clítico [lhe], para esse AIP, usamos o conceito de dativo ou verdadeiro dativo para essas construções. Quando a preposição escolhida foi [para] ou o uso de pronomes retos, usamos apenas o conceito de AIP.

Todos esses verbos foram analisados tanto em sua natureza sintática quanto semântica, ou seja, a classificação das sentenças quantificou e descreveu as possíveis ordens de seus constituintes nas construções triargumentais, analisou e classificou esses verbos por sua natureza semântica.

Em relação à natureza semântica, os verbos triargumentais analisados apresentaram as seguintes classificações:

Verbos de transferência material/perceptual e verbal: *dar, fornecer, entregar, comprar, devolver, doar, ensinar conferir, dizer, perguntar, vender*, entre outros.

(32) a. [...] com os preenchimentos nos vamos tentando melhorar, **dar** mais sustentação à estrutura muscular [...]

b. [...] o sistema público **oferece** toda a assistência **pro** autista?

(VER MAIS, 2017)

Verbos de movimento físico e abstrato: *enviar, transportar, colocar, encaminhar*, entre outros.

(33) a. [...] técnica de cultura do SESC, aqui de Chapecó, também vem **trazendo** informações aqui **pra [para] gente**.

b. [...] vai sentindo a respiração e tenta tira ela do pulmão e **coloca** ela **pro [para o]** abdômen.

(VER MAIS, 2017)

A classificação dos verbos quanto à natureza semântica levou em consideração os traços semânticos que precisam ser preenchidos. No caso dos verbos triargumentais, a análise desses traços semânticos foi importante no propósito de verificar se o traço semântico possuía alguma relação com a escolha entre as preposições [a] ou [para], se existia uma escolha específica para cada valor verbal ou se ela foi aleatória.

2.4.2 Argumento interno nulo ou objeto indireto nulo

Os verbos triargumentais, assim como outros verbos, podem apresentar argumentos nulos. Os argumentos externos nulos não foram objetos de estudo deste trabalho. No entanto, quando um verbo triargumental apresentou seu argumento interno, que deveria ser preposicionado como nulo, essa construção foi contabilizada em nossos dados. Nosso intuito foi verificar quais seriam os contextos e as possibilidades de relação entre argumento interno preposicionado ou dativo nulo e a possível perda da construção dativa categórica no PB, segundo alguns estudos.

(34) a. [...] a financeira ou banco **deve oferece (oferecer)** um parcelamento dessa dívida [o], com juros menores que é o famoso juro do empréstimo pessoal.

b. [...] então, o que a gente vai trabalha (trabalhar), o repicado **dá** uma leveza [o], porém, sem tirar muito o comprimento [...]

(VER MAIS, 2017)

2.4.3 Pronome clítico [lhe] e pronomes retos [ele/ela]

A possibilidade de substituir um AIP de um verbo triargumental por um clítico [lhe] é uma das características para definição do dativo. Desse modo, a verificação de sua ocorrência nos dados analisados foi de suma importância, haja vista que, conforme descrito por Gomes (2003), Campos (2010) e Torres Morais (2010, 2012), o pronome clítico [lhe] vem desaparecendo das construções canônicas a que se destina, ou seja, a função clítica de 3ª pessoa. Porém, é preciso salientar que esse desaparecimento não está relacionado à não ocorrência no PB, mas a uma re colocação de seu uso, que passa a representar o clítico acusativo de 2ª pessoa.

Para assumir a função clítica de 3ª pessoa, os autores citados apresentam a descrição de ocorrências com os pronomes retos [ele/ela], em sua maioria acompanhada da preposição [para]. A recategorização do clítico [lhe], conforme Campos (2010), e a introdução dos pronomes retos [ele/ela] em construções dativas podem estar relacionadas à perda dessas construções no PB (TORRES-MORAIS, (2010, 2012). Diante da profícua discussão, esses contextos foram contabilizados e averiguados em nosso levantamento de dados.

(35) a. [...] um aplicativo em que você encontra pessoas que possam **lhe (te) dá** (dar) um pouso, uma pousada [...]

b. A gente tá (está) aqui pra (para) realmente **dá** todo um suporte **pra (para) ela**, não só nesse momento [...]

c. Então, Ana é aqui no seu ateliê que você costuma **dá (dar)** uma cara nova **às** peças.

(VER MAIS, 2017)

2.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevemos os métodos e a metodologia utilizada para a composição dos dados analisados. Apresentamos, também, os contextos em que foram retiradas as ocorrências, a saber, dois programas televisivos locais que representam a gramática falada de Chapecó e região.

A escolha por esses programas foi determinada devido à variedade dos falantes que participam das entrevistas e reportagens, que são de diferentes classes sociais, de diferentes escolaridades e a discussão de assuntos variados, possibilitando uma ampla visão da gramática falada em Chapecó e região. Além disso, procuramos verificar a ocorrência do fenômeno na fala dos chapecoenses sem nenhuma interferência do pesquisador.

A metodologia seguiu os critérios definidos a partir do referencial bibliográfico, que apontou os principais contextos de ocorrências do fenômeno, servindo como base para as análises e conclusões dos usos da preposição [a] e [para] na cidade de Chapecó e região.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados encontrados nos dados coletados. A ordem de descrição e a análise seguem a metodologia descrita no capítulo II, a saber: (I) descrição das ocorrências com a preposição [a] e [para]; (II) descrição sintática das ocorrências; (III) descrição semântica das ocorrências, verbos de transferência perceptual, material, verbal e movimento físico e abstrato; (IV) dativo nulo ou argumento nulo; (V) descrição das ocorrências com AIP pronominalizado pelo clítico [lhe] e pronomes retos [ela/ele], contextualizando com os estudos já realizados sobre o fenômeno e apresentados no capítulo I desta dissertação. Na sequência, é apresentada a análise geral dos dados e as conclusões.

3.1 A PREPOSIÇÃO [A] E [PARA]

A preposição [a], conforme descreve a literatura da área, é uma preposição funcional – não atribui papel Θ . Como descreve Torre Morais, no PE a preposição [a] seria como um sufixo acoplado aos argumentos de uma dada sentença. Em outras palavras, a preposição [a] em contexto de verbos triargumentais apresenta características de uma preposição “dummy”, ou seja, vazia de significado. Todos os autores que admitem a existência de preposições “dummy” admitem indiretamente que elas não atribuem papel temático (BERG, 1998, p. 117), desse modo, preposição [a] é a única preposição capaz de introduzir o termo dativo em construções com verbos triargumentais. No PE, há um uso categórico dessa preposição em contextos dativos.

Já no PB, essa preposição vem perdendo espaço para a preposição [para], cada vez mais utilizada como introdutora do AIP com verbos triargumentais. Mas como explicar o uso da preposição [para], considerada lexical em um contexto tipicamente dativo, ou seja, como pode assumir a posição do argumento interno no lugar da preposição [a] que tem papéis temáticos de beneficiário/posse ou pode ser pronominalizado pelo clítico [lhe]? Segundo Berg (2009, p. 106), “as preposições que têm a função de predicadoras [lexicais] são aquelas que têm argumentos que

não são acarretados pelos verbos e são elas próprias que atribuem papel temático ao seu argumento.” Diante dessa problemática, a partir desse momento, apresentamos a descrição dos dados encontrados neste trabalho.

Na sequência, apresentamos os dados gerais do *corpus*, em relação ao total de ocorrências analisadas com uso das preposições [para] e [a] em contextos de verbos triargumentais coletados no *corpus*. Nosso estudo obteve 218 sentenças com esse contexto, das quais mais de 90% das sentenças encontradas são com a preposição [para]. Como podemos observar na tabela.

Tabela 1 – Variações do argumento interno preposicionado com verbos triargumentais

Representação	Das	Ocorrências
Elementos analisados	Nº	%
[para]	200	91,75%
[a]	18	8,25%
Total	218	100%

Fonte: a autora.

Analisando os dados da Tabela 1, podemos afirmar que o uso preponderante da preposição [para] como introdutora do AIP em verbos triargumentais aponta indícios de uma mudança na língua, uma vez que temos apenas 8,25% das sentenças com o argumento interno introduzido pela preposição [a], representando o verdadeiro dativo.

Com esse resultado, nosso estudo se aproxima das pesquisas realizadas sobre esse fenômeno, dentre elas, Torres Morais (2010, 2012), que defende que o uso da preposição [para] vem se acentuando em construções com verbos triargumentais, ou seja, o PB estaria perdendo a construção dativa. A construção dativa é definida como aquela que pode ser substituída e pronominalizada pelo clítico [lhe] e seria a construção capaz de expressar valores de [posse] e [beneficiário]. Por outro lado, a preposição [para] é considerada como introdutora de complemento oblíquo com valores de direcionalidade, meta, fonte e beneficiário, conforme descreve Torres Morais (2010, 2012). A partir dessas definições, chamamos a atenção para a intersecção de valores semânticos existentes entre as duas preposições deste estudo: o valor de beneficiário. Essa intersecção semântica é importante para nossa hipótese e análise nas próximas seções.

Esse resultado também corrobora os estudos de outras regiões do país, como o trabalho de Gomes (2003), que aponta um aumento significativo do uso da

preposição [para] na fala do carioca. A autora expõe essa variação entre [para] e [a], com preferência pelo uso do [para], que ocorre devido a dois motivos, especialmente: a mudança no quadro pronominal quanto à perda do clítico [lhe] e o aumento do uso dos pronomes retos, no caso da preposição [para], devido ao fato de o uso da preposição [para] não ser estigmatizado, o que faz que sua introdução na fala seja bem aceita pelos falantes. Concordamos com o primeiro item apontado pela autora. Sobre sua segunda afirmação, temos ressalvas, acreditamos que o uso da preposição [para] vai muito além do fato de não ser estigmatizado. Isso porque existem propriedades sintáticas e semânticas intrínsecas às preposições que colaboram por seu uso ser uma preferência no PB.

Entretanto, em relação aos estudos de Campos (2010), nossa pesquisa não corrobora a afirmação em relação à preposição [a] ter um uso significativo no PB (Tabela 1). A preposição [para] é a escolhida pelos falantes, ficando a preposição [a] à margem aparecendo em poucos contextos. Inclusive, essas discrepâncias com o trabalho de Campos (2010) são mais acentuadas quando olhamos para núcleos verbais específicos. Por exemplo, nos contextos com o verbo [pedir], Campos (2010) aponta como os contextos de preferência do uso de [a], em nossos dados, as sentenças com o verbo [pedir] foram 100% com o uso da preposição [para].

A partir dos resultados encontrados, acreditamos estar diante de uma mudança linguística. Assim, perguntamo-nos: quais os contextos em que a forma inovadora estaria ocorrendo? Sabemos que a principal característica de um verbo triargumental é sua capacidade ou necessidade de selecionar três argumentos para que a sentença tenha sentido completo, mesmo que os três argumentos não estejam presentes na sentença, ou seja, verbo com argumentos nulos. É necessário que esses elementos nulos sejam retomados pelos contextos ou identificados pela desinência do verbo ou de alguma outra forma; caso contrário, um verbo sem um de seus argumentos, nas condições citadas, faz com que a sentença se torne agramatical.

Mas quais seriam os fatores que permitem o uso da preposição [para] em construções com valores sintáticos e semânticos específicos ao dativo? Os pressupostos da Gramática Gerativa colocam as preposições na categoria de

elementos lexicais, ou seja, atribuidora de papel temático¹² e caso¹³. Desse modo, como é licenciado o uso da preposição [para] nessas construções com verbos triargumentais, os quais também são considerados como categorias lexicais, ou seja, têm a capacidade de atribuir papel temático aos três argumentos?

Para tentar responder a essa questão, ancoramo-nos inicialmente nas seguintes afirmações:

Vamos dividir as preposições em dois tipos, predicadoras [lexicais] e funcionais, de acordo com as relações predicativas que elas estabelecem: as do primeiro tipo, predicadoras, são aquelas que atribuem papel temático a seu complemento. As do segundo tipo, funcionais, são aquelas que não atribuem papel temático ao seu complemento. Advertimos que predicadoras e funcionais não são classes distintas, mas funções. (BERG, 2009, p. 104).

Com base nesses pressupostos, identificamos que, no exemplo (36), é possível verificar um verbo triargumental com uma construção dativa, ou seja, o núcleo verbal [dar] precisa de três argumentos para ser uma sentença completa, um DP¹⁴-AE e dois DP-AI, em que um é preposicionado. Nesse caso, a preposição escolhida é a preposição [a] que, conforme Torres-Morais (2010), no PE configura-se como “um argumento extra, adicional, introduzido na sintaxe pelo núcleo funcional denominado aplicativo” (TORRES MORAIS, 2010, 174), ou seja, “[...] é um função identificada morfológicamente: o morfema *a* que *a* introduz [...] é uma marcador de caso dativo” (TORRES MORAIS, 2010, p. 172), não atribui papel temático, por não ter significado lexical.

36) a. [...] [Estados Unidos_{DP-AE}], por exemplo, que compra produtos oriundos de Santa Catarina, e o [Japão_{DP-AE}] mesmo que [dão_V] [muita importância_{DP-AI}] [à_P] [ausência de febre aftosa_{DATIVO}] [...]

(RIC RURAL, 2017).

¹² Papel temático corresponde à função semântica dos sintagmas na sentença, tais como: agente, paciente, experienciador, local, causador, ou seja, os papéis que cada argumento desempenha na sentença ou cena. Os atribuidores de papéis temáticos são apenas os núcleos lexicais: nomes, verbos, adjetivo e preposição. Os recebedores de papéis temáticos são os argumentos. A teoria temática é regulada pelos seguintes critérios: (i) todo argumento tem que receber um papel temático; (ii) todo papel temático tem que ser atribuído a um argumento.

¹³ Teoria do caso é uma categoria gramatical essencial para a gramaticalidade da sentença. Todo o DP pronunciado precisa ter caso para ser realizado.

¹⁴ DP – Determinante.

No exemplo (37b), o núcleo verbal [dar] seleciona três argumentos para que a sentença fique com sentido completo. Nesse caso, a preposição que introduz o AIP é a preposição [para] considerada um núcleo lexical, ou seja, atribuidora de papel Θ e caso. Retomando as afirmações feitas anteriormente, a introdução da preposição [para] em construções com verbos triargumentais levanta uma questão importante: não temos uma construção dativa, mas uma construção com dois núcleos lexicais para um mesmo DP? Se a resposta para essa pergunta fosse sim, a sentença seguinte deveria ser agramatical, pois, seguindo a regra de atribuições de papel temático: “(i) cada argumento tem que receber um e um só papel temático; (ii) cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento.” (MIOTO et al., 2013, p. 142).

(37) [...] ele não rompe o fio, [ele_{DP-AE}] [dá_V] [muito brilho_{DP-AI}] [**pro (para o)** cabelo_{AIP}].

(VER MAIS, 2017).

Portanto, temos as seguintes questões: como classificar sintaticamente o AIP quando usa a preposição [para]? Como licenciar sintaticamente a sentença (37b) dentro das regras atribuídas pela teoria gerativa, uma vez que a sentença é gramatical e praticada pelos falantes?

Passamos a investigar os possíveis caminhos que levam o falante a escolher a preposição [para] no lugar da preposição [a] e se a escolha da preposição é influenciada pelos sintagmas que compõem a sentença, seus valores semânticos ou ordem sintática. Buscamos explicar como ocorre essa relação e assumimos que as preposições se subdividem em funções distintas – como descrito por Liz (2009).

3.2 A ORDEM DA ESTRUTURA SINTÁTICA DAS SENTENÇAS NOS DADOS

No que diz respeito à construção sintática das sentenças com verbos triargumentais, ou seja, à ordem de seus constituintes, a representação que normalmente é utilizada pelo falante no PB é a seguinte: AE V AI AIP (argumento externo, verbo, argumento interno não preposicionado e argumento interno preposicionado). No entanto, apesar dessa ordem canônica, neste estudo, buscamos identificar as possibilidades de inversões entre os dois argumentos

internos do verbo triargumental. Levamos em consideração somente as ocorrências com a inversão AE V AIP AI; as demais inversões apenas constam na Tabela 2. Devido ao pequeno número encontrado, não as analisamos.

Tabela 2 – Variação da ordem dos argumentos internos

Ordem analisadas	Nº	%
AE V AI ¹⁵ AIP	185	84,87%
AE V AIP AI	30	13,76%
AE AI V AIP	2	0,92%
AE AIP V AI	1	0,45%
Total	218	100%

Fonte: a autora.

A alternância da ordem dos sintagmas nas sentenças parece não interferir nem no sentido/significado da sentença, nem na função sintática dos elementos. Em (38a), temos a ordem AE V AIP AI. Se invertermos as posições dos sintagmas como em (38a'), é possível ter a mesma interpretação que (38a). Do mesmo modo, a alternância pode ser feita nos exemplos (38b,c,d,), sem prejuízo para a interpretação, tanto para construções com a preposição [a] quanto [para].

(38) a. c. [...] antes de [☞ DP-AE] [**dá** V] [um animal de presente DP-AI] [**pra (para)** uma criança DP-AIP] [...]

a'. [...] antes de [☞ DP-AE] [**dá** V] [**pra (para)** uma criança DP-AIP] [um animal de presente DP-AI] [...]

b. Olha só que opção bacana [pra (para) você DP-AE] [**oferece** V] [**pra (para)** sua família DP-AIP], né, [um lanche diferente, hoje. DP-AI]

c. [...] antes de [☞ DP-AE] [**dá** V] [um animal de presente DP-AI] [**pra (para)** uma criança DP-AIP] [...]

d. [...]Então, Ana é aqui no seu ateliê que [você DP-AE] costuma [**dá**V (dar)] [uma cara nova DP-AI] [**às** peças DATIVO].

(VER MAIS, 2017)

Os resultados apresentados na Tabela 2 e esses exemplos indicam que, mesmo com a possibilidade de alternar os sintagmas nas sentenças triargumentais,

¹⁵ Chamamos de AI o argumento interno não preposicionado de um verbo triargumental.

os falantes do PB da região de Chapecó utilizam com maior frequência a ordem canônica, AE V AI AIP, que correspondeu a 84,87% das ocorrências.

A ordem AE V AIP AI (39^a.b) apresentou o total de 30 sentenças, correspondendo a 13,76% dos dados (Tabela 2).

(39) a. A gente resolveu monta uma banda e vamos [proporcionar v] [**a todos** DATIVO] [**um bom final de evento** AI].

b. [...] principalmente naqueles casos em que o empregador não [comunicou v] [ao fundo de garantia AIP] [a data de saída do trabalhador AI].

(VER MAIS, 2017)

Um fator interessante dessas construções é que nove delas são com a preposição [a], um número pequeno se comparado ao total de ocorrências (218). Contudo, se analisarmos esse número com o total de ocorrências encontradas nos dados com a preposição [a], temos 09/18 (Tabela 1), representando 50% desses dados. Esse resultado implica afirmar que, quando há presença da preposição [a], as chances de se ter uma inversão na ordem canônica são maiores que com o uso da preposição [para]. Ao mesmo tempo, o número cada vez menor do uso da preposição [a] pode, talvez, explicar a pouca ocorrência da ordem AE V AIP AI nos dados como um todo, apenas 13,76%.

Porém, não é possível afirmar que a não utilização da ordem AE V AIP AI é responsável pela diminuição do uso da preposição [a]. Esse resultado também não explica a preferência, cada vez maior, do uso da preposição [para] nas sentenças triargumentais.

A ordem sintática nos dá indícios de que o PB possui uma ordem canônica mais resistente, quando utilizada a preposição [para] em contextos de verbos triargumentais. Nas próximas seções, descrevemos os resultados a partir dos valores semântico-lexicais dos verbos coletados.

3.3 VERBOS DE TRANSFERÊNCIA MATERIAL/PERCEPTUAL E VERBAL E DE MOVIMENTO FÍSICO E ABSTRATO

Os verbos triargumentais, além de terem como característica principal três argumentos em suas construções, também compartilham diferentes valores

semânticos. A análise dessas construções teve como objetivo verificar se existe alguma relação entre valor semântico do verbo e a escolha da preposição. Trataremos, primeiramente, os resultados dos verbos de transferência, em seguida, os de movimento.

Segundo Moreti (2010), os verbos de transferência material/perceptual têm como características de concessão/transferência de algo (objeto direto – tema) a alguém (objeto indireto – receptor). Das ocorrências encontradas, com esses valores semânticos, percebemos uma tendência ao uso da preposição [para] com diferentes núcleos verbais. Praticamente dentre os verbos encontrados nos dados, todos apresentaram ao menos uma ocorrência com a preposição [para], representando 166 sentenças do total dos dados analisados.

Tabela 3 – Verbos de Transferência material/perceptual e verbal

Preposição	Total de ocorrências - %	[-animado]	[+animado]
[Para]	155 / 73,8%	57	98
[a]	11 / 5,25%	08	03
Argumento nulo (AI e AIP)	44 / 20,95%	-	-
Total	210/100%	32	16

Fonte: a autora.

Os resultados encontrados na Tabela 3 demonstram que há variação no uso de [para] e [a] com os verbos de transferência material e perceptual. As ocorrências com a preposição [para] totalizaram mais de 73% dos dados em decorrência de pouco mais de 5% do uso da preposição [a]. Assim, podemos afirmar que o uso da preposição não está diretamente ligado à seleção semântica do verbo presente na sentença. Logo, concluímos que, independentemente do contexto semântico, a preposição [para] se expande.

Em relação aos contextos [-animados] e [+animados] nas construções com transferência matéria/perceptual e verbal, concordamos com os resultados das pesquisas de Torres Morais (2010, 2012). As condições mais propensas para a ocorrência da preposição [para] são em sentenças [+animadas] (39a, b, c, d, e); as ocorrências [-animadas] são menos propensas ao uso de [para]. Já o uso da preposição [a] ainda resiste em construções com valor [-animado] (39f).

- (39) a. [...] mas, [o instinto de uma grande mãe DP-AE] [**deu** V] [força DP-AI] [**pra (para)** Magda AIP] continuar [...]
- b. Hoje [Deus DP-AE] [**deu** V] [a Clara DP-AI] [**pra (para)** ela AIP] que completa os dias, por isso ela aproveita cada minuto.
- c. [...] [☞ DP-AE] antes de [**dá** V] [um animal de presente DP-AI] [**pra (para)** uma criança AIP] [...]
- d. [A produção do Junior Vila DP-AE] [**mando** V] [um aparelho novo DP-AE] [**pra (para)** ela AIP]
- e. [A Danieli DP-AE] tá (está) [**mandando** V] [um abraço aqui DP-AI] [**pra (para)** toda à família AIP] [...]
- f. [...] com os preenchimentos [nós DP-AE] vamos tentando melhora (melhorar), [**dar** V] [mais sustentação DP-AI] [**à** estrutura muscular AIP] [...]

(VER MAIS, 2017)

Ainda sobre a preposição [a], os dados apresentam uma preferência pelo uso da preposição [a] em sentenças com traços [- animados], conforme exemplos (40), e configuram construções dativas, passíveis de substituição por [lhe] e com valores semânticos do dativo: posse e beneficiário. Desse modo, podemos dizer que, mesmo em menor quantidade, com exceção do valor de posse, o qual não teve ocorrência em nossos dados, os contextos [-animados] continuam sendo os contextos de resistência da preposição [a] ou de sua preferência, pois é onde encontramos resquícios de dativo.

- (40) a. Então, Ana é aqui no seu ateliê que [você DP-AE] costuma [**dá** (dar) V] [uma cara nova DP-AI] [**às** peças. DATIVO]
- b. Depois da doença [eu DP-AE] sinto que fiquei mais forte e [do (dou) V] [mais valor DP-AI] [**à** vida DATIVO] [...]
- c. [...] então, agora [a gente DP-AE] vai [**dá** V] [início DP-AI] [**a** montagem DATIVO] .
- d. [...] [o ingresso DP-AE] [**dá** V] [acesso DP-AI] [**a** toda a programação DATIVO] [...]
- e. [...] e aí, a pessoa que tá (está) em casa, [ela DP-AE] consegue [**dá** V] [mais atenção DP-AI] [**a** esse animal DATIVO], né [...]

(VER MAIS, 2017)

Além dos contextos de transferência, analisamos também os contextos de verbos com movimento físico e abstrato. As sentenças com verbos de movimentos físicos e abstratos têm como característica semântica, conforme descrição de Moretti (2010), o movimento de alvo/tema (objeto direto) até alguém/algum, lugar/alvo (objeto indireto). As ocorrências selecionadas nos dados com essas características têm como objetivo verificar se existe alguma relação entre a escolha da preposição em suas construções e o valor semântico carregado pelo verbo.

Diante desse contexto de análise, os dados apresentaram um total de 59 ocorrências com verbos de movimento físico e abstrato do total de sentenças encontradas com o uso da preposição [para] ou [a]. As descrições das ocorrências podem ser observadas na Tabela 4.

Tabela 4 – Verbos de movimento físico e abstrato

Preposição	Total de ocorrências - %	[- animado]	[+animado]
[Para]	45 / 76%	28	16
[a]	04 / 7%	04	-
Argumento nulo (AI e AIP)	10 / 17%	-	-
Total	59/100%	32	16

Fonte: a autora.

Ao averiguar as sentenças quanto ao uso da preposição [para] e/ou [a], notamos maior uso da preposição [para], tanto em contextos com traços [-animados] quando nos [+animados].

(41) a. [...] [a gente_{DP-AE}] [**traz**_V] [sempre um telespectador aqui_{DP-AI}] [**pra** aprende a receita_{AIP}] [...]

b. [...] [Ela_{DP-AI}] [**coloca**_V] [**pra** mim_{AIP}] [o peso_{DP-AI}], mas eu não sei a altura [...]

(VER MAIS, 2017)

c. [Eu_{DP-AE}] procuro, assim, sempre depois de uns três dias [**coloca**_V] [o dedo na terra_{DP-AE}] [**pra** sentir como que tá_{AIP}].

(RIC RURAL, 2017)

Do total de sentenças analisadas, 76% são construções com [para], 7% são construções com [a] e 17% são construções com complemento nulo. Logo, é possível afirmar que o aumento do uso da preposição [para] em detrimento da preposição [a] como dativo não mais configura como uma disputa entre opções gramaticais, mas sim um caminho para a consolidação do uso dessa preposição na representação do argumento interno preposicionado, tanto nos contextos de transferência físico e abstrato quanto material/perceptual ou verbal.

Desse modo, em decorrência da variabilidade das construções verbais em relação aos valores semânticos, não é possível determinar, a partir dos traços semânticos, o motivo da escolha da preposição, pois a preposição [para] ocorre com todos os verbos encontrados. Assim, não é possível, a partir desses traços, afirmar os fatores que levam ao uso da preposição [para] no lugar de [a]. A conclusão é de que os nossos dados apresentam resultados que condizem com os estudos realizados em outras regiões, o aumento do uso da preposição [para] em todos os contextos semânticos. Além disso, todos os argumentos recebem papel temático e caso; ao que parece, os papéis temáticos são atribuídos pelo verbo.

A propósito, os contextos de resistência da preposição [a], conforme afirmado por Gomes (2003), são aqueles com verbos leves (42a, b, c), ou seja, verbos que parecem assumir significado do seu complemento em determinadas sentenças. Em consonância com a afirmação de Gomes (2003), nossos dados apresentaram algumas construções com essas características.

(42) a. então, agora [a gente DP-AE] [vai dá VERBO LEVE] [início AI-DP] [**a montagem** DATIVO] [...].

b. [o ingresso DP-AE] [dá acesso VERBO LEVE] [a toda DP-AI] [**a programação** DP-AIP] [...]

c. Então, Ana é aqui no seu ateliê que [você DP-AE] [costuma dar VERBO LEVE] [uma cara nova DP-AI] [às peças. DP-AIP]

(VER MAIS, 2017)

Ao olhar para essa particularidade das sentenças nos nossos dados, é possível afirmar que esses contextos são mais propensos ao uso da preposição [a]. Porém, nossos dados não apresentaram um número significativo de sentenças com esse contexto, assim, não é possível fazer uma afirmação sobre as construções com

verbos leves. Mas é possível dizer que, nas construções encontradas, temos a preferência pelo uso da preposição [a].

3.4 DATIVO NULO OU ARGUMENTO NULO

Em relação ao dativo nulo, nas tabelas 5 e 6, contabilizamos 54 ocorrências tanto com verbos de transferência quanto de movimento. A maior incidência de apagamento é do AIP, corroborando Cyrino (1998) (Tabela 5).

Tabela 5 – Argumentos nulos

Argumentos	Total	%
Argumento interno nulo (AIN)	06	10%
Argumento interno preposicionado nulo (AIPN)	53	90%
Total	59	100%

Fonte: a autora.

As construções com argumentos nulos nos dados foram significativas, representadas por 21,29% (Tabela 6); um resultado esperado, considerando que estamos analisando dados de fala, “[...] dados que ocorreram em reprodução de diálogos, contexto altamente favorecedor do objeto nulo [...]” (GOMES, 2003, p. 89). Essas construções aparentam realizáveis devido à facilidade de retomar o argumento nulo explicitado em algum momento anterior do diálogo.

Tabela 6 – Quadro geral de sentenças com [para], [a] e Argumentos nulos

Argumentos	Total	%
Argumento interno nulo (AIN)	06	2,20%
Argumento interno preposicionado nulo (AIPN)	53	19,55%
[Para]	194 ¹⁶	71,60%
[A]	18	6,65%
Total	271¹⁷	100%

Fonte: a autora.

Em relação aos valores semânticos, as sentenças com argumentos nulos também se aproximam dos resultados de Cyrino (1998, p. 612), que afirma:

¹⁶ A diferença de seis sentenças são as que ocorrem com o AI nulo; nesse caso, o AIP é introduzido sempre pela preposição [para].

¹⁷ Não está computada a ocorrência encontrada com o pronome [lhe].

o objeto direto nulo é, na sua maioria das vezes, [-animado], seja ou não específico, quando temos dois complementos nulos, enquanto que o objeto indireto nulo nesse tipo de estrutura ocorre com antecedente [+animado], porém [-específico].

Como podemos observar na Tabela 7, apesar de não ser uma diferença muito elevada, a maior incidência é de AIP nulo [+animado], enquanto que nas ocorrências com AI nulo, foram encontradas apenas ocorrências com traços de antecedente [-animados].

Tabela 7 – Traços semânticos referentes aos Argumentos Internos nulos (AIN)

Traços	AIN	%	AIPN	%
[-animados]	6	10%	17	29%
[+animados]	-	-	36	61%
Total	6	10%	53	90%

Fonte: a autora.

Outro fator interessante, em relação às afirmações de Cyrino (1998), é que a autora confirma que as construções com AIP nulo são mais favorecidas em situações mais formais, ao contrário do AI nulo não preposicionado, que é favorecido em diálogos. Nesse caso, seria possível considerar as entrevistas e programas televisivos mais formais, por isso, o resultado é semelhante aos encontrados pela autora. Ou podemos considerar um aumento dos usos de AIP nulo em diferentes contextos, assim como ocorreu com a preposição [para], ou seja, os usos de argumentos nulos estão ocorrendo tanto em contextos formais quanto em informais.

Ao analisar as sentenças em (43), percebemos que a predisposição para argumento nulo é definida pelo núcleo verbal, que determinam quais dos argumentos internos podem ser nulos, sem prejuízo para a sentença, juntamente com o contexto conversacional. Isso ocorre, pois, mesmo que o AI não esteja presente na sentença, o falante recupera a informação e essa recebe Caso e Papel Θ , o que, caso não ocorra, torna a sentença gramatical. Uma das possibilidades de explicação é que o argumento que não pode ser apagado é uma informação nova, que não pode ser recuperada pelo contexto. Desse modo, se estiver nulo, a sentença fica agramatical, como podemos observar nos exemplos (43 a, b, c, d).

Por exemplo, com o verbo [dar], somente o AIP pode ser nulo. Caso uma sentença com esse verbo tenha o AI nulo, ela é agramatical (43b). Isso ocorre devido ao fato da não atribuição do papel Θ carregado pelo verbo, conforme

descreve a teoria temática. Por outro lado, alguns verbos podem alternar o apagamento do argumento como o verbo [trazer]. No exemplo (43 c,*c), não é possível que o AIP seja nulo, mas no exemplo (43d), com o mesmo verbo, o apagamento do AIP não implica gramaticalidade da sentença, pois o argumento está apenas deslocado, antecedendo o verbo e, assim, de fácil localização/retomada da informação. Logo, as atribuições tanto dos papéis Θ quanto de caso são recuperadas facilmente no contexto; por isso mesmo, o argumento nulo é de fácil recuperação.

(43) a. Além de alisar ele faz um tratamento no fio e [[\emptyset]_{DP-AE}] [dá]_v] [um aspecto super natural]_{DP-AI}] [[\emptyset]_{DP-AIP}].

*b. Além de alisar ele faz um tratamento no fio e [[\emptyset]_{DP-AE}] [dá]_v] [[\emptyset]_{DP-AI}] [**pro cabelo**]_{DP-AIP}]

c. O moletom [ele]_{DP-AE}] [traz]_v] [um conforto bem bacana]_{DP-AI}] [[\emptyset]_{DP-AIP}], ele também tem linha de alfaiataria que tá sempre em alta [...]

*c. O moletom [ele]_{DP-AE}] [traz]_v] [[\emptyset]_{DP-AI}] [para você/para o indivíduo]_{AIP}], ele também tem linha de alfaiataria que tá sempre em alta [...]

d. [...] a gente já está mais aberto então, pra receber cores, como este look aqui que eu trouxe [\emptyset] pra mostra , olhando aqui sem dúvida a calça é a peça chave [...]

VER MAIS (2017)

No entanto, para uma descrição mais aprofundada das relações do núcleo verbal com argumentos nulos, é preciso uma ampliação dos dados. Assim, para este trabalho, é possível apenas afirmar que, em construções em que o AIP está presente e o AI não preposicionado é nulo, a preposição preferencialmente escolhida foi [para] (45b) na maioria dos contextos.

3.5 O PRONOME CLÍTICO [LHE] E OS PRONOMES RETOS ELE/ELA

Os resultados encontrados referentes ao pronome clítico [lhe] e os pronomes retos ele/ela corroboram os resultados de Gomes (2003), Figueiredo Silva (2007) e Torres-Morais (2010, 2012). Do total de ocorrências com verbos triargumentais dativos, apenas uma apresentou o clítico [lhe] (44a) na função acusativa de 2ª

pessoa. Esse resultado corrobora a pesquisa de Campos (2010) e os demais linguistas, que afirmam a perda da função dativa do clítico [lhe] na 3ª pessoa e sua recategorização na função acusativa de 2ª pessoa.

A recategorização do clítico [lhe] e o aumento do uso da preposição [para] faz surgir o uso dos pronomes retos ele/ela, que passam a ser utilizados na função de 3ª pessoa pronominal no lugar do [lhe]. Essa conclusão é confirmada em nossos dados que apresentaram 14 sentenças com os pronomes retos ele/ela.

(44) a.[...] um aplicativo em que você encontra pessoas [que possam DP-AE] [**lhe** ACUSATIVO] [dá V] [um pouso DP-AI], uma pousada [...]

b. [A produção do Junior Vila DP-AE] [**mando** V] [um aparelho novo DP-AI][**pra** ela AIP]

c. [A Luciana Sales DP-AE] lá do Efapi tá acompanhando o Ver Mais que tá muito bom tá [**mandando** V] [um beijo DP-AI] [**pra ti** AIP], Ivone.

VER MAIS (2017)

Além do uso dos pronomes retos ele/ela na função de AIP, percebemos o uso de outros pronomes nessa função, introduzidos também pela preposição [para], em uma quantidade razoável de sentenças (Tabela 8).

Tabela 8 – Quadro de representação do AIP pronominalizado

Pronome	Nº de sentenças	%
Para ela/ele	14	22%
Para você	16	25%
Para a gente	27	42,50%
Para mim	03	4,50%
Para ti	03	4,50%
Para nós	01	1,50%
Total	64	100%

Fonte: a autora.

O aumento do uso da pronominalização do argumento interno preposicionado, nas sentenças com verbos triargumentais, pode ser um dos fatores que contribuem para a presença cada vez maior do apagamento da preposição [a].

Porém, para melhor descrição dos usos desses pronomes como AIP, é preciso verificar quais os contextos em que os pronomes aparecem. Na sentença (45a), temos uma construção com o verbo [pedir], que predica uma transferência

abstrata (Agente-Tema/paciente-alvo/meta), em que o AIP é pronominalizado [ela] e introduzido pela preposição [para].

Ao tentarmos substituir a preposição [para] por [a], a sentença fica agramatical, o que indica que, nesse contexto, o uso da preposição [para] é o único possível. Agora, ao trocarmos somente o pronome [ela] por outro pronome mantendo a preposição [para] “A *Idiane Machado aqui diz que é música das boas, aí tá pedindo qualquer uma **pra gente/mim/você/Maria**”, a sentença sempre será gramatical. Do mesmo modo, se o AIP for um nome, será sempre com a preposição [para]. Isso também parece ser o caso dos verbos [mostrar], [trazer], [colocar] e [mandar] com algumas exceções, por exemplo, com o verbo [mostrar], as construções em que o AIP é 3ª pessoa, como em “João mostrou o carro **pra/a ela, a/prá Maria**”, podem ser feitas tanto com a preposição [a] quanto com [para], pronominalizado ou não.*

Mais uma vez, os resultados apresentados em nossos dados corroboram Torres Morais (2010, 2012), ou seja, a perda do uso pronominal do [lhe] abre caminho para a preposição [para].

(45) a. A Idiane Machado aqui diz que é música das boas, aí tá **pedindo** qualquer uma **pra ela (*a ela/ *a mim/ *a gente/*a nós/ *a você/ *a ti)**.

b. A Gabriela já mando uma mensagem **pra gente/*a gente/*a mim/*a nós** também [...]

c. A gente tá aqui pra realmente **dá** todo um suporte **pra ela/ a ela**, não só nesse momento [...]

d. Cada 7 ou 8 dias tu tem que dá um antiinflamatório **pra ele/ a ele**.

e. aí, se deu uma volta ali na linha então **pra gente/* a gente/*a mim/*a você** firma [...]

f. A Elis do Santo Antonio tá mandando um beijo **pra você/*a você** Ediane.

g. Oi, manda um beijo **pra mim/*a mim**, Angela [...]

h. [...] e agora manda o nome da tua mãe **pra eu/* a eu** lembrar [...]

i. As meninas que mandam fotos **pra/* a gente**

j. [...] pode colocar um papel toalha e enxugar um pouquinho **pra gente/*a gente** diminuir a quantidade de gordura.

k. Nós acompanhamos esse encontro e mostramos **pra/*a você- pra/a ela/Maria** agora no programa. (VER MAIS, 2017)

Essa afirmação é categoricamente confirmada em nossos dados, mesmo com verbos triargumentais canônicos, por exemplo, o verbo [dar], nas ocorrências em que o AIP é pronominalizado a preposição usada é [para]. Assim, é possível afirmar que esses contextos não são de variação das preposições [a] e [para], mas de uso categórico da preposição [para].

Dessa forma, concluímos que o pronome clítico [lhe] não é mais utilizado como 3ª pessoa, em construções com verbos triargumentais na língua falada da cidade de Chapecó e região, o que sugere a reestruturação do quadro pronominal no PB, amplamente discutida na literatura linguística.

Esse resultado também corrobora os estudos de Silveira (1999), que apresentou extenso uso de diferentes pronomes na fala da região de Florianópolis. Podemos afirmar, com base nesses resultados, que tanto em Florianópolis quanto em Chapecó, além da utilização cada vez maior da preposição [para], os resultados indicam a possibilidade de uso de diferentes pronomes na introdução do AIP.

Desse modo, afirmamos que existem dois fatores que contribuem com a expansão do fenômeno em questão, o primeiro deles amplamente discutido na literatura, os pronomes, o quadro pronominal, especificamente a perda de uso do clítico [lhe], o segundo são os valores sintáticos e/ou semânticos em que a preposição [para] carrega/expressa e que podem ter determinado a escolha dessa e não de outra preposição para introduzir o argumento interno preposicionado em construções triargumentais.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, buscamos responder às questões norteadoras da nossa pesquisa, partindo dos resultados encontrados nos dados e explanadas nos itens anteriores até o momento.

Em relação ao processo de desaparecimento da preposição [a] e em decorrência disso, a perda das construções dativas no PB, conforme afirma TorresMorais (2010,2012), os dados, que representam a gramática de Chapecó e região, apresentaram uma grande quantidade de ocorrências com a preposição [para], totalizando 91,74% das ocorrências e um número reduzido de sentenças com a preposição [a], totalizando 8,25% das ocorrências (Tabela 1), o que corrobora as afirmações da autora.

Se analisarmos os trabalhos revisitados e descritos no referencial bibliográfico, é notável uma evolução da mudança que se faz presente, desde o século XVIII, conforme descreveu Chaves (2013), e vem evoluindo em quadros que demonstram a expansão dos usos da preposição [para], segundo Gomes (2003), Figueiredo Silva (2007) e Berlinck (2011).

Desse modo, podemos dizer que, na região de Chapecó, a gramática de seus falantes também apresenta a perda das construções dativas categóricas devido à introdução da preposição [para] em construções triargumentais, pois os contextos analisados têm como uso a preposição [para], que não pode ser considerada dativa, devido ao fato de ser uma preposição que não possui o valor semântico de posse e, sintaticamente, ser considerada uma preposição lexical, atribuidora de caso e papel temático.

Sobre o argumento ou complemento nulo, os dados apresentam um significativo número de ocorrências (Tabela 5) tanto nas construções com AIP quanto com o AI não preposicionado. As relações entre os elementos das sentenças que apresentam argumentos nulos nos levam a concluir que os argumentos nulos são mais propensos a ocorrer em dados de fala, conforme Cyrino (2008), justamente pela facilidade de serem recuperados no contexto conversacional, ou seja, nunca poderá ser nulo o argumento que é uma informação nova. De certo modo, a significativa quantidade de sentenças com argumento nulo em nossos dados, 59 ocorrências, é justificada por serem dados de fala, diálogos em que o argumento nulo é de fácil recuperação pelos falantes.

No entanto, ao menos inicialmente, não percebemos uma relação verbo – preposição - argumento nulo – preposição, não há uma regularidade de escolha da preposição relacionada aos elementos da sentença. Mas o uso categórico da preposição [para] mesmo em construções com argumento nulo dá indícios de sua singularidade: uma preposição lexical com papel temático para atribuir em contexto em que o papel temático é atribuído pelo verbo.

O mesmo fato ocorre quando olhamos para os traços de animacidade dos AIPs em relação ao núcleo verbal, não ocorre uma escolha determinada pelo traço animacidade, as sentenças com a preposição [para] estão presentes com todos os traços, os [+animados] e os [-animados]. Inclusive em nossos *dados*, do total de sentenças com a preposição [para], encontramos grande incidência de ocorrências com traços [-animados], representando 43%, comprovando as hipóteses de Gomes

(2003) e Torres Morais (2010, 2012), que alegam o aumento do uso de [para] nas gerações seguintes.

Sobre as hipóteses e questões inicialmente elaboradas, quais os fatores que influenciam a escolha da preposição [para] pelos falantes brasileiros? O que nos parece é que a perda da construção dativa está relacionada aos valores da preposição [para] e as mudanças ocorridas no quadro pronominal, haja vista que há um grande número de sentenças que utilizaram diferentes pronomes para introduzir o argumento interno preposicionado, não dando qualquer indício de que seja apenas o tipo de verbo o responsável pela alternância e/ou preponderância do uso de [para] em relação à preposição [a].

Diante do exposto, passamos a investigar quais as relações ou funções que as preposições desempenham nas sentenças triargumentais. Para tanto, reforçamos o conceito do termo dativo nas bases da língua latina. Segundo Van Hoeske (1996, p. 6), o dativo indica "a pessoa para quem algo é dado, dito, enviado, trazido", o termo "dativo" (de *dare*) que significa "atribuição", ou *casus dandi*. Parafrazeando, é possível dizer que o dativo indica algo que alguém toma posse ou recebe, se beneficia. Segundo Torres Morais (2010, p. 175), "O sentido de posse dinâmica só pode ser construído com a construção dativa" em que o argumento interno é introduzido pela preposição [a], de uso exclusivo no PE (46a).

(46) O João enviou uma carta à Maria.

(TORRES MORAIS, 2010, p. 175).

Com essas afirmações, Torres Morais (2010, 2012) assume, com base nos estudos de Cuervo (2003), que as construções com verbos do tipo: [dar], [enviar], [entregar], seriam, na verdade, verbos transitivos que selecionam uma relação:

[...] segundo Cuervo, os verbos bitransitivos como um subgrupo dos verbos transitivos não causativos, os quais se definem por terem seu objeto (DP) licenciado semanticamente pela raiz verbal, não pelo evento. Desta forma, um subgrupo dos verbos transitivos, denominados tradicionalmente bitransitivos, comporta-se como transitivos, no que diz respeito ao licenciamento de seu argumento interno. A diferença está em que seu argumento interno, selecionado semanticamente pela raiz verbal, é uma frase relacional, cujo núcleo licencia dois indivíduos. Sintaticamente este argumento interno pode ser um ApplP, um PP, ou outro tipo de frase, licenciado como complemento da raiz. Nestes termos, não se cogita a possibilidade de uma raiz verbal selecionar dois argumentos internos, distintos do argumento externo. (TORRES MORAIS, 2012, p.38).

Nesse caso, Torres Morais (2010, 2012) e os descritos na seção 3.1.1, defende que no PE, os verbos do tipo: [dar], [enviar] entre outros, são verbos que selecionam uma relação. Neste caso, o argumento dativo é introduzido por um núcleo aplicativo que introduz a preposição [a] e atribui Caso dativo inerente e papéis temáticos ao AIP, ou seja, uma marca morfológica e não sintática. Para o PB, a autora afirma que [a] e [para] são preposições transitivas que projetam um PP.

Por outro lado, a preposição [para], que é classificada como lexical pela literatura corrente, carregada de traços semânticos para atribuir ao seu complemento, que podem ser: de movimento, um ponto final de uma trajetória e um benefício ou recebimento de algo, não a consideramos como tal em construções triargumentais. Por exemplo, em contextos com verbos transitivos, temos a seguinte situação: “*Maria escreveu os ofícios para Pedro*”. Neste caso, a preposição [para] atribui papel Θ e, caso ao DP [Pedro] de receptor ou beneficiário, confirmando sua categoria lexical. Neste exemplo, podemos perceber o compartilhando de papéis temáticos entre a preposição [para] e [a]- Dativa, pois se trocarmos a preposição [para] por [a] na sentença teremos o mesmo papel temático de beneficiário atribuído – papéis comuns as duas preposições.

Neste trabalho, advogamos pela mudança de função da preposição [para], quando em contexto triargumental. O caminho escolhido para tentar solucionar a questão é verificar quais as principais características da categoria das preposições. Sabemos que, no quadro teórico da gramática gerativa, os elementos lexicais, que são os núcleos com capacidade de selecionar semanticamente seus argumentos, são divididos em quatro categorias: [-V +N= nomes; +V +N= adjetivos; +V – N = verbos; -V –N = preposições].

As preposições são consideradas uma categoria [-N –V] dentro da teoria da Gramática Gerativa; no entanto, não existe uma definição fechada de sua real função em uma dada sentença, haja vista a pluralidade com que os falantes as utilizam. Em uma análise mais detalhada, temos em (47 a, b) uma construção com dativo (47b), ou seja, argumento interno preposicionado, introduzido pela preposição [a] – funcional - e que pode ser pronominalizado pelo clítico [lhe], com papéis temáticos de receptor/beneficiário, categórica no PE, mas que é produzida com a preposição [para] – considerada lexical - no PB, mantendo o mesmo papel temático de beneficiário. Em (47a), temos uma construção com [fez], que seleciona dois argumentos e um complemento que recebe o papel Θ e caso de beneficiário da

preposição [para] confirmando seu valor lexical na sentença. Logo, temos a preposição lexical [para] se comportando de maneira diferente em contextos distintos do seu, mas com o mesmo papel Θ agregado, o de beneficiário nas duas sentenças e também com o mesmo papel Θ da sentença realizada com a preposição [a] funcional.

- (47) a. Maria fez o jantar para família. PB
 b. Maria deu um livro ao [para, no PB] Pedro. PE

Em outros momentos, temos a preposição [para] introduzindo o papel de alvo (48 a, b) em construções triargumentais, traço esse característico da preposição [para], mas que não são compartilhadas com a preposição [a]; se essa for utilizada, a sentença fica agramatical. Então, podemos dizer que, mesmo que a preposição [para] esteja em contexto triargumental e introduzindo o argumento interno preposicionado, ela não pode ser considerada dativo, uma vez que é uma intersecção entre o papel temático de beneficiário entre as preposições, pois os valores do dativo, segundo Van Hoecke (1996), Berlinck (2001) e Torres Morais (2010, 2012), são de **posse e beneficiário**.

- (48) a. A gente tá aqui pra realmente **dá** todo um suporte **pra ela/ *a ela** não só nesse momento [...]
 b. [...] e agora **manda** o nome da tua mãe **pra eu/* a eu** lembrar [...]
 (VER MAIS, 2017)

Liz (2009 apud LITTLEFIELD, 2006) reforça a singularidade das preposições e aponta em seu estudo indícios do porquê da preposição [para] ser usada nos contextos da preposição [a]. Littlefield (2006) defende a divisão da categoria das preposições [-N -V] em subcategorias, uma subclassificação em que algumas preposições são semilexical (+L +F), ou seja, ora é capaz de atribuir tanto conteúdo sintático quanto semântico, ora atribui apenas conteúdo sintático. As preposições que integram essa categoria são

in (em), under (debaixo, sb), wuth (com) e for (para, que contribuem tanto com informação substantiva quanto com informação gramatical (atribuição de caso). Esses elementos, destaca o autor[= LITTLEFIELD,2006], representam a área semilexical do domínio. (LIZ, 2009, p. 90).

Assim, conforme o núcleo verbal da sentença, a preposição comporta-se de maneira diferente, alternando entre ser uma verdadeira preposição lexical que atribui papel Θ , Caso e/ou somente Caso.

Diante disso, podemos dizer que a preposição [para] carrega duas entradas: uma lexical e outra funcional, que podem ser acionadas ou não dependendo do contexto em que é inserida. Ao observarmos as sentenças em (47) e reescritas em (49), com a preposição [para], percebemos que os valores de beneficiário dos argumentos internos preposicionados se mantêm, os mesmos valores que são atribuídos quando usamos a preposição [a].

(49) a. Maria fez o jantar para a família.

b. Maria deu um livro para [a] Pedro.

Ao olharmos para os dados do *corpus*, observamos o papel temático de beneficiário dos AIP nas construções triargumentais atribuídos como papel temático, o que confirma e explica o uso da preposição [para] nesses contextos, ao menos referentes aos dados de Chapecó e região. Assim, o papel temático de beneficiário que ambas as preposições [para] e [a] pode, atribuir justificaria a possibilidade de variação de seus usos nas sentenças triargumentais, sem prejuízo para a interpretação da sentença e amplamente aceito pelo falante no PB. Isso pode ser confirmado com as sentenças em (50), percebemos que, se trocarmos as preposições nas sentenças, não haverá mudança no significado – o papel temático de beneficiário atribuído ao DP ou sintagma se mantêm, demonstrando a proximidade dos traços carregados por essas preposições nesses contextos.

(50) a. [...] Suelen manda um beijo **pra (para) irmã/a irmã** [...]

b. [...] o sistema público oferece toda a assistência **pro (para o)/ao autista**.

c. Então, Ana, é aqui no seu ateliê que você costuma dá (dar) uma cara nova **às/para as peças**.

(VER MAIS, 2017)

Os papéis Θ de beneficiário atribuídos pela preposição [para] não ficam restritos aos contextos de verbos triargumentais. Dadas às sentenças (51 a, b, c), com verbos de dois ou mesmo um argumento, confirmamos que os complementos

introduzidos pela preposição [para] possuem também papel temático de beneficiário; logo, a preposição [para], além das atribuições de direcionalidade e ponto final de um percurso, é capaz de atribuir o papel temático de beneficiário ao seu DP/NP. Essa questão torna-se importante para nossa hipótese, pois, ao confirmar que é algo intrínseco à preposição [para] e que se manifesta com diferentes núcleos verbais, apontamos um provável indício da mudança em andamento: a possibilidade de as preposições [para] e [a] carregarem traços semânticos comuns. Essa intersecção de traços entre essas preposições poderia explicar o fato de que, na perda do dativo, o [para] está sendo a preposição preferencial na substituição do [a], mesmo o [para] não apresentando características dativas.

- (51) a. João fez o trabalho **para Pedro**.
 b. João escreveu um livro **para a editora**.
 c. João leu a história **para as crianças**.

Entretanto, ao analisar as sentenças dos dados, não temos ocorrências de sentenças em que o AIP tenha papel Θ de posse, uma das características atribuídas ao dativo. Torres Morais (2012) observou que as construções, nas quais os papéis Θ atribuídos são de posse, ocorrem com verbos dinâmicos não direcionais. Nesses casos, as construções com o argumento interno preposicionado introduzido pela preposição [a] tornam a sentença ambígua, conforme podemos observar nos exemplos da autora (52a, b, c, d). Na sentença (52a), o AIP tanto pode ser interpretado como beneficiário ou possuidor da ação, ambos os valores atribuídos pela preposição [a]. Já na sentença (52 d), a preposição [para] atribui somente papel de beneficiário. No exemplo (52 c), temos a atribuição de posse, com a preposição [de] com caso genitivo.

- (52) a. O detective desvendou o mistério à polícia (poss/ben)
 b. O detective desvendou-lhe o mistério (poss/ben)
 c. O detective desvendou o mistério da polícia (poss/*ben)
 d. O detective desvendou o mistério para a polícia (*poss/ben)

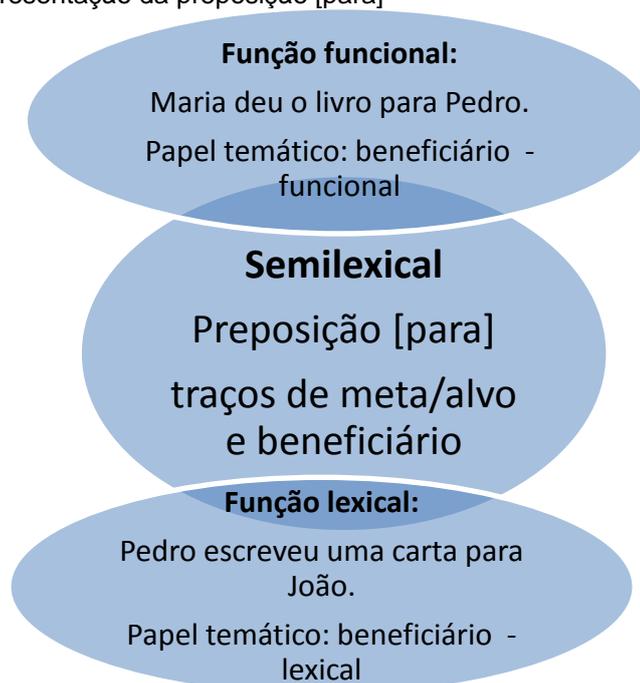
(TORRES MORAIS, 2012, p. 33)

A ambiguidade das estruturas com o uso da preposição [a], categórica no PE (52 a), torna possíveis duas interpretações, a de beneficiário e posse. No entanto, quando a preposição [a] é substituída por [para] ou [de], amplamente produzida no PB, para que não ocorra uma dupla interpretação da sentença, ou seja, dependendo da informação que está querendo produzir, o falante vai escolher entre a preposição [para], no caso de valor de beneficiário, e a preposição [de] será a escolhida no caso do valor de posse. Assim, podemos dizer que a ambiguidade das sentenças com [a] no PB pode ter desencadeado a busca por alternativas mais precisas para transmitir a informação desejada. E a alternativa encontrada pelos falantes foi o uso da preposição [para] como beneficiário e [de] como posse.

A preposição [de] não fez parte do nosso *corpus*, mas, diante da não ocorrência de construções dativas com papel temático de posse, é possível afirmar que o papel temático de posse esteja migrando da preposição [a] para a preposição [de], ao menos nos contextos por nós analisados. Devido ao fato de o PB estar deixando de usar a construção dativa, com preposição [a], foi preciso reestruturar as atribuições dos papéis temáticos de posse e beneficiário, dando preferência para uma preposição semilexical [para], ou seja, que atua como uma preposição funcional, quando em contexto de verbos triargumentais; ou dando preferência para o caso genitivo para indicar posse com a preposição [de]. Essa afirmação é apenas uma hipótese que deve ser averiguada em trabalhos futuros.

A saída encontrada pelos falantes foi o uso da preposição [para] em contextos de papéis temáticos beneficiários devido à sua semilexicalidade – possibilidade de ser uma preposição lexical em determinada sentença e funcional em outra, conforme descrito e apresentado nos exemplos (51), (52), e de ter esse valor intrínseco, ou seja, possuir o mesmo valor semântico que a preposição [a]: beneficiário.

Figura 5 – Representação da preposição [para]



Fonte: a autora.

Portanto, concordamos com Liz (2009) e Littlefield (2003) quanto à subcategorização da categoria [- N - V] e afirmamos que algumas preposições, tal como [para], atuam como semilexicais, acionando ou não seus valores dependendo do núcleo verbal.

Desse modo, o quadro de construções triargumentais no PB apresenta as seguintes formas de uso. A preposição [para], por ser semilexical, assume a função de introdutora do AIP nas construções triargumentais, atuando como funcional, isto é, atribuidora de caso. Em sentenças com verbos de dois argumentos, assume a função lexical, atribuidora de papel Θ e caso.

3.7 RESUMO DO CAPÍTULO

No capítulo III, descrevemos os resultados encontrados na coleta de dados. Iniciamos com a apresentação da problemática, o uso das preposições [a] *versus* [para] como introdutoras do AIP em construções com verbos triargumentais.

Após, passamos à descrição detalhada dos resultados com a mesma organização apresentada na metodologia. As conclusões a que chegamos ao analisar os critérios definidos para este trabalho corroboram a literatura da área e

com as demais pesquisas realizadas sobre o fenômeno, ou seja, a expansão do uso da preposição [para] em detrimento do uso da preposição [a] nos contextos definidos.

Em relação aos fatores que licenciam o uso da preposição [para], concluímos que sua introdução na sentença se deve à singularidade da categoria das preposições, que, conforme Littlefield (2006), pode ser subdividida em subcategorias, sendo a preposição [para] classificada como semilexical, ou seja, dependendo do contexto, pode ser lexical ou funcional. Além disso, os papéis temáticos similares carregados pela preposição [para] e [a] auxiliam na sua escolha para introduzir o AIP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o quadro geral que se apresenta em relação ao uso da preposição [para] e [a] no PB, buscamos, por meio deste trabalho, organizar e relacionar diferentes pesquisas e conceitos que nos auxiliassem a responder às questões que a problemática apresenta.

Assim, iniciamos com a apresentação de conceitos gramaticais pertinentes para melhor situar os objetivos de nossa pesquisa e apontamos as principais diferenças entre dativo, com a explanação das características que o definem, bem como as principais diferenças entre o dativo e o AIP e o CO. Além disso, a revisão do quadro pronominal, em específico o pronome clítico [lhe] e a explanação das noções básicas de teorias que embasam esta pesquisa, as noções de princípios e parâmetros e a teoria X-Barra situam os conceitos teóricos para o desenvolvimento deste trabalho.

A revisão da literatura iniciou-se demonstrando as principais diferenças entre o PB e o PE; em seguida, apresentamos as pesquisas de diferentes linguistas, entre eles, Gomes (2003), Figueiredo-Silva (2007), Liz (2009), Campos (2010), Berlinck (2011), Torres Morais (2010,2012), Chaves (2013), que descrevem as representações do AI preposicionado em sentenças com verbos triargumentais e concluem que o PB não apresenta mais o dativo categórico, ou seja, introduzido pela preposição [a] e pronominalizado pelo clítico [lhe]. Desse modo, essas pesquisas servem como parâmetro para nossas análises, pois apresentam uma ampla descrição do fenômeno por meio da análise de *corpus* de diferentes regiões do país. No entanto, nem sempre elas são consenso. E são essas divergências entre os autores que impulsionam novas pesquisas, com diferentes dados para melhor descrição do fenômeno. Além disso, foi com base nos resultados desses estudos que definimos os contextos analisados neste trabalho.

Desse modo, a metodologia foi desenvolvida com a preocupação de analisar contextos reais de uso da língua, sem interferência do pesquisador. Para tanto, escolhemos dois programas televisivos de entrevistas para representar a língua falada na cidade de Chapecó e região. Essa escolha se deu para abarcarmos o maior número de falantes de diferentes esferas sociais. Foram cinco meses de coleta de sentenças com verbos triargumentais com o uso de [para] ou [a], totalizando 154 horas de audições e um total de 272 sentenças coletadas.

Todo o aparato descrito nos capítulos I e II serviu como base para a descrição dos resultados no capítulo III, a análise dos dados. Além de, responder as questões elencadas na introdução e repetidas abaixo:

- a) Como se configura esse fenômeno da fala sincrônica, no século XXI, em Chapecó e região?
- b) A preferência de uso é pela preposição [para] ou [a] em que contextos?
- c) A preposição [a] não está mais sendo usada como introdutora do dativo em construções com verbos triargumentais? Se sim, existe algum fator sintático-semântico que contribua para a perda da preposição [a] e a introdução da preposição [para] nessas construções?

Os resultados encontrados no que se refere à frequência de uso entre a preposição [para] e [a] como introdutoras de construções com verbos triargumentais em Chapecó e região, apresentaram um amplo uso da preposição [para] com mais de 90% do total das sentenças. Esse resultado corrobora os estudos dos diferentes linguistas, dentre eles, Torres-Morais (2010/2012), e aponta indícios de uma mudança na língua, uma vez que temos apenas 8,25% das sentenças com o argumento interno introduzido pela preposição [a], representando o verdadeiro dativo. Por outro lado, a pouca ocorrência da preposição [a] vai de encontro ao resultado de Campos (2010), que defende que a preposição [a] ainda é recorrente no PB, com uso frequente nesses contextos.

No que diz respeito à estrutura sintática das sentenças, ou seja, à ordem de seus sintagmas, os dados indicam que, mesmo com a possibilidade de alternar os sintagmas nas sentenças triargumentais, os falantes do PB da região de Chapecó utilizam com maior frequência a ordem canônica, AE V AI AIP, que correspondeu a 86,04% das ocorrências, porém não temos uma resposta em relação à ordem e ao uso da preposição [para], uma vez que ela se faz presente também nas diferentes estruturas.

Em relação aos valores semânticos com verbos de transferência material/perceptual e movimento físico e abstrato, as ocorrências encontradas em nossos dados, com esses valores semânticos, tiveram uma tendência ao uso da preposição [para] com diferentes núcleos verbais. Praticamente, dentre os verbos encontrados nos dados, todos apresentaram ao menos uma ocorrência com a preposição [para].

A conclusão é de que os nossos dados apresentam resultados que condizem com os estudos realizados em outras regiões, o aumento do uso da preposição

[para] em todos os contextos semânticos. Além disso, todos os argumentos recebem papel temático e caso; os papéis temáticos são atribuídos pelo verbo. Em relação à animacidade, notamos a preposição [para] expandida em seu uso dos traços [+animados] para os [-animados]. Entretanto, o verdadeiro dativo ainda é encontrado em determinados contextos. Um deles são os [-animados], que continuam sendo os contextos de resistência da preposição [a] ou de sua preferência, pois é onde encontramos resquícios de dativo. Os verbos utilizados nesses contextos são geralmente verbos leves. No entanto, devido à pequena quantidade de ocorrência, não foi possível uma análise mais precisa, mas são contextos que podem explicar a resistência do uso da preposição [a] no PB.

As ocorrências com argumentos nulos foram significativas, um total de 21,29% do total de ocorrência, o que vai ao encontro de Gomes (2003), que afirma que os contextos de diálogo são mais propensos à ocorrência de argumento nulo, devido à sua fácil recuperação pelo contexto. Concluímos que a predisposição para argumento nulo é definida pelo núcleo verbal, que determinam quais dos argumentos internos podem ser nulos, sem prejuízo para a sentença, juntamente com o contexto conversacional. Isso ocorre porque, mesmo que o AI não esteja presente na sentença, o falante recupera a informação e esta recebe Caso e Papel Θ . Caso a recuperação não ocorra, torna a sentença agramatical. Logo, o argumento que não pode ser apagado é uma informação nova, que não pode ser recuperada pelo contexto.

O clítico [lhe] teve apenas uma ocorrência nos dados e foi introduzindo uma 2ª pessoa. Desse modo, esse resultado parece reafirmar as demais pesquisas que indicam a recategorização desse pronome de 3ª para 2ª pessoa. Em seu lugar, os resultados de coleta apontam o uso de diferentes pronomes como introdutores do AIP, sempre acompanhado da preposição [para].

Em relação a fatores que condicionam tais construções sentenciais, inicialmente acreditávamos que nossos dados apresentariam o aumento da preposição [para] introdutora do AIP em construções triargumentais e que essa condição era selecionada pelos traços verbais, tanto sintáticos quanto semânticos. Os resultados confirmam, em parte de nossas hipóteses, que o uso da preposição [para] e pronomes tônicos [ele/ela] se expandiu, ao menos, nos dados de nossa região.

Entretanto, esse aumento não parece estar diretamente relacionado ao núcleo verbal, pois a preposição [para] presente em mais 90% das ocorrências não

apresenta uma regularidade quanto ao núcleo verbal, ou seja, a preposição [para] esteve presente com todos os verbos triargumentais encontrados na pesquisa em suas mais diferentes representações sintáticas e/ou semânticas, ou seja, não há uma regularidade entre escolha de preposição e núcleo verbal.

Esse resultado aponta para fatores envolvidos indicando uma mudança na representação do AIP no PB. Um deles é a reestruturação do quadro pronominal, com a utilização de diferentes pronomes nas representações de diferentes pessoas verbais (Tabela 7, pg.81). Nossos dados apresentaram um significativo número de sentenças com variados pronomes e, em todas elas, o uso da preposição [para] foi categórico.

Com base no exposto, a investigação volta-se para as preposições, com foco na preposição [para] e [a] e suas categorias dentro da gramática gerativa. Pode ser um caminho que explique sintaticamente o aumento do uso da preposição [para] nas construções triargumentais no PB. Ancorados aos trabalhos de Littlefield (2003) e Liz (2009) assumimos que a categoria das preposições pode ser subdividida com base em suas funções nas sentenças.

Desse modo, afirmamos que a preposição [para] faz parte de uma subcategoria chamada pelos autores de semilexical, ou seja, ora atribui papel Θ e caso, ora somente caso, que são acionados dependendo do contexto em que se encontram. No caso das construções com verbos triargumentais, o núcleo verbal atribui o papel Θ aos seus complementos. Assim, nessas construções, as preposições [a] e [para] são funcionais, somente atribuidoras de caso. A explicação para a permissão do uso de [para] no lugar de [a] deve-se aos Papéis Θ de beneficiário compartilhado pelas duas preposições. Já o papel temático de posse carregado pela preposição [a] passa a ser exercido pela preposição [de] compartilhado pelas duas preposições.

Logo, as construções com verbos triargumentais no PB estão modificando seu quadro de representação em relação à preposição que introduz o argumento interno preposicionado. A preposição [para], juntamente com os pronomes, assume as construções em que o AIP possui Papel Θ de beneficiário. Já a preposição [de], ao que tudo indica, parece estar se especializando no Papel Θ de posse do genitivo, no lugar da preposição [a].

No entanto, são somente indícios que apontamos sobre a preposição [de] que foram percebidos no decorrer das análises sobre o fenômeno estudado neste trabalho. O desenvolvimento dessa hipótese ficará condicionado a pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Daiane Gomes; KANTHAK, Gessilene Silveira. **Representações do objeto indireto no português brasileiro**. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/07/RepresentacoesDoObjetoIndiretoNoPortuguesBrasileiro.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2017.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENÍCIO, Marina A. S. **A variação da preposição “a” no emprego dos verbos “visar”, “assistir” e “aspirar” no português brasileiro escrito**. 2008. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- BERG, M. B. A natureza categorial da preposição. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 107-124, jan./jun. 1998.
- BERG, M. B. Relações predicativas das preposições. **Revista da Abralin**, v. 8, n. 2, p. 101-116, jul./dez. 2009.
- BERLINCK, R. de A. The portuguese dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCK, W. (Org.). **The dative: descriptive studies**. Amesterdam: Jhon Benjamins, v. 1, p. 119-151, 1996.
- BERLINCK, R. A. Dativo ou Locativo? Sobre sentidos e formas do “dativo” no português. **Revistas Letras**, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 56, p. 159-175, 2001.
- BERLINCK, R. A.; BIAZOLLI, C. C. Clíticos e preposições: a Norma e o “Normal” em jornais paulistas (1900-1915). **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 850-863, maio/ago. 2011.
- BISPO, K. C. I. F.; SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Estudo comparativo do dativo no português brasileiro e em línguas românicas e germânicas. **Estudos Linguísticos**, v. 34, p. 1343-1348, 2005.
- BISPO, Karla Cristina Iseke F. **A sintaxe do dativo no português**. Brasília, DF: Ed. da UnB. Disponível em: <<file:///C:/Users/Acer1/OneDrive/Documentos/leitura%20sobre%20preposi%C3%A7%C3%A3o/A%20Sintaxe%20do%20Dativo%20no%20Portugu%C3%AAs.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- BRITO, Ana Maria. Construções de objeto indirecto preposicionais e não preposicionais: uma abordagem generativo-construtiva. In: XXIV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 2009, Lisboa, APL. **Textos selecionados...** Lisboa, 2009, p. 141-159.

BRITO, Ana Maria. As construções ditransitivas revisitadas: alternância dativa em Português Europeu? In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 29., 2014, Porto. **Textos selecionados...** Porto, 2014, p. 103-119.

CALINDRO, Ana Regina Vaz. Um estudo sobre as preposições introdutoras de argumentos em português brasileiro. **Linguística**, v. 31, n. 2, p. 61-72, dez. 2015.

CAMPOS, E. A. **O dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém**. 2010. 135. f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, São Paulo, 2010.

CANÇADO, Márcia. O papel do léxico em uma Teoria dos Papéis Temáticos. **Delta**, v. 16, n. 2, p. 297-321, 2000.

CARDOSO, Simão. **O genitivo em português**: (contributos para uma sintaxe e semântica da preposição de). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 1988. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13756/2/2567000072014.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

CASTILHO, Ataliba T de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, R.; FIGUEIREDO, C. Complementos verbais diretos e dativos. In: LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (Org.). **África à vista**: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 90-137.

CHAVES, Elaine. **O surgimento do português brasileiro**: mudanças linguísticas e mudanças tecnológicas, século 18 e 19. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. E. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. Gramática do português contemporâneo. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CYRINO, S. M. L. O Objeto indireto nulo no português brasileiro. **Sigmum – Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 1, p. 35-54, 1998.

CYRINO, S. M. L. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. p. 596-625.

FARIAS, J. G. Variação entre *a, para e em* no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 213-234, mar. 2006.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. A perda do marcador dativo e algumas de suas consequências. In: CASTILHO, Ataliba T. de et al. (Org.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo: Fapesp; Campinas: Pontes, 2007. p. 85-110.

FREIRE, G. C. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana**. 2005. 215 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Christina Abreu. Variação na Expressão do Dativo no Português Brasileiro. In: PAIVA, C. M.; DUARTE, L. E. M. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

KEWITZ, Verena. **Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX)**. 2007. 210 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2007.

LITTLEFIELD, H. **Syntax and Acquisition in the Prepositional Domain**: evidence from English for fine-grained syntactic categories. Dissertation. Boston University, 2006.

LIZ, Lucilene L. **Construções triargumentais**: uma distinção entre os complementos indiretos baseada em propriedades das preposições. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

LUCHESE, Dante; MELLO, Camila. A alternância dativa no português afro-brasileiro: um processo de reestruturação original da gramática. **PAPAIA – Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 19, p. 153-184.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO E SILVA, M.; LOPES, R. **Novo Manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MORETTI, Fabiana Cristina Baldim Lopes. Os verbos bitransitivos do Português brasileiro e a assimetria sintático-semântica entre o objeto direto e o indireto. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, p. 370-380, abr./maio 2010.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. São Paulo: Humanitas; Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

OLIVEIRA, Marilza de. A perda da preposição *a* e a recategorização do *lhe*. **Gel**, 2003. Disponível em: <<http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/maril008.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2017.

OLIVEIRA, Marilza de. Complementos verbais introduzidos pela preposição 'a'. In: RAMOS, Jânia M.; ALKMIM, Mônica A. (Org). **Para a história do português brasileiro**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. p.197-231.

OTHERO, G. A.; KENEDY, E. **Sintaxe, sintaxes**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015.

PEREIRA, Manoel. Bomfim. **A sintaxe do dativo em estruturas com verbos causativos no português brasileiro**. 2013. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.

PRATAS, Fernanda; FIÉIS, Alexandra. **Construções de duplo objeto não derivam de ditransitivas com preposição: evidência do Caboverdiano**. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/linguistica_comparada/equipa/fernandapratas/fieis%26pratas2005_cdo.pdf>. Acesso em: 28 out. 2016.

RAPOSO, E. B. P. et al. **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 2.

SCHER, Ana Paula. **As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil**: um estudo sintático comparativo. 1996. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SILVEIRA, Gessilene. **O comportamento sintático dos clíticos no português brasileiro**. 1997. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SILVEIRA, Gessilene. A Realização Variável do Objeto Indireto (dativo) na Fala de Florianópolis. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.189-207.

TORRES MORAIS, M. A.; SALLES, H. M. L. **Parametric change in the grammatical encoding of indirect in Brazilian Portuguese**. Presented at LSRL 37, University of Pittsburgh, 2007.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida; RIBEIRO, Ilze; FERREIRA, Michael J. Rastreado dativos de 3ª pessoa na gramática de Fernão de Oliveira. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, p. 71-119, jan./dez. 2008.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida. Conversando sobre o objeto indireto nulo no português brasileiro/ Talking about the null indirect object in Brazilian Portuguese. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 171-185, jun. 2010.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida. Sentenças bitransitivas e objeto indireto no Português Brasileiro/ Ditransitive sentences and indirect object in Brazilian Portuguese. **Linha d'água**, v. 25, n. 2, p. 25-50, 2012.

TORRES MORAIS, M. A.; BERLINCK, R. A. “Eu disse pra ele” ou “Disse-lhe a ele”: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: CASTILHO, A.T. et al. (Org.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo: Fapesp; Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 61-83.

VAN HOECKE, W. The latin dative. In: VAN BELLE, W. ; VAN LANGENDONCK, W. The dative. **Descriptive studies**, Amsterdam: John Benjamins, v. 1, p. 3-37, 1996.

WIEDEMER, Marcos Luiz. A regência variável do verbo *IR* de movimento na fala de Santa Catarina. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WIEDEMER, Marcos Luiz. O desenvolvimento das preposições de complemento de verbos de movimento: do latim ao português. **Web – Revista Sociodialeto**, v. 4, n. 12, maio 2014.

APÊNDICE A – Dados

Dados dos programas Ver Mais e Ric Rural de 02/2017 a 06/2017
[...] e pra auxiliar ainda nós temos um.... setor de assistência estudantil, que pode até estar fornecendo bolsas... pra auxiliar no deslocamento, dificuldades eventuais que o aluno pode ter ao longo do curso.
[...] a gente preparo esse festival nesses últimos meses, assim deu um trabalhão danado pra.... São sete peças durante os três dias, peças mais curtas e peças com uma duração maior [...]
[...] eu trabalho num serviço público, lá no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos que é mantido pelo município né.. Esses alunos não pagam nada pra fazer as oficinas [...]
[...] Estados Unidos, por exemplo, que compra produtos oriundos de Santa Catarina e o Japão mesmo, que dão muita importância à ausência de febre aftosa [...]
[...] aí se deu uma volta ali na linha, então, pra gente firma [...]
[...] acho que a adolescência também é um momento difícil, a gente que já passou por isso sabe né, é muita coisa passando pela cabeça tem que dá uma atençãozinha especial pra essa galera.
[...] na dúvida pergunta mesmo pro farmacêutico, pro médico pra tomar o medicamento correto.
[...] nós compramos uma motinho no leilão pra desmancha [...].
[...] a Taiane estava lá, por exemplo, aquele dia, mas não quis me dá a entrevista, a gente deu um jeitinho de trazer ela aqui pro estúdio ... [...].
[...] o chocolate, ele é o chocolate belga, então, ele dá um sabor maravilhoso pro brigadeiro [...].
A Milena tá mandando um abraço pra mãe Carolina.
[...] Eu vou aproveita aqui e manda um beijo bem especial pra dona Marta [...].
[...] Ela tá mandando um abraço aqui muito... pra toda a família, pra mim também, brigada [...].
[...] Estão perguntando sugestões pra pratos salgados com a biomassa.
[...] a criança, ela é enlouquecida por doce, então, uma forma de oferece um alimento saudável pro filho é dando a biomassa [☺] [...].
[...] e feito uma vez ao mês, pra que é... pra dilatação do folículo e desobstrução folículos que estejam... assim, já se fechando e que a partir dessa etapa morreriam...tá, então é muito bacana porque a gente dilata o folículo e dá condições de voltar a ter novos fios [...].
[..]E é isso que o produto faz, volta a dá condições [☺] te terem fios como esse aqui, um saudável numa área enorme [...].
[...] Basicamente o que o produto faz é dar condições pro couro cabeludo e do cabelo voltarem a te a mesma densidade e a mesma espessura.
[...] do couro cabeludo se existe folículo, só a partir daí é que a agente vai dá o direcionamento [☺] a partir da avaliação, que por sinal não tem custo é só vocês aparecerem pra agenda um horário pra gente avaliar [...].
O que mais acontece que as pessoas fazem de errado é dá muita água [☺], por que é... algumas aaah.. tá muito seco vou dá água, dá água todo o dia [☺] [...].
Então a primeira coisa que eu vou faze é coloca as pedrinhas embaixo pra ela

<p>segurar a terra e segura a umidade também, ai tu coloca a terra [...] vou colocar na verdade uma casinha aqui pra.. pra dá um charme, aí vou fazer um caminho [...] depois que eu faço, geralmente eu do uma borrifada com a água né , só pra dá uma limpadinha no pozinho delas também e pra já deixa elas unidas. Eu procuro... assim sempre depois de uns três dias coloca o dedo na terra pra senti como que tá [...].</p>
<p>[...] um aplicativo em que você encontra pessoas que possam lhe dá um pouso, uma pousada[...].</p>
<p>[...] depois a gente passa especificamente pra esmeralda que foi a pedra que a gente escolheu. Acho que tinha uma história interessante dentro da história e a pedra é verde é a cor da escola, então deu tudo certo [☺] [...].</p>
<p>[...] Essa parte de decoração, ela tem uma importância grande porque é o que dá brilho na avenida que são os materiais bonitos, são tecidos bonitos, são acetados bonitos que você tem possibilidade de fazer encima do enredo, você cria aquela proposta pra que o carro fique bonito [...].</p>
<p>Suelen mandando um beijo pra irmã [...].</p>
<p>[...] Tem a página Paoline Studio Hair, se quiserem entrar lá e curtir, se quiserem manda perguntas né... a gente responde com o maior carinho [...].</p>
<p>A região do cérebro ela fica desassistida porque tu tá se envolvendo muito com os problemas, então às vezes tem que dá uma respirada, relaxa tira atenção do problema pra ti, volta pro seu homeostase, pro teu organismo.</p>
<p>O Joel contribuindo conosco mandando um abraço pra todas as mulheres.</p>
<p>A Dalva Galvão mandando beijos e abraços [☺] (....) feliz dia das mulheres.</p>
<p>[...] E quais as formas né... que a caixa oferece pra pode se atender da melhor maneira [...].</p>
<p>Olha só que opção bacana pra você oferece pra sua família, né, um lanche diferente hoje.</p>
<p>[...] Tem gente já mandando mensagem aqui pedindo pra repetir a receita do pão de queijo [...].</p>
<p>[...] Vai dá tempo de você pega a caneta e o papel pra anotar tudo bem direitinho [...].</p>
<p>A Carolina tá mandando fotos do aniversário da filhinha dela [Θ], os padrinhos Nelci e Clair que oportunizaram esse momento pra Milena [...].</p>
<p>Eu vou dá uma batidinha aqui, tá pra dá uma misturada nos ingredientes.</p>
<p>A Elis do Santo Antônio tá mandando um beijo pra você, Ediane.</p>
<p>Eu vim ensinar pra vocês hoje um leite de amêndoas [...].</p>
<p>Esse programa aqui eu vou oferecer especialmente pra Marli [...].</p>
<p>A Danieli mandando um abraço aqui pra toda a família [...].</p>
<p>[..] a gente vai começar a trabalhar com a troca de experiência, né, que são famílias que já adotaram e que estão na fila pra realmente compartilhar esses anseios que a gente tem durante a espera na fila da adoção, talvez se prepara, sabe o que que tem por vir pela frente e o grupo tá dando esse suporte [☺][...].</p>
<p>Até um músico que teoricamente trabalharia com uma coisa que dá prazer, [☺] né, alegre, também tem o lado estressante do trabalho [...].</p>
<p>Alguém já pergunta pra você hoje, como vai você ? Acho que não né, acho que a pergunta [...].</p>
<p>O CVV hoje aqui em Chapecó, ele conta com 32 voluntários né, [...] pra chamar mais voluntário pra atuar junto a ong [...].</p>

A pílula mente, dá uma mentira maravilhosa [Θ], que a gente tem uma pele linda, que a gente não tem TPM, que a gente é legal [...].
[...] na verdade, a gente começo a pedi ajudas, tipo doações né, de roupas, calçados pra gente, arrecadando justamente pra pros custos que a gente tem com os animais, né [...].
[...] E isso é uma coisa que a gente tá pedindo se alguém tiver roupas, calçados, principalmente roupa de criança e de homem [ϑ], que a gente tá tendo procura e temos com poucas né, se alguém quise ajuda pode tá levando ou depois também deixa o contato que a gente entra em contato pra ir busca né[...].
[...] Então, a gente precisa sim dá uma qualidade, [ϑ] enquanto eles continuam, né [...].
[...] é tão esperado o evento aí, pra esse final de semana né, pra proprio, ppro, proporciona né, desculpa, mais lazer e entretenimento pras famílias chapecoenses [...].
[...] A gente resolveu monta uma banda e vamos proporciona a todos uma, um bom final de evento [...].
[...] Então, vamos apresenta a banda pra que não conhece ainda [...]
[...] A Idiane Machado aqui diz que é música das boas, aí tá pedindo qualquer uma pra ela [...].
[...] sim eu mando bastante pra São Paulo, Rio de Janeiro, já mandei pra Manaus, Maranhão, a gente tá mandando...mandei já pra Itália uma vez [...].
Deixa eu mostra aqui pro pessoal, o que que você colocou aqui pra fazer esse [...].
[...] ela dá um diferencial [ϑ], mas tudo bem se eu fize com a de rosca [...].
[...] deixa eu aproveitar agora esse momento e manda um abraço aqui pra Zaira e pra Zilma [...].
[...] onde que realmente nos dá sustentação, nos deixa de cabeça erguida pra pode trabalha, mostra pras pessoas o nosso trabalho [...].
[...] o Jonas tá mandando um abraço aí pra mãe [...].
[...] pode acessa lá o site www.caixa.gov.br e conferi a sua data pra recebimento [...].
[...] principalmente naqueles casos em que o o empregador não comunicou ao fundo de garantia a data de saída do trabalhador [...].
[...] Então, como é que a gente vai prepara esse ovo hoje [ϑ], é fácil dá pra fazer em casa tranquilo [...].
[...] e com isso com certeza proporcionando um melhor atendimento pras nossas pacientes, pra toda a comunidade [...].
[...] e aí tá mandando um recado pra vocês [...].
[...] A Franci o Nick e a família ai tão mandando os parabéns pra você [...].
[...] amo chocolate, manda um pra mim [...].
[...] tu pode contrata qualquer pessoa, mas nessa relação se eu pedi [ϑ] pra você contrata como empregado um amigo meu, normalmente é o que ocorre [...].
[...] esse relógio que ele é instalado e ele conforme o sol ééhenn, nasce e vai se pondo ele faz uma sombra e indica, então, qual é o filtro solar indicado né [ϑ].
[...] isso, no amarelo está indicando que o filtro solar 30 seria o mais indicado

[☺] [...].
[...] a gente vai fazer uma pausa aqui com vocês vou pedir licença [☺], meninas, por que a gente vai falar de um evento [...].
[...] ele ... ele vai tá junto com a BV financeira com despachantes junto com empresa de vistoria de seguradora dando um o suporte e o total apoio pra que você possa ver valor [...].
Isso aí gente o Ver Mais de volta pra você vou manda um abraço bem especial pro Rafael [...].
[...] tem uma telespectador pedindo sobre tratamentos pra manchas no rosto e nos buços [...].
A Mari do líder tá mandando um beijo, aqui pra mãe Rosalina e também a Lu [...].
[...] então agora a gente vai dá início a montagem [...].
A Luciana Sales lá do Efapi tá acompanhando o ver mais que tá muito bom tá mandando um beijo pra ti, Ivone.
Kauane mandando um beijo pra todos os torcedores da Chape e do Atlético Nacional de Medellín.
Porque depois o próprio recheio, aqui vai dá a consistência [☺] que ele precisa tá.
[...] eu acho que vou pedi [☺] pra eles fazerem isso no meu carro [...].
[...] obrigada por vocês darem essa oportunidade pra gente tá aqui mostrando nosso trabalho.
[...] e mexe um pouquinho na cor dele e dá um efeito mais... uma anuência mais elegante pro perfil dela [...].
[...] então, o que a gente vai trabalhar, o repicado dá uma leveza [☺], porém, sem tirar muito o cumprimento [...].
[...] muda a cor que você vai mudar totalmente, sempre tons mais claros já vai dar uma elegância diferente [☺] [...].
As meninas que mandam fotos pra gente [...].
[...] a gente conseguiu doação, o chefe do meu esposo doou pra alguns dias, pra 40 dias [...].
[...] quer dizer que então, o autista pode ir também ao cinema [...]?
[...] Ótimo, coisa boa gente, muito evento ai pra participa e pra quem não tem a convivência com o autista [...].
[...] o sistema público oferece toda a assistência pro autista?
[...] por que você chega lá e não conseguiu entrega uma pra cada um [...].
[...] aí, a gente vai acompanh, vai fazer a gravação dessa entrega também pra você pode vê onde é que foi a sua doação [...].
[...] A Jaque Antunes mandando um beijo pra mamãe.
[...] a financeira ou banco deve oferecer um parcelamento dessa dívida com juros menores [☺] que é o famoso juro do empréstimo pessoal.
[...] eu usei todo o limite do meu cartão de crédito e eu não vo tá podendo pagar [...] será que eles parcelam ? Em quantas vezes pra mim, será que vão me cobra muito juro [...].
[...] fazer uma reclamação no PROCON solicitando que seja notificado o banco para que tome providências no sentido de dar um desconto [☺] [...].
[...] realmente dá muito emoção [☺] e a gente se sente emocionado quando termina.

[...] além de alisar ele faz um tratamento no fio e dá um aspecto super natural [☺] [...].
[..] ele não rompe o fio, ela dá muito brilho pro cabelo .
[...] A Suzana de São Miguel do Oeste tá mandando um beijo pro filho Yohan .
[...] muita gente perguntando aqui, a gente não costuma dá preço [☺] tá... Mas o que eu posso fazer é deixar que a Pauline faça o convite pra visita [...].
[...] o nosso pagamento e o sorriso delas né Ano passado nos fomos entrega doces, brinquedos [☺], mas levamos sextas básicas também, então, pra esse ano a gente que repeti e vamos ampliar [...].
[...] então, no contexto é um serviço de adaptação, onde a lente não é vendida, a gente não vende lente, a gente, o médico oftalmologista cuida dos seus olhos e ele diz assim: você não pode usar lente, você é alérgica, você tem um olho seco, a lente gelatinosa não serve pra você [...].
[...] é como te pedir pra ir a uma loja e diz: - me compra um tênis, que número, qualquer um [...].
[...] com os preenchimentos nos vamos tentando melhorar, dá mais sustentação à estrutura muscular [...].
[...] vou pedir para senhora ficar mais sentadinha, mais retinha, para gente pode dar uma olhada Lu, pra você mostrar Dra, os locais que precisam da dona Elzira.
[...] Ela dizia pra gente, tava contando aqui fora do ar.
A Rosinha aqui de Chapecó, ela tá pedindo [☺] se esse tratamento pode ser usado pra corrigir a flacidez do pescoço.
[...] ele é um produto que dificilmente dá qualquer tipo de complicação [☺], claro.
[...] a gente consegue dar uma olhadinha aqui meninos... vamos fechar um pouquinho no rosto da Dona Alzira pra gente já dar uma olhadinha de um lado pro outro.
[...] depois eu te passo as informações que você tá pedindo [☺]ai [☺]aip [...].
Nunca pensei (não compreensível) de chegar a esse ponto de haver um evento pra dizer que leite não faz mal pra saúde [...].
Nós queremos mostrar e desmitificar muito do que vem sendo construído nos últimos anos em relação aos malefícios do leite, são inverdades que estão sendo construídas e faladas e o nosso...nosso objetivo aqui hoje é mostrar que o leite é saudável, que o leite é necessário ao longo da vida [...].
[...] A indústria de carne suína anunciou nessa semana que vai baixar o preço pago ao produtor, de acordo com a associação catarinense de criadores de suínos, o mercado segue estável para os produtores independentes e o quilo deve permanecer em R\$3,70 essa semana. A preocupação ficou para os produtores integrados, a cooperativa central aurora anunciou a baixa de 10 centavos, assim o preço fica em R\$ 3,30, a JBS alterou para R\$3,20, a Pamplona e a BRF também sinalizaram que vão reduzir.
[...] os contratos de integração precisam tratar dessas questões, agora de maneira pontual, indicando quais são as responsabilidades para cada um dos integrantes dessa relação jurídica.
[...] gradativamente elas serão formadas com o objetivo de estabelecer elementos que informem, preços, índices, os parâmetros em geral, produtos com as suas características, com suas qualidades [☺], e solucionem os conflitos decorrentes da relação, sem é claro, excluir né, a apreciação do judiciário os conflitos que doravante surgirem [...]

[...] e aqui nos vamos coloca a nossa farinha de trigo, então nos vamos coloca em uma vasilha pra gente pode faze a nossa farofa, e nos vamos esta colocando 10 colheres de açúcar, tá, você pode esta misturando , ok, nos vamos da uma misturada aqui, tá, pra da um incorporada no açúcar e na farinha.
Móveis velhos, mas com uma cara nova. Eu tenho certeza que você aí na sua casa já pensou em dar uma repaginada em uma peça antiga [☺], mas faltou inspiração ou até mesmo ideia de como começar [...].
[...] a pet colagem é uma ideia também legal pra de repente você dá uma cara nova pros móveis [...]
Então, Ana é aqui no seu ateliê que você costuma dá uma cara nova às peças.
[...] por último a gente passa uma camada de cola em toda a banquetta pra pode dá o acabamento da lixa [☺].
Espero que ela fique muito surpresa e goste deste presente que a gente vai esta dando pra ela [...].
E a senhora não contou pra ela que a gente ia vir aqui [...].
A produção do Junior Vila mando um aparelho novo pra ela e a Gabriela já mando uma mensagem pra gente também [...].
Depois da doença eu sinto que fiquei mais forte e do mais valor à vida [...].
[...] e agora manda o nome da tua mãe pra eu lembrar [...].
O Tião gaitaço tá mandando uma mensagem aqui pra gente pra homenagear o pai dele, o seu José [...].
A Vanessa do Passos dos Fortes tá pedindo um beijo pra mãe Cristiane [...].
[...] tá gostando muito do programa mandando um beijo aqui pra mãe [...].
A Salete que é muito fã de sopa tá pedindo [☺] pra passa a receita de novo [...].
As mães podem literalmente se preparar para ir na feira e compra produtos para bebês e crianças.
O ingresso dá acesso a toda a programação [...].
[...] pode conhece dessa vez, se não deu agora pra setembro já se organiza [...]
A gente tá aqui pra realmente dá todo um suporte pra ela, não só nesse momento [...].
A Zelinda tá aqui, a gente vai mostra ela já já pra você [...].
[...] fique a vontade pra manda uma mensagem pra gente [...].
[...] é uma das dicas que eu sempre do pras clientes né [...].
[...] então, a gente dá todo esse acompanhamento busca apoio junto a entidade constituídas e ao governo também pra dá um atendimento pra essas famílias [...].
[...] antes de dá um animal de presente pra uma criança [...].
[...] Cada 7 ou 8 dias tu tem que dá um antiinflamatório pra ele [...].
[...] muito recomendado os tratamentos a laser pra melasma. Né. [...].
[...] fazer esse caminho né, em conhece essas histórias e prepará-las também como mulher pra entrega [☺] pras pessoas hoje [...].
[...] eu acabei escolhendo o caminho da ancestralidade pra fala sobre as nossas avós, pra fala sobre as mulheres [...].
[...] um ambiente bem gostoso, bem aconchegante preparado bem pro tema pra que as pessoas se sintam realmente acolhidas [...].
[...] tenho certeza que a Chapecoense vai dá muitas alegrias pra gente esse

ano [...].
[...] Oi manda um beijo pra mim, Angela [...].
[...] que é uma necessidade que a gente tá encontrando, porque tão chegando cadeirantes para te os atendimentos na nossa entidade então a gente precisa dá o mínimo de acesso pra eles também [...].
[...] e a gente pede que toque no coração das pessoas para que nos ajudem [...].
[...] a gente também gostaria de agradece aos nossos colaboradores que vão estar nos ajudando [...].
[...] então, pode pega ingressos pra vende, tanto pra compra ingressos pra família quanto pra vende [...].
[...] e a gente também tá pedindo agora doações de roupas pro inverno né [...].
[...] e aí a pessoa que tá em casa ela consegue dá mais atenção a esse animal, né [...].
[...] mas o instinto de uma grande mãe deu força para Magda continuar [...].
[...] a atenção que você não conseguiu dá pro seus dois filhos, você deu pra direciona pra Lorena [...].
[...] por isso que sempre um casamento formal, ele dá uma garantia maior [☺] ele estabelece assim uma condição de início e uma condição de fim [...].
[...] uma blusa de moletom com uma estampa que dá um ar bem inovador pro look [...].
[...] ele tem também os paetês que dão um ar mais arrumado pra ele né, mais fashion [...].
[...] Daiane foi uma das primeiras a manda mensagem para participa do quadro loucas por beleza [...].
[...] Pra eu chama ela pra cá [...].
[...] Será que eu chamo ela já pra gente vê como ela ficou [...].
[...] você pode manda sua mensagem pra cá [...].
[...] a gente fica mais com frio, aquela coisa toda já dá uma preguicinha pra sai de casa [...].
[...] aí, se chama o crush mais cedo pra ajuda rala a batata [...].
[...] olha aqui, óh, vo mostra pra vocês aqui [☺], não sei se dá pra pega ele , ainda [...].
[...] Você que está em casa nos acompanhando pode manda sua mensagem pra cá [...].
[...] está aberta a interatividade manda [☺] pra cá, inclusive se você fez alguma receita [...].
[...] faça a receita depois nos manda uma foto pra vê como é que fica [...].
[...] eu preciso manda um abraço pra Adelina [...].
[...] envolvendo esses municípios mais próximos de Chapeco que se dirigem a Nonoaí para agradece e pedi graças alcançadas [☺] [...].
[...] a Claudia do Passo dos Fortes tá pedindo um beijo pra Evelin [...].
[...] e agora a gente vai conferi, então, quais são as tendências para este ano [...].
[...] então, eu decidi encomenda um da revista [☺] que eu achei lindo, quando ele chego que eu vesti não era nada daquilo que eu imaginava em mim.
[...] que ela tem a diferença de cor mais pras pontas do cabelo que deu todo um charme [☺], ficou bem bacana [...].

[...] a gente sempre vai indicando pra ela faze mechas, conversa, faz aquela consultoria pra ela tá fazendo [...].
[...] a Graziela quem que pode mostra [☺] OD pra gente,Jair olha só [...].
[...] cuidado com os vinhos doces de garrafão, aqueles vinhos suaves que são os famosos vinhos doces, aquelas lá tem uma quantidade de açúcar muito grande junto, somado a energia ao valor energético do álcool, aí fica uma bomba calórica né, então assim, o que que eu indico, que que eu recomendo , o vinho tinto seco [☺] porque , porque ele é um alimento, ele é considerado um alimento funcional [...].
[...] a promoção do Ver Mais que dava oportunidade a um telespectador conhece a dupla de perto [...].
[...] pelas entrevistas que eu vi que você já deu [☺] [☺] aí em todo o Brasil, você sempre fala que é muito fã do Leonardo [...].
[...] a Luisi que mando a mensagem pra gente [...].
[...] porque se um filho teu pedi pra você paga um dentista você vai paga o dele primeiro né, se eles te pedi pra você corta o cabelo [...].
[...] e a gente vai conferi, então, um pouco de como foi, foram, aliás, todos os processos pelos quais a Lucia foi submetida aí pra consegui essa transformação [...].
[...] nós escolhemos com carinho os produtos que foram usados pra Lucia [...].
[...] hoje Deus deu a Clara pra ela que completa os dias por isso ela aproveita cada minuto.
[...] o resultado do exame que deu não pra H1N1 [...].
[...] qualquer pessoa que tem interesse de trabalha com voluntariado a gente orienta, a gente dá todos os treinamentos que sejam necessários [☺],então, relativos e se a gente for trabalha com a família, com a criança de como se comporta [...].
Mas, quem planeja com antecedência tem as suas vantagens viu, tem gente que já comprou pacotes pras férias de verão.
Vo toca uma que é relativamente nova, então, ela representa bastante pra mim. E eu vo mostra um pouquinho pra noite [☺] vou faze com a banda, né.
Elas trocam peças em momentos específicos, ao invés de você compra, às vezes, um vestido pra uma festa, pra usa uma vez [...].
[...] se pode mostrar pra gente como é esse macaquinho [...].
[...] ou seja, cores iguais ou muito próximas , então, aqui não tá dando tanto destaque pra calça [...].
Aline nos conte [☺],então, pra quem de repente tive interesse nas peças que a gente vem mostrando[...].
a infusão ela é indicada pra quando você vai prepara um chá a base de folhas [☺].
[...] vai tá acompanhando esse aluno, vai tá junto no treino, vai tá dando motivação pra ele ergue mais peso, dá um pouquinho mais de si [☺], se dedica um pouquinho mais.
[...] mas, a gente tenta coloca cor, coloca estampa pra transforma não tão fechado [...].
[...] se a gente começa a coloca as coisas muito grande dentro do pão [Θ], pode acaba derrubando [...].
[...] né, ela coloca pra mim o peso, mas eu não sei a altura [...].

[...] é delicada nos precisamos, nós temos que apostar que as autoridades como o ministério da agricultura vão coloca à disposição dos compradores internacionais as informações necessárias pra resaltar a qualidade da produção de carnes [...].
Na foto a Cléo Pires tava com um blazer, mas pra dar uma modernizada a gente resolveu coloca, então, uma jaquetinha jeans [☺] [...].
[..] então, colocando alguma informação a mais para expressar essa ideia [...].
E de certa forma não coloca química na raiz é benéfico pro cabelo.
[...] tenta senti a tua respiração, vai sentindo a respiração e tenta tira ela do pulmão e coloca ela pro abdomen [...].
[...] Posso coloca num banheiro, num lavabo, fica mais adequado pra que ambiente aqui [...].
[...] Debora conta pra tia, alguma vez você já calçou o sapatinho da mãe colocou um colar ou uma roupinha da mamãe pra fica igual a ela [...].
Mas é só uma demonstração da técnica mesmo né, teria que ser aplicado todo o produto, foi colocado só um pouquinho pra inicialmente vê o resultado.
[...] vamos pega a banana, certo, as bananas tá, eu to utilizando banana caturra, tem que ser madura, tá, e nos vamos cortar conforme a banana e nos vamos estar colocando ela na... no refratário, feito isso nos vamos coloca nossa canela em pó [Θ].
[...] então, tem famílias que também se beneficiam, né, desses materiais que são colocados à venda e podem adquirir isso de um preço, né, digno também [...].
[...] justamente a gente tá colocando [☺] pra todos os animais [...].
[...] no terceiro look a gente tento coloca cores mais claras e mais colorido pra vê como ela se sentia [...].
[...] um corte, onde nos vamos coloca esse cabelo mais pra frente [...].
[...] e aqui nos vamos coloca a nossa farinha de trigo, então nos vamos coloca em uma vasilha pra gente pode faze a nossa farofa, e nos vamos estar colocando 10 colheres de açúcar , tá, você pode esta misturando , ok, nos vamos dar uma misturada aqui, tá, pra da um incorporada no açúcar e na farinha.
[...] Nós vamos estar pegando a nossa manteiga ou margarina, e nos vamos estar colocando nossa manteiga aqui ou margarina tá, [☺] agora [...].
[...] que possa, então, traze esse produto de qualidade à mesa dos consumidores [...]
[...] olha só esse look que ela tá trazendo pra gente em aline, caramba [...].
[...] a gente já está mais aberto, então, pra receber cores, como este look aqui que eu trouxe pra mostra, olhando aqui sem dúvida a calça é a peça chave [...]
que é técnica de cultura do sesc aqui de Chapecó também vem trazendo informações aqui pra gente 22/06/2017
[...] é meu puxão de orelha assim que me traz pra terra, eu viajo muito, então, ela me traz pra realidade [...].
[...] o moleton ele traz um conforto bem bacana [☺], ele também tem linha de alfaiataria que tá sempre em alta [...].
[...] o festival disfarçados ele traz música, dança, cinema e teatro nos espaços públicos aqui de Chapecó [...].
Eu acho que trazer pra cozinhas as crianças é uma coisa que a gente precisa também, a criança tem que ir pra cozinha com a mãe , a gente ia né, quando

era pequeno a gente aprendia a fazer um arroz, aprendia a fazer uma salada, aprendia a fazer alguma coisinha, isso traz a criança pra o equilíbrio alimentar, pra fala da alimentação pra ver de onde vem [...].
[...] Olha só deu certo com a tua ideia de trazer isso pra gente [...].
[...] a gente traz sempre um telespectador aqui pra aprender a receita [...].
[...] Então, nas meninas que começam a menstruar que é quando, geralmente, as trazem pra consulta ginecológica [...].
que nem a cavalinha que você trouxe aqui hoje que vai contar pra gente como é que faz o suchá.
[...] a gente sabe que existe um aumento do consumo de chá nesta época do ano né, e eu sei que você trouxe umas dicas muito bacanas pra gente, queria que você contasse o que que você trouxe pra cá hoje [...].
[...] isso que é importante né, aproveitar essas oportunidades pra apreciar uma boa música né, tenho certeza que vocês foram pesquisar lá e trazer gente boa pra cá, pra nossa região [...].
[...] Então, uma lei como essa, qual que é o problema dela, que aparentemente tem alguma inconstitucionalidade e que ela, ela traz uma piora e não traz nenhuma compensação pra melhor, então as leis [...].
[...] e aí a gente vê o que a Dra Cassiane nos trouxe aqui pra gente poder explicar [...].
[...] Esse quadro bacana que sempre traz um telespectador, uma telespectadora pra acompanhar com a gente a receita da terça-feira [...].
[...] As modelos aqui que a Jane traz pra passarela são mulheres normais que usam numeração normal [...].
[...] E essa receita que você tá trazendo pra gente hoje aqui, tá no cardápio lá também? [...].
[...] que a família venha pode trazer o filho, o gato, cachorro, a filha, o avô, a avó, vai ter show pra todo o público presente [...]
[...] uma salada temperada com flores das mais coloridas, das mais tradicionais, até botão de rosa está entre as comestíveis. Além de trazer beleza para o prato, elas [...].
O pessoal de toda a região na moda né, com todos esses looks lindos que a gente trouxe hoje aqui [s]. Aline vou te agradecendo muito obrigada [...].
Se tiver alguma sugestão sobre assuntos ou pautas pode encaminhar para o ricrural@risc.com.br.
E eu também faço a mim né, eu não quero trazer pra dentro da minha propriedade um animal doente.
E cada vez mais o processo, ele é colocado sempre na melhor maneira possível para que o consumidor não tenha problema [...].
Pode colocar um papel toalha, por e enxugar um pouquinho pra gente diminuir a quantidade de gordura.
[...] é com muita alegria que a gente está chegando trazendo essa edição aqui pra você.
[...] E a gente tenta trazer as matrizes, que a gente consegue pro Cidi né, [...].
O atraso na colheita se deu exatamente pelo excesso de chuva, até porque coloca uma máquina para fazer a colheita no solo encharcado [...].
[...] É um projeto que traz cultura gratuita pra toda a população [...].
Depois que tive pago esse investimento a tendência é aumentar, coloca mais painéis pra produzir mais energia.

O simpósio Brasil Sul de avicultura vem se consolidando a cada ano como uma referência de desenvolvimento de conhecimento técnico pra suportar todo o trabalho feito na avicultura, principalmente a brasileira, mas também hoje em função da sua importância, do seu aprimoramento técnico tem trazido colegas de toda a América latina [☺].
Eu coloquei um pouquinho de orégano pra dá um sabor no queijo.
[...] envolvendo esses municípios mais próximos de Chapecó que se dirigem a Nonoaí para agradece e pedi graças alcançadas [...].
[...] então, como a gente já coloco o feijão pra ele dá a primeira pré cozida , quando ele ferveu você desliga e deixa um pouquinho [...].
[...] da fetraf a federação da agricultura familiar de SC né, então ela está completando 20 anos aí, e eles se reuniram pra fala dos desafios desse período, dos desafios do futuro também e a gente acompanho, e a gente mostra [☺], agora [...].
[...] o programa mesa Brasil do SESC distribuiu essas doações para 17 mil pessoas [...]
[...] de Santa Catarina a vender carne suína para o país asiático [...].
[...] é essa empresa que oferece uma novidade, um aditivo para a ração e a água [...].
[...] nós vamos vende uma parte pra paga as contas [...].
[...] exclui famílias déficit habitacional e direciona as contratações para outras localidades [...].
[...] no sindicato né, para pedir né, a casa [☺] ou concorrer a um recurso uma vaga pra te esse recurso [...].
[...] o objetivo era consegui parte do maquinário para a agroindústria [...].
E se quiser fala conosco mande um e_mail para ricrural@ricsc.com.br [...].
Em SC as cooperativas estão tendo que utiliza outras formas de armazenamento para absorver a demanda [...].
[...] a intenção do comitê é propor ações conjuntas para fortalece a vigilância.
[...] se você quise compra aquele sem casca pra não perde tem a escolha é toda sua.
Em Itajaí terrenos baldios estão dando lugar a hortas para produção de orgânicos.
Ela é muito delicada, a gente consegue porque se olhar pra ela mesmo ela quebra no arranca.
Nesse ano a gente conto em nove dormitórios diferentes pra chega nesse total de 920 [...].
Para os futuros biólogos que já participaram de levantamentos em anos anteriores essa é uma experiência única porque todos estão dando uma importante contribuição para a preservação de uma espécie [...].
Especialistas estiveram reunidas em Chapecó para um workshop e nós acompanhamos esse encontro e mostramos pra você agora no programa.
Estiveram reunidos no 3º seminário apícola regional realizado na cidade de Xaxim, nós acompanhamos o evento e mostramos [☺] aqui na programação.
Papel e caneta na mão porque essa receita foi escolhida a dedo pra você.
Essa época agora de inverno o grande problema nosso é que nos como você viu aí, não temos pasto né, então nos temos que se prepara [☺] pra trato de

cocho.
A cooperativa ela está fornecendo alimentos para a merenda escolar.
[...] como nós estamos fornecendo alimentos para crianças.
A gente preparo uma receita especial feita especialmente pra você.
As pessoas que participam desse seminário poderão aprende com os pesquisadores, com cientistas da área alternativas que possam ser oferecida [9] pra nossa comunidade como forma de melhoria.
E o governo federal anuncio a liberação de mais de 30 milhões de reais em recursos para o plano safra.
E agora a gente mostra os indicadores agropecuários para o mercado de grãos em algumas cidades.